

Memórias do Cárcere – I **de Camilo Castelo Branco**

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

As *Memórias do Cárcere* foram escritas na convalescença duma grande enfermidade moral. Conheci quanto pode o homem sobre si próprio, em quarenta dias de laboriosa provação, que tantos empreguei em ordenar estes quadros, que constituíram dois pequenos volumes na primeira publicação. Consistiu a minha luta em fingir uma estóica serenidade, que, tão ao revés da minha índole, vinguei e dissimulei. Assim mesmo haviam relanços no livro em que o propósito não lograra sopesar o espírito. Esses relanços desagradam-me agora, e hei-de cancelá-los espontaneamente. Ainda bem que de mui pouco me incomoda o arrependimento. Se me disserem que outro homem poderia dar mais louvável exemplo de cordura e mansidão, responderei que exemplo mais louvável só poderia dá-lo quem se calasse, em analogia de circunstâncias. Isso, a tê-lo eu feito, me seria agora motivo de muito orgulho – o orgulho de quem se alevanta superior às dores e às afrontas.

Este livro esteve a naufragar, quando eu cuidava que ele ia velejando em mar de leite. O título dera esperanças, que o texto desmentira. Afizera-se o venerando público à ideia de que as *Memórias do Cárcere* eram uma diatribe eriçada de injúrias, sarcasmos e glosas ao escândalo, que desgraçadamente as dispensava, tão à luz do sol se desnudara arrastado por praças e tribunais. Saiu o livro, mentindo às esperanças de muita gente, que o esperava à feição de sua vontade para ter o prazer de me condenar. O resultado foi condenarem-me, porque raras vezes estas páginas se enlamearam no assunto lastimável que as sugeriu.

Para contrafazer ao desconceito que algumas pessoas votaram ao livro, saiu-me favorável o parecer de outras, que mostraram desejo de ver esta obra expurgada de algumas manchas que lhe afeiam a continente placidez com que discorre quase sempre arredada da minha questão toda pessoal, e por isso mesmo odiosíssima.

Desgostos mais graves me sobrevieram. Inimigos mais estúpidos que maus quiseram ver, no modo como eu falei do meu prestante e obsequiador amigo José Cardoso Vieira de Castro, uma intencional e pouco rebuçada desconsideração. Doeu-me de veras isto, mormente porque Vieira de Castro, de feito, se quis ver desconsiderado nesses períodos, que vão agora integralmente reproduzidos. A calúnia de gentio, empenhado em desatar o laços de muita estima e obrigação que me ligam àquele cavalheiro, enojava-me; porém, o assentimento do moço ilustrado às aleivosias dos lorpas, doeu-me no mais sensível da minha alma. Se eu agora retocasse alguma das palavras referidas ao meu amigo, quem maior testemunho dava da sua miséria seria eu. Os alarves batiam as palmas, e Vieira de Castro pasmaria!

A imprensa periódica foi benigna com este livro. Nenhuma crítica, ao menos das que eu li, me infamou de escandaloso o escrito. Grande número dos censores notaram e louvaram a inofensiva contextura destas historietas, que, em geral, miravam a fazerem-se ler alegremente. Se o consegui, esta suprema violência, que eu fiz ao meu espírito, devera ser tida em conta, não de habilidade, mas de muitíssima força de alma.

CAMILO CASTELO BRANCO

DISCURSO PRELIMINAR

Quem vir, em obra de tão pouca monta, o empavesado intróito dum *discurso preliminar*, entra logo a sorrir do desvanecimento com que um fútil romancista vem com a sua obra arreada de composturas, que só concertam ao justo em escritos de ciência, de filosofia, de história, e algumas vezes nos reportórios.

Acudo eu logo, por minha modéstia e bom juízo, alegando que *discurso preliminar*, neste caso, quer dizer que o autor, antes de folhear os seus apontamentos do cárcere, há-de entreter-se algum pouco espaço com recordações, nem mais saudosas, nem gratas, que as dos ferros, mas benquistas do espírito e da gratidão que as reservou para esta hora. De gratidão, digo, e depois virá o porquê.

Em uma risonha tarde de Maio de 1860 chilreavam as aves o seu hino crepuscular e de despedida ao formoso sol daquele dia. Os coretos dos alados cantores eram as amoreiras e acácias floridas da Praça de D. Pedro, as quais vaporavam de suas urnas de branco e rosa aromas suavíssimos. Por entre o arvoredo se andavam passeando e deliciando os amantes da natureza; e ela, deles namorada, parecia guardar-lhes para a noite os seus enfeites de mais primor, como fina amante, que mais se poetiza e doura, e entenece ao pálido luzir das estrelas.

E estava eu contemplativo e devaneando nisto, quando a carta de um amigo me avisou de uma sentença que me privava de contemplar as acácias, e aspirar os aromas, e escutar arroubados os hinos das aves. Ao aviso acrescia o conselho da imediata saída do Porto, antes que os aguazis me levassem a sitio onde os perfumes das árvores em flor da Praça de D. Pedro deviam chegar muito degenerados.

Pareceu-me razoável este argumento de perfumes, e aceitei o alvitre do desterro, desterro voluntário para onde quer que a superabundância de getas me desse azo a julgar-me em parelhas com Ovídio, comparação em que tanto Ovídio como as nossas províncias do norte se deviam magoar por igual, se o autor não estivesse gracejando.

Às nove horas da noite desse dia, aí perto da igreja do Bonfim, senti a consolação das lágrimas, não minhas, lágrimas estranhas, que são, em alma adusta, como a nuvem que o céu abriu em vertentes sobre a terra rescaldada. Este chorar consolador era de homem que vai a meio caminho da vida com a mimosa sensibilidade dos quinze anos. Era Custódio José Vieira, o fervente tribuno, o cavalheiro pundonoroso até à bravura, o jornalista virulento, o advogado incendiado em raptos de energia.

Quem dirá que chora Custódio José Vieira? Quantas vezes eu tenho pedido aos seus maus julgadores que o reputem menos sanhudo que o leão de Numídia e o tigre de Benguela¹! Os que o viram tribuno, nas praças e na imprensa, dizem que ele seria capaz de devorar uma família real inteira como quem come um pastelão de pombos. Os que o ouviram nos tribunais, pedindo aos próceres da república que se lavassem de nódoas indecorosas à sua memória, aventaram nele o sanguinário orador romano que pedia a cabeça de Catilina. Os que o viram ir a longes terras pedir desafronta, se porventura dois talentos podem sair-se com afrontamento digno de reparação, cuidaram que o timbroso moço queria ensopar as mãos em sangue, em formar no seu gabinete pavoroso uma galeria de crânios.

Ora vejam que mal o julgava o mundo! Custódio José Vieira se visse um rei em perigo de cair nas garras de algum Cromwell, o primeiro em que ele batia era no Cromwell. Se Custódio José Vieira visse a desonra dum estadista – imerecida desonra – promulgada pelo triunfo caviloso de sua eloquência, o mais atormentado pela calúnia

¹ Em Benguela não há tigres; em Bengala, sim. Como a 3ª edição, que serviu de original, é revista pelo autor, mantemos Benguela, embora convencidos de se tratar de um lapso. (*Nota do revisor.*)

não seria o réu. O acusador, cedo ou tarde convencido de sua iniquidade, iria buscar o holocausto de alheios vícios para lhe dizer no pináculo das honras, ou no raso da sepultura: «Na minha voz repercutiu a voz do mundo, por isso te acusei. Podias lançar de ti o estigma. Não quiseste; sabias que o segredo revelado da tua comiseração te restauraria a honra, acrescentada em outras que se não alcançam por trilhas vulgares. Enquanto os teus mais grados malsins de inventados crimes te gemem elegias ao pé do esquife, sem rasgarem as páginas em que te marearam a velhice, venho eu aqui dizer-te, ó grande que ora és nada, que iniquamente foste infamado, e eu, na torrente dos injustos, injusto fui contigo. Aqui deixo em pó, ao lado de tuas cinzas, a página que dei para o falso apreço da tua vida pública e íntima. Se deste acto me converterem a dignidade em peçonha, tragá-la-ei, para que assim pela expiação se vá remindo a consciência inquieta.»

Assim faria... Assim fez Custódio José Vieira. Tragou a peçonha. Na mansidão com que respondia à crueza dos que a miúdo lha emborcavam, é que se transluzia a máxima virtude da serenidade na expiação. Já todos, aqueles ao menos que viram as últimas pelejas dos ódios políticos, sabem que se alude aqui a Rodrigo da Fonseca Magalhães, o homem que ainda vira mais mal julgado por homens os fastos das nações; o eleito da Providência para morrer já quando as sanhas das facções partidárias estrebuchavam debaixo de seus pés, tendo ele nos lábios o sorriso de Hércules, que despedaçava serpentes no berço, como quem com elas se estava divertindo ².

Hão-de dizer-me que mal cerzida veio para aqui esta nesga impertinente. Não me defendo da censura, que é justa, e vou atar o fio, certo que mereci, por minha humildade, granjear outra vez a atenção de quem sabe perdoar a velhos as delongas e desvios por onde o espírito lhes anda derramado.

Era tudo, e tudo veio para dizer que Custódio José Vieira é uma nobre e compassiva alma. Nunca vi chorar outro homem por minhas dores.

Ali, sob os muros do átrio da igreja, me embarquei na «diligência» que partia, mais duvidosa do seu destino, para a Régua, do que a nau de Cristóvão Colombo para o Novo Mundo.

Éramos seis os audaciosos passageiros. Os irmãos Montgolfier, primeiros invasores das regiões da águia, das nuvens e dos relâmpagos, teriam de invejar-nos a coragem, se ela fosse menos obscura. A cada estalido do chicote as parelhas davam o que podiam – um gemido com suas variantes de couce, no qual invidavam quanta força lhes dava a cólera do ultraje, que os cerros eram surdos, como os dos épicos cavalos de Tolentino.

Os meus companheiros iam pasmados do vagar da carroça e do estrondo das molas, que simulavam o incessante levar de amarras numa nau de três pontes. Estes pasmos eram todos exclamativos, mas a miúdo cortados pelos solavancos do carro. À minha mão direita estava um sujeito, o qual me fez começar ensaios de paciência, que me foram grande bem na inteireza de ânimo com que depois me afrontei com trabalhos

² Em 1852, o ministro Fonseca de Magalhães foi vigorosamente ultrajado por um escritor de vasto engenho e absoluta carência de juízo. Ainda não esqueceu D. João de Azevedo, o virulento autor de *Costa Cabral em Relevo*, e outros opúsculos de petulante e excruciante ódio político. Este era o implacável inimigo de R. da Fonseca Magalhães. D. João de Azevedo morreu de congestão cerebral, no afogo de seu rancor ao ministro, e morreu tão pobre que não havia com que pagar a sege que levasse o cadáver ao cemitério. Rodrigo recebeu a notícia da morte e da pobreza do morto, e logo escreveu a um amigo, incumbindo-o de ocorrer, a ocultas, às despesas dum decente enterro. Nesta carta, que conservo autógrafa entre os meus papéis, que deixei em Lisboa, o ministro engrandece o talento de D. João, e lamenta que os infortúnios e desconcertos da razão o encaminhassem por tão errada vereda. Este facto, ignorado dos biógrafos do grande liberal, dispensa a resenha de outros. Está nele definida a nobilíssima condição daquele homem que foi uma honra nacional. (*Nota da segunda edição.*)

maiores. Recebia-lhe a cabeça como o adarve de fortaleza receberia os embates compassados dum aríete. Quando, à luz matutina, lhe vi o crânio, achei razoável a dureza da pancada.

Era o sujeito um presbítero dos arrabaldes de Penafiel, que viera a concurso dum igreja ao Porto, e aqui deixara a porção imaterial de sua cabeça, o elemento fosfórico³, que era certamente a teologia. O que levava para casa, na grande caixa craniana, em quanto a mim e às contusões do meu ombro direito, devia de ser o encéfalo pesado como chumbo. Não tive tempo de perguntar ao clérigo o que prometiam os teólogos a quem sofria com paciência as marradas do próximo. Vi-o apear em Penafiel, e, a seu pedido, dei-lhe um saquito, que ficara no desvão do banco. «São naturalmente os breviários» disse eu comigo: mas, como eu tomasse o saco pelo fundo, o conteúdo saiu pela boca: era uma rosca de pão-de-ló, e um queijo flamengo.

Os outros companheiros eram cinco pessoas, que denunciavam boa gente da lavoira, aí das cercanias de Amarante e Mesão Frio. Saudaram o sol com um trejeito de desdém, e continuaram a dormir. O meu vizinho fronteiro remediou parte das incomodidades do leito, estendendo a perna direita sobre os meus joelhos. Logo que despertou, disse-lhe eu que podia ele estender outra perna, se tinha gosto nisso. O homem redobrou de delicadeza para comigo, retirando-as ambas, e praguejando contra o carro.

Apearam em Amarante alguns dos passageiros, e entraram outros. Era, um destes, pessoa de venerável sombra e muitos anos, marcados pela alvura das barbas, que lhe cobriam o peito. Não me lembra bem como caiu a propósito o conversarmos; penso que foi por amor de um livro que o velho, a espaços, abria e fechava meditativo.. Relanceei a vista a furto, e divisei que era livro de versos. Dobrou a curiosidade. A poesia naquela decrepidez, a meu ver, só acertava bem tendo o travo lagrimoso dos salmos penitentes. Reparei novamente. O velho deu conta da minha espionagem, e disse afectuosamente:

– Pode ver, se quiser.

Eram poesias do Sr. João Joaquim de Almeida Braga, poeta bracarense, que eu já conhecia como mancebo de muito boa índole literária e incansável estudo de livros úteis. Acertei de abrir a brochura em página, cuja poesia começava sob a epígrafe – PORTUGAL –, se bem me lembro. As margens desta e das seguintes páginas estavam anotadas por miúda e cerrada caligrafia. Li de fugida algumas notas, que me pareceram pueris. Eram apóstrofes ao mau uso que os homens faziam da sua liberdade, e aos ingratos que deixavam morrer de míngua os melhores soldados da restauração. Isto não é pueril; o modo como aquelas ideias estavam formuladas é que tinha ares de objurgatória de criança.

– Estes comentários são do senhor? – disse eu ao velho.

– São meus.

E daqui principiou a contar-me uma história que durou cinco horas, e que eu resumo em dois minutos.

O velho era um fidalgo do Alto Douro, que residia no Porto, onde esmolava para si e sua velha consorte a parca subsistência que algumas famílias nobres lhes davam. Servira a pátria na guerra peninsular, e armara e arreara à sua custa um esquadrão de cavalaria. Saudara a ideia da liberdade, e desterrara-se por amor dela. Voltando à pátria encontrara a mulher desapossada de quatro vínculos, e senhora apenas de propriedades incapazes de ocorrer à sustentação de ambos. Litigou os bens, que eu não sei se de justiça lhe pertenciam, e perdeu os pleitos, consumindo o restante de seus haveres no custeio da justiça. Agora ia ele à Régua cometer conciliação ao possuidor da última

³ Teorias psicológicas da Alemanha asseveram, em nome da química, que o elemento intelectual do cérebro é o *fósforo*. A química é terrível! (*Nota da segunda edição.*)

quinta litigada. Foi infeliz na tentativa, porque, decorridos meses, me visitou na cadeia, pedindo-me lhe escrevesse uma petição ao Senhor D. Pedro V, que demorava então no Porto, solicitando da piedade de El-Rei uma esmola.

Soube eu que o venerando ancião se apresentara ao monarca, e fora reconhecido do Sr. Marquês de Ficalho, e de crer é que a compassiva alma do Intimo amigo do rei consolasse as amarguras do seu velho camarada da Terceira.

Nas minhas voltas pela província de Trás-os-Montes procurei, todas as vezes que passei na Régua, o pobre comentador das poesias do Sr. Almeida Braga, e encontrei-o sempre escrevendo e declamando, a seu modo, contra as injustiças dos homens, e ingratidão dos seus camaradas.

É possível que a mordaza da fome já tenha a esta hora desapressado o género humano das censuras do velho. Não sei no Porto a casa em que vivia, nem o cômoro do cemitério onde possa estar.

Despedi-me do fidalgo pobre, na estalagem da Régua, e cavaleguei em direcção a Vila Real, pátria de meu pai, e a minha primeira paragem depois que a orfandade, aos nove anos, com a sua escolta de infortúnios começou a andar comigo de inferno em inferno. Na primeira aldeia intermédia à Régua e Vila Real, olhei de um alto para a cúpula azulada do céu, que poderia ser o do Porto. Estava no ocidente o Sol, e cintado de escarlata o horizonte. Parei, contemplei, e ouvi o zumbido dos insectos, que brincavam na folhagem dos vinhedos. Levei a vista do coração aos sítios onde corraera a minha infância, não ditosa, mas despreocupada do seu mau destino. Cuidava eu que o anjo da minha infantil poesia me chamaria lá. Avoquei todas as reminiscências gratas; eram poucas; mas essas mesmas se esquivaram.

Não avultaria decerto mais de negro e repelente a perspectiva do degredo a um condenado, do que a mim, naquela hora, se afigurou a terra que eu, de muito, trazia no desejo de ver, cuidando remoçar e aquecer, em certas relvadas da margem do Corgo e sob a copa de lembradas árvores, a parte do coração avelhentada e tolhida pelo gear do meu prematuro inverno. O criado, que me seguia, emparveceu quando viu o meu súbito retrocesso para a Régua. Seguiu-me, sem discutir comigo a topografia da localidade. Na Régua entreguei-lhe o cavalo, e mandei-o para a minha família, donde viera.

– Que hei-de eu dizer lá em casa!? – perguntava pela terceira vez o criado.

– Diz que me deixaste doido.

– A falar a verdade... – retrucou o moço – se o não está, parece-o. Que hei-de dizer eu a sua irmã?

– Diz-lhe que fiquei doido.

O criado foi jurar a minha demência. Que admira, se Custódio José Vieira nessa noite a jurou também, vendo um telegrama em que eu anunciava a minha volta às odoríferas acácias da Praça de D. Pedro?!

Ao outro dia encontrei Custódio José Vieira em Valongo, e com ele a pavorosa enumeração dos tormentos que me estavam esperando no Porto. Não esqueceram ao meu amigo os calcinados areais de África, nem a carneirada, que tudo, pelos modos, a sã moral me decretava. Em compensação, Custódio José Vieira destinava-me as águas-furtadas da sua casa, e a companhia de sua carinhosa mãe, alma de antiga têmpera, que adopta como filhos de sua compaixão todos os infelizes.

Ali estive naquelas águas-furtadas um mês. Não li, não escrevi, nem pensei. Alguns amigos leais me levavam de dias a dias o seu medo da minha captura. No aspecto deles o terror assumia as proporções naturais em amigos que visitassem um regicida. Olhavam para a minha cabeça, como se já cuidassem vê-la desencaixada das vértebras pelo repelão supremo do verdugo. Entrei em mim numa dessas misteriosas

práticas com os meus amigos, vi a profundidade da voragem que ameaçava engolir-me, e deliberei fugir.

A este tempo, o marido de minha irmã chegava a procurar-me no Porto, chamado pelo telégrafo. Acompanhei-o, e não pude fugir-lhe do caminho. Vi minha família, que deixara doze anos antes. Desconheci-a. A irmã de meu pai, decrépita e cadavérica, disse-me que era necessário ser desgraçado para não contradizer os fados de nossa família. Minha irmã, que eu deixara viçosa e bela com duas crianças a brincarem-lhe no regaço, mostrou-me a filha em projectos de casamento, e o filho, pouco depois, académico do primeiro ano jurídico. Ali, ela quão depressa envelhecera! Como o coração me chorava em saudades do tempo que ela tinha bonecas aos catorze anos, as quais eram casadas com uns bonecos, que eu tinha aos nove anos!

– Lembra-se como se chamava o seu boneco? – disse-me ela.

– Não.

– Era Gervásio. E a minha boneca, lembra-se?

– Também não.

– Era Gervásia. Talvez que o mano se não lembre do modo de vida que eles tinham.

– Os bonecos?! Pois eles tinham modo de vida?

– Tinham; eram boticários. Pois não se recorda que as garrafas dos remédios eram pevides de abóbora?

– Agora me lembro; e a mana desavinha-se comigo por eu querer que o marido exercitasse o seu natural domínio da família.

– É verdade, até por sinal uma vez o Camilo vingou o boticário, atirando com a esposa ao tecto da casa, de modo que a arrebentou, e saíram-lhe pelas costas as entranhas, que eram de farelo. Recorda-se?

– Do farelo não me recordava; mas é uma encantadora recordação essa, minha irmã!

Estes colóquios eram interrompidos a miúdo pelos cavalheiros de Vila Real, a quem devo tamanhos afectos de estima, que seria baldo empenho encarecer palavras de reconhecimento.

Mas, nestas visitas, que impressões melancólicas! Saíam-me velhos os sócios da infância, e graves e circunspectos, com óculos de prata e caixa de rapé, uns rapazes que tinham sido meus émulos na destreza e pontaria da pedrada, em que venci muitas vezes os primeiros.

Estive dois dias com minha irmã. Ao terceiro, a inquietação insofrida, o espinho fatal, que me rasga as cicatrizes do coração apenas fecham, cerrou-me os ouvidos às razões amoráveis e judiciosas da minha família e de sinceros amigos. Quase fugido, voltei para o Porto, e vi as amoreiras e as acácias da Praça de D. Pedro mais floridas e aromáticas que nunca.

Refrigerados os ardores da quase infantil saudade da terra em que entrevira o crepúsculo, o crepúsculo somente do meu primeiro dia feliz, sai do Porto, e fui a Guimarães não sei para quê, nem com que destino.

Não sei como é os desgraçados se consolam viajando! Penso que a dor da alma venda aos olhos do rosto o que há belo na natureza, e na mudança das cenas dela. Só bem contempla, e folga de contemplar, o juízo que bem regula, e os sentidos desapaixonados e desprendidos de afectos, que mandam connosco a mortificação da saudade.

Vi lá em baixo, entre florestas e jardins, o berço da monarquia, a faustuosa cidade que teve academia de sábios, que rivaliza com as mais graduadas, em seu tempo, na capital. Nada me lembrou de Guimarães, ao descortiná-la por entre a abóbada do

arvoredo, senão que ali haveria um leito onde eu encostasse a cabeça esvaída de febre. Nem sequer me ocorreu que as mais lindas mulheres, que um viajante francês encontrara na península, eram de Guimarães; e que, numa aldeia daqueles arrabaldes, também o Sr. A. Herculano se depararam as mais formosas.

Muita coisa haveria bonita em Guimarães; mas o que não houve lá para mim foi um leito onde encostasse a cabeça.

Guiaram-me para o primeiro hotel da terra; denominado *o da Joanhinha*.

Este nome soara-me como de bom agouro.

Muita gente desadora o nome *Joana*. Eu também tinha esse capricho de mera eufonia, antes de Almeida Garrett lhe dar foros de lindeza, que os não tem de maior melodia Beatriz ou Laura. Antes das *Viagens na Minha Terra*, todas as Joanas, exceptuada a santa, vistas à luz da história, me pareciam viragos, mulheres-homens refractárias a ternuras, e desenfeitadas de seus naturais adornos.

Aí vai erudição a froixo, como é moda:

Joana de Navarra espostejou o exército do conde de Bar, como qualquer senhora de sua casa rasga peças de bretanha para o seu bragal.

Joana, mãe de Henrique IV, introduziu o calvinismo em França, e teve por isso o desgosto de morrer empeçonhada pelos católicos. Calvinista! Deus nos defenda.

Outra Joana Henriques, rainha de Navarra, morreu em guerra, defendendo uma praça da Catalunha.

Lembro-me agora duma Joana, que me faz piedade. Era a mãe de Carlos V, denominada a *louca*. Ensandeceu-a o desprezo do marido, o arquiduque de Áustria, que a teve em ferros cinquenta anos!

Mas outra Joana me acode logo a desvanecer a piedade daquela: é Joana de Nápoles, que faz matar o marido, e casa com o assassino, e por isso veio a morrer esganada.

Uma outra Joana, sucessora daquela, é uma ladainha de reais escândalos e homicídios de amantes.

Com Joana d'Arc não simpatizo. Aquela heróica restauração de Orleães, se fosse obra miraculosa da donzela, nem assim a lustrava mais em minha opinião. Uma menina, que acutila ingleses por ordem da divindade, dá ruim ideia de Deus, e do seu coração.

E que me dizem duma Joana, que teve o desaforo de fingir-se homem, e subir na jerarquia eclesiástica até fazer-se papa, e denominar-se João VIII?! A esta hora estava este João canonizado, se Joana, quando ia em procissão, não dá à luz do dia e dos círios um robusto menino! Ora vejam por que mãos tem andado a tiara de S. Pedro⁴!

Não me lembram outras Joanas execráveis, senão a Sr^a Joanhinha da estalagem de Guimarães.

O diminutivo aqui é figura que os retóricos nomeiam antífrase. Joanhinha é duma velhez repelente, e está curtida em camadas de lixo empedrado. A sua casa é um pântano de miasmas, e os seus leitos guardam nas furnas, roídas pelo dente dos séculos, muito bicho, coevo do rei Bamba, que lhe cravou a oliveira à porta. O repasto, que ali se dá na banca de pinho contígua ao leito, seria um cozinhado de Locusta, se tivesse a subtilidade dos celebrados venenos da romana. É coisa que puxa pelo estômago, e o desmancha febra a febra.

Não vi onde encostar a cabeça febril, e lembrou-me que tinha ali um conhecido, um poeta, um homem de existência amargurada. Procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos, em Francisco Martins.

⁴ Isto corre assim contado em algumas histórias eclesiásticas. É fábula engenhada pelos protestantes, no intuito de desvirtuarem o pontificado. Agora os próprios protestantes rebatem a invenção da papisa Joana. (*Nota da segunda edição.*)

Dera-mo a Providência. Os infelizes todos têm uma. Deus sonda os corações; dói-se dos que expiam culpas suas; e desce até eles, na imagem dum homem, quando todos os abandonam.

Pernoitei no ergástulo da Sr^a Joanhina, e fui no dia seguinte para as Caldas das Taipas esperar que Francisco Martins me lá desse um leito em sua casa, e um talher à sua mesa.

Este remanso deu-me alma para ir de rosto contra os novos trabalhos. Francisco Martins consolava inadvertidamente, contando desgostos incomensuráveis da sua vida, tão em principio ainda. Entretinha praticando em coisas de literatura amena, que a tem copiosa e variada. O meu quarto estava abastecido de bons livros, em que prelevavam clássicos portugueses, e os mais laureados romances da época. Algumas horas do entardecer passámo-las no rio Ave, em um barquinho, revezando-nos na fadiga de remar, e cismando cada um nas suas saudades, ou nas suas esperanças, mas ambos tristes, quanto o dizia o silêncio. Na vinda do rio, estanciávamos pela *Assembleia*, cujo director, o Sr. Matos, nos contava com veemências de espírito civilizador os seus projectos de dar um baile estrondoso, a despeito dos estorvos com que uma assembleia rival estava empecendo a tão digna manifestação da cultura da terra. Com justo orgulho nos dizia o Sr. Matos que seu primo, o Sr. Visconde da ***, não faltaria ao baile, e esta condicional nos dava azo a crer que os esplendores do programa não eram decerto encarecidos.

A minha fortuna esquerda tolheu-me o prazer de tomar o meu quinhão no festival banquete que o Sr. Matos deu aos amigos do progresso em Caldas, que, sem calemburgo, bem carece delas. Segundo, porém, o imparcial juízo do meu hospedeiro amigo, o baile esteve profuso em serviço, e as famílias saíram de madrugada penhoradas, como é de ver.

Não assisti ao baile, porque decerto não iria ali eu procurar, de vontade e propósito, um insulto à minha cruz. Se, porém, me aprouvesse ir ensopar a esponja do meu fel naquele brinquedo de pessoas alegres, não poderia fazê-lo, que a essa hora estava eu em fuga aos aguazis, concitados por grandes prémios a prenderem-me nas Taipas. Não sei porque artes me chegara às mãos uma carta ida do Porto, recomendando a minha captura. Dizia o cavalheiro portuense ao seu correspondente: «O criminoso é fácil de conhecer, porque tem buracos na cara.» Quando assim me vi denunciado por sinais tão rigorosos e evidentes, entendi que era necessário fugir. Deve ser coisa de costa acima escapar-se à espionagem sagaz da justiça um culpado com buracos na cara!

Fui de Santo António das Taipas para as cercanias de Fafe, quinta do Ermo, onde me esperava, com os braços abertos e o coração no sorriso, José Cardoso Vieira de Castro. Falseei a verdade. Vieira de Castro esperava-me a dormir, naquela madrugada dele, que era meio-dia no meu relógio.

Não me vá esquecer uma impressão, que muito tempo trouxe comigo por aquelas serranias, onde discorri três meses. Era a imagem duma mulher que carregara de Guimarães ao Ermo o meu baú sobre a cabeça, por légua e meia de empinada serra. Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correcção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!

E descalça, a tressuar debaixo da carga, para ganhar a ratinhada paga que se ajustara com o meu arreeiro.

– Foi sempre o que é agora? – perguntei-lhe.

A moça olhou-me por debaixo do baú, e sorriu-se.

Voltei-me do lado do arreeiro, e disse-lhe:

– Conhece esta mulher?

– De a ver há coisa de um ano em Guimarães. Acho que ela veio para ali com a

tropa. Vieste, ou não, rapariga?

– Vim – respondeu ela.

– E donde é natural? – perguntei.

– De Lisboa.

– Que medo de vida era lá o seu?

– Não tinha nenhum. Vivia com meus pais.

– Foi o amor que a perdeu?

Nada me disse em resposta; mas respondeu instada:

– Não me lembre a minha vida, senhor. Faça de conta que eu sou uma desgraçada, que vai ganhar seis vinténs com este baú à cabeça.

Reflecti um instante. Pedi-lhe o baú para o colocar diante de mim, e dava-lhe a paga superior às suas melhores esperanças. Recusou-se a entregar-me o baú, dizendo que a deixasse ir para não voltar sozinha para Guimarães. Delicadamente quis chamá-la a revelações mais minuciosas da sua queda; em vão o fiz. No termo da caminhada pousou o baú, recebeu a paga, limpou o suor e as lágrimas, e partiu seguindo o arreeiro, que olhara por tudo aquilo indiferentemente.

Vi muitas vezes a imagem desta criatura, e pesava-me na consciência não lhe ter dito o meu nome, para ela, mais tarde, me procurar em situação de poder falar-lhe de Deus, e na esperança do orvalho, que o inexaurível céu goteja sempre para as desgraçadas, a quem o remorso e a ignomínia golpeia o seio, e abre o coração requeimado.

Aqui estou eu agora atravessando as salas ainda em trevas, no seguimento do criado, que me conduz ao quarto de Vieira de Castro. Às primeiras palavras, que tartamudeia o meu estremunhado amigo, conheço que o sono o não deixa «fazer estilo» à minha chegada. A sua linguagem é caseira e correntia, toda verdade e coração, sem metáforas, nem filintismos. No *Tesouro de Meninos* não vem mais simples e sincero o: *destes campos, que são meus, podeis forragear à vossa vontade*. Dei-me logo como co-herdeiro daquela casa, e do conteúdo nela; que Vieira de Castro, cá fora, é o soberbo que sabem: em sua casa é um criado dos seus hóspedes.

A quinta do Ermo está situada no ponto mais despoético e triste do mapa-múndi. A casa é magnífica; mas os caminhos que a ela vos conduzem são algares, barrocais, trilho de cabras, vielas tortuosas, e aspérrimos desfiladeiros. Os pinhais e arvoredos, que orlam parte da quinta, são enfezados e desgraciosos. Os largos pontos de vista, assim mesmo monótonos, é preciso ganhá-los com grande fadiga de subida. A vizinhança do Ermo são casinhas de jornaleiros, que vieram ali procurar a sombra do afidalgado edifício.

Nesta casa nasceram o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro, e o ministro dos estrangeiros e da marinha, António Manuel Lopes Vieira de Castro. Ora vão lá inferir do local onde o homem nasce os destinos para que nasce! Daquela natureza tão agra do Ermo, daquelas duas crianças, que por ali se criaram entre matagais, quem daria agouro de saídas tão excelentes?!

Costumava eu sentar-me no escabelo da sala de espera. No espaldar do escabelo estão pintadas as insígnias episcopais, que o presbítero António Manuel Lopes Vieira de Castro revestira em Viseu, antes de ser ministro. Ali é que eu cismava nos dois homens, que nunca vira, e tinha saudades deles e do seu tempo, como se nos houvéssimos encontrado em dias de esperanças ou glórias comuns. Ajudava-me à tristeza usual das minhas cogitações a pêndula de um relógio de parede, que havia já marcado, minuto a minuto, a passagem de uma geração daquela família. Naquele mesmo ponteiro, quantas vezes os dois mancebos poriam os olhos ansiando o instante aprazado para alguma das afamadas aventuras, que os velhos ainda contam à mocidade pasmada dos homens e dos

costumes que lá vão para sempre!...

É de saber que Luís Lopes, António Manuel, e José Vieira, que ainda vive, foram, em anos verdes, três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe, que bastaria a qualquer deles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir, como o rei da Suécia fazia às botas. As mais memorandas façanhas dos Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. Aí apareciam os três campeadores mascarados, como era de uso em mancebos de famílias de alto porte. As máscaras afiavam as chanças de outros chibantes, e deste gracejar de mau agouro procedia o partirem-se as caras por debaixo das máscaras, como se as não quisessem para outro mister, ou as sacrificassem à padroeira da romagem, como os índios se estiram sob as rodas das carroças dos seus ídolos.

A Senhora de Antime é de pedra, e pesa com a charola vinte e quatro arrobas. Os mais possantes moços da freguesia pegam ao banzo do andor. Aconteceu, anos há, ser um dos que puseram ombro ao andor mal visto dos outros, e de um principalmente. Ao dobrar de uma esquina o moço odiado sentiu-se vergar sob as vinte e quatro arrobas de pedra, e morreu instantaneamente esmagado. O principal inimigo do morto foi logo conhecido, e varado por uma choupada, que lhe fez espirrar o sangue e a vida à charola da imagem. Tirem disto a limpeza de consciência e religiosidade daqueles sujeitos, que ali vão dar testemunho de seu favor, com a Senhora de pedra aos ombros!

Nesta romagem é que os Vieiras, em diferentes anos, quando moços, escreveram com o pau a sua crónica imorredora. Quem aventaria então que do pujante António Vieira sairia o ministro dilecto da Senhora D. Maria II, o mestre dos liberais, o amigo e conselheiro dos Passos, do Silva Carvalho, e dos mais estremados estadistas da escola robustecida na emigração, por onde ele e seus irmãos alimentaram esperanças, que viram fenecidas ainda em botão no solo da pátria restaurada! ... Luís Lopes, o desembargador, pai de José Cardoso Vieira de Castro, mal talhado parecia então para a investidura austera, que tão a primor de lustre e honra exercitou na judicatura da Relação do Porto, e em Angra do Heroísmo, onde estivera juiz de fora, quando emigrado. José Vieira, que ainda vive, e conserva extraordinário vigor de pulso, e afoitezas, muito de respeitar, dos seus vinte anos, aqui o vimos acaudilhando as forças populares de Fafe, no tempo da Junta do Porto. José Vieira é o homem principal do seu concelho. Será deputado quem ele quiser, será absolvido pelo júri o réu que ele proteger, será intangível das presas da justiça o culpado que as suas telhas cobrirem. A casa dos Vieiras é a única, que mantém ainda, a despeito da equitativa carta constitucional, as prerrogativas e imunidades do couto.

O meu amigo Vieira de Castro, no que toca a jogo de pau, é o invés completo de seus tios. José Vieira, quando fala dele, diz: «Isto não presta para nada; não tem mais força que um canário.»

Se vinha a talho eu florear um marmeleiro inofensivo diante do meu amigo, para logo exclamava ele: «Está quieto, olha que me dás!»

Oferece-se-me cuidar que José Cardoso herdou o bravo ânimo de seu pai e tio; mas a educação nas alfombras, nas otomanas, nas denguiques de aias, e enfezamentos de colégios, desnervou-lhe o pulso, e entanguiu-lhe o génio das proezas. Não me sai de todo absurdo o sistema das compensações, quando penso que o ardimento da imaginação e atrevimentos de linguagem de Vieira de Castro, escritor, são, na ordem do esforço, o paralelo moral com a bravura de seus ascendentes. Por outro lado, desço-me desta minha gratuita opinião, vendo que pai e tio foram grandes letrados, e deixariam valor de inteligência, se o desembargador não fosse sobejamente rico, e o ministro incansável obreiro nos encargos do seu ministério, e ambos falecidos no vigor da vida. De tudo, o certo e impugnável é que José Cardoso não joga o pau, nem enrista com

firmeza de manejo uma bengalinha de unicórnio, sequer!

A sucessão da valentia corporal passou para o ramo feminino dos Vieiras. Tem José Cardoso três primos abades em igrejas do, concelho de Fafe. Destes, dois revivem a tradição da família mas não se exibem nas feiras e romarias. Algumas vezes corre o boato de que em tal sítio se fez justiça de Fafe à bordoadada surda. O público forma o seu juízo, e engole-o para não ser deslombado. Os dois abades Vieiras é que sabem quem faz justiça sumária, e nunca injusta.

O terceiro destes abades é um insinuante e amorável modelo de sacerdotes. Está a sua igreja na crista dum montado, pobre igreja, que monta apenas a manter a decência do culto e a resignada parcimónia do ministro. Vive com o pastor amado sua velha mãe, a companheira silenciosa das soledades do presbítero. Tem um dizer modesto e suave aquele homem, que vive de tudo alheio, de tudo que não é o seu ministério. Dizem lá que nunca; as paixões lhe inquietaram as noites serenas do jornaleiro que, bem acabou a tarefa do seu dia afadigado. Eu sei! Tem tanto de brandura e amor aquela fisionomia, espelha-se nela o coração com tanta suavidade, que a mim me quer parecer que ali há segredos abafados no seio da religião, seio único em que eles se depuram do agro da terra, e entram como celestial favo na colmeia dos anjos.

Assisti à festividade do orago da freguesia, pastoreada por este abade. O pregador, padre de negativa capacidade, descreveu o inferno com aqueles combustíveis e minerais que o leitor sabe. Não me comoveu, nem assustou. Tive ensejo de ser apresentado ao teólogo, e não sei que cheiro de erva sardónica o meu nome tinha para ele, que o fez rir a casquinadas guturais. Não lhe ouvi outra coisa, que me permitisse conceituar-lhe a sincera ideia que ele formava do sulfuroso inferno.

Ao fundo de uma colina, sobre a qual assenta a casa de Vieira de Castro, serpenteia uma ribeira de claras águas, que vão ajuntar-se ao Ave. As margens penhascosas desde o córrego eram o nosso passeio de forçada predilecção, que não tínhamos outro. Connosco ia *Neptuno*, o cão da Terra Nova, que eu dera ao meu amigo, como quem lhe dava um dos raros seres da criação por quem mais sentidos affectos tenho experimentado. *Neptuno* brincava na corrente do ribeiro, e assim nos dava horas de passatempo, quais o género humano não poderia dar-nos mais divertidas de entorpecidos pesares.

Há naquele ribeiro uma catadupa em que a torrente referve, estrondeia, e quebra com grande fragor uma bacia eriçada de rochas. As árvores marginaes enredam-se em pavilhão escuro sobre a bacia, deixando pequenas margens de relva sobre escanos de granito em que nos sentávamos, eu, pelo menos, enquanto Vieira de Castro dialogava em estilo de Fafe com a moleira da vizinha azenha. Denomina-se o pitoresco sítio a *Ponte do Barroco*. Na minha carteira tenho oito linhas, lá escritas no dia 15 de Junho de 1860. Dizem assim:

*Ruge a tormenta espumosa,
Mas no mar serena entrou,
Tal a vida tormentosa:
Chega à campã, e serenou.*

*Triste imagem desta vida,
Que me Deus fadou a mim!
Diz-me, ó onda enfurecida,
Qual teu princípio e teu fim?*

Algumas vezes fui à vila de Fafe, cujos cavalheiros conheci no botequim da terra,

estabelecimento indeciso entre o modesto e o sujo. Os cavalheiros alternavam as suas horas de ócio com o dominó e a sueca. Conheci aí o Sr. José Maria Peixoto, moço de prestantes dotes, que exercia a administração do concelho, e o Sr. Joaquim Ferreira de Melo, antigo e consecutivo deputado às cortes, e sujeito de muitos serviços à liberdade. Penso que já é falecido o prior de Fafe, grande latinista, e discreto em castíssima linguagem portuguesa. As suas práticas eram floreadas de lusitanismos que, a meu ver, lhe não seriam mais entendidos dos paroquianos que os hieroglíficos de Mênfis.

Não falei ainda da minha convivência caseira de trinta dias com José Cardoso Vieira de Castro. Naquele tempo, o descuido deixara à mercê das ventanias de sucessivos invernos o telhado da casa. As chuvas de Junho não eram copiosas; mas, como o ardor do sol fendesse a argamassa, o tecto coava os chuveiros das trovoadas, e pingava sobre a minha cama como abóbada de caverna. Ao deitar-me, abria eu o guarda-chuva, e dormia assim. Se não fosse a constrição do ânimo, que regaladas noites seriam aquelas!

Vieira lia Filinto Elísio, e declamava-o com irónico entusiasmo na versão dos *Mártires* de Chateaubriand, versão que requer ser vertida para português. Eu de mim, em trinta dias, li duas páginas de La Rochefoucauld. Vieira de Castro era bastante criança para se espantar da infertilidade da minha imaginação. Instigava-me a escrever um livro, um folhetim, uma epopeia, uma história universal, uma anacreônica, a crónica dum reinado, ou uma charada. Nada fiz... minto: aqui tenho uma quintilha; lá devia ser escrita, que está datada no Ermo em 1 de Julho:

*Tudo trevas! E teu rosto
Me refulge luz maior.
Também no mar proceloso,
quando o céu é pavoroso,
E que o fanal tem fulgor.*

Vejam que fecundidade! Razão tinha o viçoso Vieira de Castro para crer que as lágrimas haviam apagado a flama, à qual eu via tantas imagens de tantos mundos, umas denegridas da lama da terra, esplêndidas outras do raio ideal de Deus! E certo é que nunca mais reviveram as flores fenecidas naquele tempo. Então se ergueu a baliza que de mim fez duas existências inconciliáveis: um coração para a saudade, outro para a desesperação infinita.

Entreí em terreno abrolhado; refugio dele, e volvo ao artifício, à dupla arte do sorriso.

A nossa mesa era lauta em coelhos. Façam ideia do montezinho da terra, sabendo que um criado saía fora de portas com dois cães e um pau, e voltava com uma braçada de coelhos, uns, a meu ver, filados pelos cães, outros derreados à bordoadada.

As cerejeiras arqueavam-se sobre as janelas do nosso quarto com os seus frutos de sedutor carmim; as laranjeiras eram lindas à vista; mas o travor do fruto degenerado era tal, que um guisado de coácia e fel seria doce de ovos em comparação com as laranjas do Ermo. O que as densas árvores nos davam era a sua folhagem lustrosa e verde, e a luz coada por elas, e os raios de sol de Julho esfriados na sua frescura.

Nos seculares castanheiros e olmos, que escurecem as gargantas daquelas quebradas, andava eu sempre entalhando iniciais e datas – distração pueril, reminiscências simpáticas das pastoris dos nossos Bernardes e Ferreiras, já hoje velharias, que modernos amadores não usam. Decorridos cinquenta, cem anos, os netos de Vieira de Castro, se herdaram a poesia do avô, andarão por ali cismando e inquirindo do silêncio dos bosques quem foi que abriu na cortiça daquelas árvores as letras

enigmáticas de alguma tragédia obscura. Se este livro vencesse o destino dos outros do autor, se o meu nome chegasse onde aquelas iniciais hão-de ir, os netos de Vieira de Castro folgariam de achar o triste segredo delas.

Sal do Ermo, outra vez para as Taipas, a visitar Francisco Martins. Das Caldas fui a São Torcato visitar a múmia do miraculoso santo. Comprei um livrinho que historiava conjecturalmente a vida e morte de Torcato, e um panegírico do mesmo pelo famoso Silos, que já passou desta vida. Beijei devotamente o pé do santo, e comprei umas nóminas, imagens e fitinhas milagrosas.

Comigo ia o meu barbeiro, investido das duplas qualidades de escanhoador e jóquei pedestre. Mostrou-me ele a fontinha, que brotara do local onde os frades do convento próximo, guiados por uma estrela cadente, descobriram o cadáver incorrupto do santo. Os milagres, de que não rezava o livro, contou-mos ele, de medo que nenhuma dúvida me podia ficar da sua autenticidade.

Chegámos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a *cruz de Lestoso*. O meu barbeiro rezou um *Padre-nosso* por alma dum pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes. Dera-se que um pintor, chamado a retocar o oratório duma viúva, aconselhara a viúva, maltratada por seu filho, a segurar sua subsistência e independência por não sei que escritura, odiosa ao mau filho. Este, ciente do intento ou do facto de sua mãe, saiu acamaradado ao caminho por onde o pintor ia de Guimarães a concluir sua obra, e matou-o a facadas. Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público com ambos, de modo que o homicida granjeia pacificamente suas terras.

Dei um abraço em Vieira de Castro, e fui para Vila Real, sabendo que os aguazis, expedidos do Porto, se acantoavam em Fafe, esperando ocasião segura de me capturarem. Era dever meu forrar o velho José Vieira ao desgosto de mandar a Fafe capturar os esbirros, e enforcá-los em galhos de sobreiros, como ele dizia com humana benevolência.

Passei a serra do Marão sob a tempestade famosa do dia 2 de Julho de 1860. Estive naquele povo de Anta, onde vi o pardieiro da choupana do salteador em que falei num dos *Doze Casamentos Felizes*. Ao dobrar a serra tremi de ver cruzarem-se os coriscos, e perto de mim caiu um raio, cuja fenda na rocha eu fui examinar, e da rocha lascada colhi uma urze queimada, que ainda tenho. No coberto da capelinha da aldeia encravada no sopé da serra, vi o cadáver fulminado de uma pastorinha, e mulheres em volta dela, amarelas de terror. Dali até Vila Real os viandantes, que encontrei, iam falando dos estragos de vidas e de edifícios, que fizera a trovoada naquela tarde. O que eu vira na serra valia bem o medo pela sublimidade terrível. Que espectáculo! Que vermezinhos somos em presença daquilo! Como Deus é grande nas tempestades do Marão, e como o homem ali se envergonha das tempestades de suas paixões!

Ao seguinte dia da minha chegada parti para a aldeia, onde passara alguns anos de minha infância na companhia de minha irmã. Ali era que me levavam memórias, que por aí estão escritas em livrinhos, de que o leitor se não lembra. Ali estava o crânio da Maria do Adro⁵, e aquela Luísa...

Ai! Luísa,

... a flor de entre as fragas,

que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças⁶. Passei por ela, e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu

⁵ *Duas Horas de Leitura*.

⁶ *Um Livro*.

lado:

*Luísa, flor de entre as fragas,
Donairosa camponesa,
Tipo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,
Colhes, no prado, as boninas?
Brincas, à tarde, na espalda,
Onde verdeja a alameda
Da viva cor da esmeralda?
Brincas, Luísa, afagando
O que mais amas no bando,
O teu alvo cordeirinho?*

Encarei sorrindo tristemente em meu sobrinho, e ele disse-me:

– Não a vê?

– Luísa?

– Sim. Aquela que tem os braços cruzados.

Contemplei-a, e vi uma velha.

– Aquela que me está olhando?! – repliquei.

– A mesma Luísa de há quinze anos.

E eu disse comigo: «Estará ela dizendo às outras: – Ele é aquele velho?!»

E passei avante.

E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto, consagrado àquela Luísa, que fora nova e linda:

*E eu amei-a muito!...
À tarde,
Quando o Sol no Ocidente
De escarlata as selvas tinge,
Com o brilho refulgente
Da floresta incendiada,
Fui sentar-me pensativo,
Sobre a agulha dos rochedos,
Decifrando em minha alma
Indecifráveis segredos.*

*Além, nas várzeas do vale,
Tinha quanto o coração
Sonha de belo e imortal
Na sua ardente ambição.
Nem mais formosa que ela,
Nem mais pura o mundo a tinha!
Quisera vê-la, e não vê-la...
Antes fugir-lhe... ofendê-la...
Mais valera não ser minha!*

– É, pois, aquela a Luísa... – murmurei eu tão de manso, que só a minha alma podia ouvir-se. E na noite daquele mesmo dia, quando a Lua assomou das montanhas, fugi à aldeia da minha infância e da infância de Luísa. A minha família ficou num

espasmo, e eu no reiterado conceito de louco.

Seguiu-me no trânsito de duas léguas meu sobrinho, alma de poeta, e coração... Deus sabe se fadado para entender a minha dor daquela noite!

Ao amanhecer do dia imediato fui para Amarante. Nas proximidades da Régua fui sacudido pelo meu cavalo contra uma pedra, e cheguei à estalagem golfando sangue. Ali encontrei o fidalgo, glossador de poesias. Pedi-lhe que vendesse o cavalo, e achei que ele, vendendo-o, fizera um milagre, digno de arquivar-se ao par do outro que fez o alfaiate de Nicolau Tolentino.

Fui na «diligência» para Amarante, e ali encontrei cavalheiros, que me acompanharam ao pomar dos celestes pêssegos do meu amigo Vasco Peixoto. De entre aqueles cavalheiros, um, Sebastião de Carapeços, falou-me muito do falecido José Augusto Pinto de Magalhães ⁷; e outro brindou-me com três livros, que tinham sido do meu amigo, as obras de Lorde Byron. Nos últimos meses de sua vida, José Augusto lia naqueles livros para entreter os últimos meses de Fanny Owen, sua esposa...

Vi agora os retratos de ambos. Sempre que os contemplo, creio que me falam, e dizem: «E tu vives ainda! Nós, tão agourados da boa fortuna, calmos como duas flores da frente duma formosa, ao luzir a manhã e acabado o baile. E tu, cingido pelas roscas de tantas serpentes, estás ai, como ileso, perguntando às nossas imagens por que fraqueza morremos!»

Não saberá ela que eu, tantas vezes, encostado às grades do seu sepulcro, na Lapa, lhe tenho contado o segredo desta minha pertinácia em viver?

Não me ouviria José Augusto, no cemitério do Alto de S. João, perguntar às auras coadas por ciprestes em qual daquelas rasas sepulturas estavam as cinzas do obscuro mártir da alma incompreensível que Deus lhe dera?...

Eu deixo já estas melancolias para falar de outras, e depois direi um estilo alegre acerca do barbeiro de Amarante.

À meia-noite estava eu debruçado no parapeito da ponte, e não pensava nos feitos heróicos dos Angejas e Silveiras contra franceses naquela localidade. Pensava em medir o salto da ponte ao Tâmega, que derivava murmurando e desenrolando as fitas de prata, que lhe emprestava a Lua. O suicídio é-me ideia tão habitual, que já nem poesia nem grandeza tem para mim. Logo que este medo de morrer, à força de ser meditado e premeditado, se desprestigiou, penso no suicídio como numa anasarca, se os intestinos me doem, ou numa congestão cerebral, se me latejam as fontes. A este desprezo da morte vem de seu o desprezo da vida.

Nisto pensava eu, debruçado sobre o parapeito da ponte, quando de uma janelinha do antigo mosteiro de S. Gonçalo saíram uns sons de flauta, e logo a toada da chácara dum meu drama, escrito catorze anos antes – *Agostinho de Ceuta*. Não sei quem fez aquela música assim triste. Devo o benefício de duas lágrimas ao poeta que a tirou de sua alma, e ma guardou para aquela hora. O flautista sei eu que era o sargento da estação telegráfica. De muita fantasia amorosa da noite e da lua devia ser o impulso que ali o trouxe a tal hora, e com música tão ajustada às aflições de infelizes desconhecidos!

Ao dia seguinte fui procurado pelo barbeiro, que no dia anterior fora introduzido à minha intimidade. Disse-me ele que vinha ali, em comissão da irmandade, pedir-me uns versos.

- Uns versos, mestre! – atalhei, corrido da popularidade das minhas musas.
- Uns versos, sim senhor.
- Pois vossemecê sabe que eu faço versos?!
- Pois não sei! ... O senhor é muito conhecido cá na Amarante, e já ouvi dizer que

⁷ Veja *Duas Horas de Leitura* – «Sete de Maio».

o seu nome já chegou a Lisboa.

– Que me diz, mestre? Eu conhecido na Amarante! Estou pasmado de mim, e de vossemecê, que me não disse isso logo ontem! ... Em que posso eu, pois, ser útil à irmandade, cujo delegado é vossemecê?

– Queríamos uns versinhos para as cavalhadas do coração de Maria.

– Pois o coração de Maria é festejado com cavalhadas em Amarante!? Conte-me isso, mestre. Como é que a irmandade mete cavalos e poetas na sua devoção?

– Eu lhe digo. Nas cavalhadas vai a gente a cavalo.

– Compreendo. Assim como a flor vai a fruto, nas cavalhadas vão vossemecês a cavalo.

– É verdade.

– E depois?

– Vai a música dos curiosos a tocar, que é um céu aberto, e de vez em quando param os cavalos, e...

– Falam os poetas.

– Tal e qual. Os poetas então pegam a dizer pra aqui, pra acolá o que lhes lembra a respeito da festa.

–E o povo ri-se?

– Isso é consoante. Se a versalhada é de fazer rir, o povo ri-se; se é de devoção, então muda o caso de figura.

– Quem fez os versos na festa do ano passado?

– Não eram lá grande coisa! Foi um pantomineiro que anda a estudar para padre, e amanhou lá um palavreado que ninguém entendia. Os fidalgos diziam que os versos eram de ciência e obra acabada; mas o povo, a falar-lhe a verdade, estava com a boca aberta, e não sabia onde era o começo, nem o meio, nem o fim. Afinal de contas, o povo retirou-se assim a modo de embaçado, e foi dizendo à boca pequena que não dava um pataco este ano para a festança, se os versos não fossem coisa de risota.

– Então quer vossemecê que eu faça uns versos de risota para elogiar o coração de Maria?

– É como diz.

– Pois, meu caro senhor mestre barbeiro, sente-se aí vossemecê, e escreva lá, se sabe.

– Pouco escrevo, mas há-de remediar.

– Ora escreva:

*Não bastava sermos parvos,
Somos ímpios também;
Uns dão couces, outros versos;
Cada qual dá o que tem.*

– Isto é que é! – exclamou o barbeiro, dando upas de júbilo.

– Gosta, mestre?

– Se gosto! Bem me diziam a mim que o senhor tinha cabecinha do diabo!...

– Escreva lá:

*Com estas e outras asneiras
A religião se pela;
Se ninguém nos for à mão,
Hemos de dar cabo dela.*

O barbeiro não se riu, e ficou a ruminar a ideia do quarteto. Acudi aos seus reparos, dizendo:

– Parece-me que lhe não soa bem, mestre!

– A falar a verdade, isto cheira-me assim a modo de heresia! Ora, olhe; leve vossemecê essas duas quadras, como amostra, à confraria que o cá mandou. Se a confraria gostar delas, eu continuo a obra, e vossemecê dá-me ocasião de desbancar o poeta, que ninguém entendeu no ano passado.

Concordou o mestre, e saiu com as quadras. Nunca pude saber o conceito que elas mereceram aos confrades do Imaculado Coração de Maria, porque, ao anoitecer desse dia, parti para Guimarães.

A meia légua das Taipas, tem Francisco Martins uma quinta, chamada de Briteiros. Na casa magnífica da quinta vivia um par de cônjuges decrepitos, antiquíssimos criados de pais e avós do meu amigo. A extensão de salas, câmaras, corredores em longitude e forma conventual, de tudo me senhoreei. Escolhi o quarto, cujas janelas faceavam com um recortado horizonte de arvoredos, e a cumieira chã dum serro onde se divisam as relíquias de antiga povoação, que lá dizem ter sido Citânia, cidade de fundação romana.

Algumas horas ali passou comigo Francisco Martins; mas o máximo dos dias e as noites vivi diante de mim próprio, na soledade daquele quarto, ou em perigosas excursões à serra sobre um cavalo, que parecia vezado a passear sobre alcatifas.

Amanheci um dia entre as ruínas da presumida Citânia. Vi algumas pedras derruídas em cômodos, as quais denunciavam ausência de toda a arte, para de pronto desvanecer conjecturas de edificação regular. Existiam vestígios de cisterna, e descalçadas lajens dum caminho de pé-posto, que sem dúvida tinha sido estrada. A meu parecer, não irá longe da fundação da monarquia portuguesa a construção daquele presídio, se tal nome lhe cabe em vista dos estreitos limites do terreno plano. Pode ser que, nas guerras de desmembração, sequentes às primeiras conquistas do conde Henrique, guerras tão cruamente pelejadas nas circunferências de Guimarães até às indeterminadas fronteiras, aquele ponto, onde os visionários vêem cidades cartaginesas e romanas fosse singelamente um miradoiro de observação, que abrangia grande parte do território vizinho de Guimarães, então foco das operações militares da recente monarquia. Como quer que seja, a chamada Citânia faria derrear um antiquário, sem ele descobrir nas ruínas dela pretexto a narcotizar com um in-fólio a porção do género humano, que ainda crê nas visualidades de antiquários, e decifrações arrevezadas de pedras, e quejandos defastios de sábios em medalhas e cipos – a gente mais estafadora do mundo.

O Sr. Domingos e a Sr. a Rosa (eram os cônjuges meus familiares) contaram-me que lá em cima na Citânia estavam moiras encantadas, que eles tinham visto em certas noites vaguearem em torcicolos com luzinhas pelo pendor da serra. Não desfaço na palavra do Sr. Domingos e da Sr. a Rosa; mas inclino-me a crer que os velinhos vissem pirilampos. O mesmo não direi de outra moira que viera num berço à flor do .rio Ave; e no momento em que o encanto se lhe quebrou, o berço se converteu em alva fraga. Nenhuma dúvida há: lá está a fraga. A Sr. a Rosa sabia as lendas todas, que Almeida Garrett publicou, já desluzidas da campestre originalidade em que mas ela repetiu.

De Briteiros ao Senhor do Monte era passeio de uma hora. Ali fui com Francisco Martins, e de lá trouxe peçonha de saudades, que me ainda cabia no peito.

Àquelas florestas sinto eu atado ainda o coração por mui tragadoras lembranças. Em diversas estações da minha vida lá fui a conversar com o passado que ai me forra, ou a inflorar esperanças que reverdejavam do pó de outras desfeitas. À derradeira vez, porém, que fui ao meu éden, parece que o anjo do gládio me vedava o passo. A saudade,

que me alanciava então, era serpe devorante; a esperança, mal o coração a desenhava nos longes da fantasia, acudia logo o demónio do *impossível* a sopesá-la. Em tudo se me afigurava escrito o lema horrível: NUNCA MAIS!

Sentei-me num dos degraus do escadós principal. Era lá que eu tinha visto...

Que tinha eu visto ali? O trajecto rápido de um anjo, que levava em chamas de infernal fogo as asas, já falidas de força para enfiar seu voo ao céu. E àquela hora em que eu sentara no degrau, já o anjo se havia sumido na voragem, que raras vezes a desgraça abriu à mais dilecta de suas vítimas!

Quis escrever nesta carteira, onde apenas encontro uma cruz e uma data.

– Não sei como você tem alma para tanto! – me disse o amigo.

– Alma para tanto?! Que faço eu?

– Escreve.... e aí!

Fechei a carteira. Pejo ou orgulho, até dos, meus amigos íntimos escondi sempre as lágrimas.

De Braga voltámos às Caldas.

Naqueles dias correu neste local um incidente cómico de muita alegria para os banhistas. Acaso passara, vindo de Braga, e pernoitara nas Caldas, um corpulento moço bem entrajado com o seu fraque preto, e botas de água. Saiu na seguinte manhã o viandante a passear na carvalheira convidativa, e de golpe se vê rodeado de mulheres da terra, exclamando:

– É ele!

O homem, atónito, dizia:

– Ele! Quem?

– É ele! – insistia uma.

O maroto a fingir que não entende! – acudiu outra.

– É que quer ver se a mulher o conhece. Deixai-o lá.

Pois não falas à tua madrinha, José? – dizia uma velha, tirando-lhe pelas abas do fraque.

– Não te faças asno, que todos te conhecem.

Eram às dúzias as mulheres que sobrevinham, exclamando uma por cada vez, e todas a um tempo:

– É ele! É o José da Maria Lérias!

O reputado José da Maria Lérias pôde romper a mó do femeação, e foi indo caminho dos banhos.

– Lá vai para casa – clamavam as mulheres. – Olhem como ele sabe o caminho!

Entrara o homem na alameda, que circunda a casa dos banhos, quando a chamada Maria Lérias, com dois filhos e duas velhas, lhe saiu ao encontro, bradando:

– Ai, o meu José! O meu querido marido!

E atirou-se-lhe ao pescoço, osculando-o com a pudica desenvoltura de carinhosa esposa.

E ele recebeu impassível os beijos.

Uma das velhas chegou-lhe à cara o rosto dum garotito maltrapido, exclamando:

– Olha o teu Joaquim!

– E o teu Manuel! – bradou a outra velha, saindo-lhe do lado esquerdo com o outro rapaz.

E o homem das botas de água corria as mãos pelas faces dos rapazes, e sorria a todos sem articular palavra.

A este tempo, muito povo, enternecido a lágrimas, rodeava o comovente grupo, posto que alguém reparasse na pouca expansibilidade do marido recém-chegado.

– Anda pra casa, meu Zé. Vamos cuidar do almoço! – dizia a esposa.

– Trazes tu bem cacau, meu afilhado? – perguntava a madrinha.

– Que lhe importa a vossemecê se o meu homem traz cacau?

– acudiu a mulher do afilhado. – Anda daí, Zé. Se trazes dinheiro, nosso é; e, se não o trazes, havemos de viver como dantes.

– Olha lá – retrucou a madrinha –, ouviste? Olha que eu não te vou pedir nada, minha abelha-mestra. Se tens muito, come duas vezes! Que me dizem vocês a isto? Já viram? Está a arreentar de soberba, porque tem brasileiro em casa. Ainda ontem dei maçãs aos teus filhos, e tu aceitaste-las. Agora já não conhece ninguém, a pilharenga!

E o homem do fraque ouvia tudo atentivamente, e começava a espirrar grandes gargalhadas.

– Vens, homem? – dizia a mulher, puxando-lhe pelo fraque.

– Vai arranjar o almoço, que eu lá vou ter.

– Estás tolo Zé?! Anda daí com Deus, senão junta-se aqui a freguesia.

E ele a rir, a rir, e a acender charuto sobre charuto.

De uma vez deu-lhe fogo Francisco Martins, e perguntou-lhe:

– O senhor é o marido daquela mulher?

– Se ela fosse tolerável, dizia-lhe que sim – respondeu ele.

– Então não é?!

– Não sou; mas deixe-me divertir.

– É melhor desenganar esta gentilha.

– Desenganá-la! Eram capazes de me apedrejar. Deixá-los. Isto assim está uma farsa acabada. Agora vi eu ali o Camilo, e é de crer que ele aproveite o episódio.

– O senhor conhece o Camilo?

– Perfeitamente, de vista.

Começou o viandante a enumerar as obras minhas que tinha lido, e não sei que relanços contou da minha vida.

Francisco Martins achou ajuizado desenganar o mulherio, e, particularmente, a esposa de um José, que não era aquele. Baldou-se a discrição do meu amigo. A população redobrava de convencimento, exclamando:

– É ele!

Acercou-se a Sr^a Maria Lérias de seu presumido esposo, e disse:

– Se não é ele, é o diabo por ele!

– Então é o diabo por ele! – vozearam todas em coro.

Voltou o sujeito acompanhado de Francisco Martins, com numerosa cauda da plebe, à mistura de pessoas sérias, atraídas pela singularidade do equívoco ou da apostasia marital do homem.

A autoridade local interveio naquela aparente questão de divórcio, que já emparelhava com assuada ao indivíduo por parte de alguns elegantes portuenses, acaudilhados pelo facecioso filho do Sr. Visconde da***.

A autoridade dialogou à puridade com o homem, e disse ao povo que a suposição era errada.

Debandaram mal capacitados os grupos, e o viandante, naquele ou no seguinte dia, fez sua jornada.

Fora o caso que a Sr^a Lérias tinha sido abandonada do marido, que três anos antes embarcara para o Brasil. O suposto brasileiro era um já serôdio estudante de Clérigo, de Cabeceiras de Basto ou Mondim. A meu juízo, mais que tudo, era ele um jovial farsola, que nunca virá a sair bom padre. A primeira resposta, que ele deu a Francisco Martins, não o abona muito, nem devia realçar-lhe as qualidades na justificação *pro moribus*, se é que a certidão de bons costumes ainda entra por alguma coisa na ordenação dum ministro do altar.

Poucos dias demorei em Briteiros. Dali voltei a Vila Real, e lá passei vinte intermináveis dias de enfermidade, de desalento e de ânsias de morte. A hospitalidade dos cavalheiros daquela terra nunca esmoreceu para mim. Com outra alua, bem poderiam as minhas horas derivar, se não felizes, ao menos alternadas dos prazeres que se geram na convivência de parentes, e se recebem da mão desinteressada da amizade.

Faleceu-me ânimo para entrar no teatro de Vila Real, onde mancebos de primoroso engenho, que os há ali para tudo, representavam regularmente. Aquele teatro era de minha família; nunca teria nascido, se eu não tivesse escrito um mau drama, que dediquei a meu tio. Mas que ambiente de mil aromas eu respirava naqueles meus vinte anos! Como as paixões de então me desabrochavam lindas e imaculadas! O que eu via, e esperava dos homens e de Deus!

Na primeira noite de récita, recordo-me eu que fiquei ouvindo de minha tia a história de meu avô assassinado, de meu tio morto no degredo, de meu pai levado pela demência a uma congestão cerebral.

Que delicioso recordar, quando eu me estava vigorizando para entrar nos cárceres da Relação do Porto, e estender os pulsos às gramalheiras de ouro, que os meus inimigos batiam na bigorna da moral pública!

Sal dali, sem dizer à família o meu destino. Espavori algum raro amigo a quem o revelei. Era propósito que nem a perspectiva do patíbulo demoveria.

Cheguei ao Porto em meado de Setembro de 1860. Custódio Vieira, Marcelino de Matos e Júlio Xavier sustiveram quinze dias a pressão dos esbirros, porque me viram com mais alma que corpo para encarar na morte da liberdade, e na outra que desprende a alma dos podres vínculos da matéria.

Terminado o prazo das tréguas, que os aguazis me concederam magnanimamente, fui ao tribunal do crime, pedi um mandado de prisão, mediante o qual obtive do carcereiro licença de recolher-me a uma das masmorras altas da Relação.

Era o primeiro dia de Outubro de 1860.

O céu estava azul como nos meses estivos. O Sol parecia vestido das suas galas de Abril, a bafagem do sul vinha ainda aquecida das últimas lufadas do Outono. Que formoso céu e sol, que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem à porta da cadeia!

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Vou escrevendo... estas regras em estilo alegre, e fácil... bem que tão diverso do meu humor e da minha fortuna.

D. FRANCISCO MANUEL

C. de Guia

I

Não estranhei o ar glacial e pestilento, nem as paredes pegajosas de humidade, nem as abóbadas profundas e esfumeadas dos corredores, que me conduziram ao meu quarto.

Em 1846 estive eu preso ali, desde nove até dezasseis de Outubro. Foram sete dias de convivência com sujeitos conversáveis, que entraram comigo, ou poucos dias antes, por cúmplices na contra-revolução, baldada pela captura do Sr. Duque da Terceira. Fora então meu companheiro de quarto um correigionário de Mac-Donnell, filho de Braga, excelente criatura, que me emprestou cinco cruzados novos, quando me viu desbaratar no jogo os últimos cobs de dez moedas, que eu levava para matricular-me no primeiro ano jurídico. Ganharam-me as dez moedas umas pessoas de grave aspecto, que, segundo ouvi, eram altamente graduadas nas coisas da república, e muito conversáveis, como já tive a honra de dizer.

No termo de sete dias deixei esta amorável companhia, e esqueci depressa o episódio dos meus vinte e dois anos. Quando, porém, contemplo uma filha que tenho, ainda me lembro dele. Hei-de levá-la uma vez à cadeia, e dizer-lhe: «Tua mãe esteve naquele quarto.» Esta lição em silêncio, no limiar do mundo, há-de aproveitar-lhe mais que a *Introdução à Vida Devota*, ou os exercícios espirituais das irmãs da caridade.

O que eu estranhei, à segunda vez que entrei na cadeia, foi a gente que vi. Eram pessoas de má sombra, e olhar desconfiado.

Devo desde já exceptuar desta qualificação, cuja injustiça mostrarei a tempo, um mancebo, que eu conhecera nos jantares de Custódio José Vieira, e ali na cadeia se tinha deixado resvalar pela rampa que arma o coração aos que vivem de seus enganos.

O Sr. Marinho convizinhava do meu quarto, e contou-me a sua breve história. Amara anos uma senhora. Oferecera-se esposo aos pais dela. Fora repellido como pobre. Instaram ela e ele como apaixonados. Baldaram-se lágrimas e súplicas. A senhora fugiu da casa paterna, e acolheu-se ao amparo do cavalheiro. A justiça seguiu-lhes os passos: a filha foi entregue aos pais, e o sedutor ao carcereiro. Bem pudera o anjo da reabilitação cobrir de suas asas os dois infelizes, e começar do acto culposo um bom destino à vida de ambos; aquele anjo, porém, carecia dar-se as mãos com seu irmão, o anjo da misericórdia. Este só podia ser ali naquela hora, se o coração paternal lhe dissesse: «Vai e perdoa, e levanta minha filha de sua queda nos braços do marido.» Não foi. Em vez dos anjos saíram os esbirros; em vez de honra e piedade, que abafasse a ignomínia, indultando a culpa, saiu a crueza pregoando a desonra nos tribunais.

Ao homem pobre, que pedia uma esposa, não rica de ouro, nem de linhagem, deram-lhe o epíteto de receptor de roubos. Acudiu ao injuriado a instância superior, e lavou-o da nódoa, livrando-o dos ferros. A desonra estava só na calúnia; o restante era o vilipêndio de amar muito.

A esse tempo a filha fugitiva estava judicialmente depositada. Na casa escolhida havia fome. As relações abastadas da menina desobediente negar-lhe-iam asilo, para se não desvaliarem aos olhos do pai, que é tido em conta de rico. Marinho repartia do seu

pouquíssimo com a filha desamparada; mas o desafortunado moço não tinha profissão, nem sua família, empobrecida pelo deperecimento da colheita do vinho, podia socorrê-lo.

Solicitou Marinho um emprego. Saíram em seu patrocínio pessoas valiosas, movidas pela generosa e honrada intenção do moço. O que ele rogava era a mediania, que abastasse à sua subsistência, e de sua futura esposa, já quebrantada de desgostos, e provada nas mais despoetizadas dores da indigência. Não apareceu ocupação para o Sr. Marinho. A razão, que seus padrinhos alegavam era forte e compadecedora; mas a ele mais lhe valera provar que, na última eleição, arranjara cem votos a favor do governo, ou escrevera uma grossa de artigos insultadores contra a oposição.

A senhora depositada fez vinte e cinco anos. Podia Marinho desprezar o pleito pendente, ajoelhar com ela no arco cruzeiro, e pedir a um sacerdote a purificação do amor, que, cego de sua muita vida, afrontara os bons costumes e a filial obediência.

Podia, e devia; mas o Sr. Marinho, na mesma hora de sua união, teria de ir pedir o pão de sua mulher e o seu. A sociedade ratificou o juízo injusto que formara do mancebo, e deu de falsa e como vã a razão de se não casarem os dois culpados por não terem casa onde se acolhessem ao saírem do templo, nem ela um vestido com que decentemente saísse do seu esconderijo. Redobraram as diligências do Sr. Marinho na obtenção do emprego; mas tardiamente frutificaram.

Adelaide, conforme as esperanças da sonhada ventura se iam vaporando, ao abrir-se o dia da realidade atroz das coisas deste mundo, ia por igual deperecendo em saúde, e já com sintomas graves de incurável moléstia. Marcelino de Matos, patrono dela, dizia-me, na cadeia, que em três meses a florida beleza da desditosa se tinha já desfolhado no túmulo, aberto já para ela. Eu conhecia o retrato de Adelaide adulta, e menina de onze anos a conhecera a ela.

Perdidas já as esperanças de salvá-la da tísica, os pais chamaram-na a si, e quiseram, por ventura, com o perdão restitui-la à vida. Não bastava isso à mulher que, apaixonada, se atirara ao abismo donde saiu moribunda. Seria necessário dar-lhe a comoção de esposa, ir com ela à luz do dia pela trilha que ela furtivamente seguira de noite, e convencê-la de sua reabilitação ante o mundo, e no coração de seus pais.

Não foi assim; deram-lhe o arrependimento como remédio, e um leito onde morrer, se o remédio fosse ineficaz.

No entanto, Marinho teimava com desesperada ansiedade em alcançar emprego. Abriu-se um coração às suas súplicas. O Sr. Torres, que muito podia, e tem alma para entender alheias angústias, deu um lugar ao Sr. Marinho na Beira Alta, em fiscalização do tabaco.

A mim me disse o Sr. Marinho, em Dezembro do ano passado, que não tinha pessoa que revelasse a Adelaide as circunstâncias dele, já então proporcionadas ao casamento. Uma senhora conseguiu falar com a enferma, e noticiar-lhe o que ela presumia ser-lhe grande prazer, e revivê-la.

Adelaide sorriu, e disse:

– Cala-te! Que me importa agora isso!

E morreu, dois dias depois, em meado de Dezembro de 1861.

Está sepultada no cemitério da Lapa.

O Sr. Marinho foi visto sucessivos dias ao pé daquele túmulo. Chorava; mas, ainda a olhos enxutos, a sua dor tê-la-ia eu sempre como sincera.

Contei, como devia ser contado o sucesso, muito de relance, e a medo de magoar... Quem? De magoar a sensibilidade do leitor, que não conheceu a pobre menina, mas que se há-de já ter compenetrado do que seria aquele agonizar de um ano.

Eu não absolvo o Sr. Marinho de uma culpa, e desde aqui lhe ofereço a minha

vida franca para me ele condenar as minhas. Era nobre casar com aquela senhora, e morrer de fome ao lado dela. Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes que habilitam para o trabalho, sairia de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de sua família à desonra dos meus braços.

Tal vi eu um homem aqui no Porto, que só conhece os seus varões ilustrados pela riqueza, e não quer mesmo conhecer os que a pobreza assinalou com martírios de obscura honra. Apelidava-se aquele moço Ferreira Sarmiento. Escreveu em vários jornais até 1855. O estipêndio de seus escritos não bastava ao seu pão de cada dia. Tinha ele parentes remediados, que o desampararam, por ele ter casado com uma menina pobre, forçado pelo coração, e já também pela honra. Lutou com admirável coragem alguns meses; chegou a escrever cartas a amigos (*amigos*, meu Deus!...) que lhe valeram uma vez, e não abriram as segundas cartas. Fecharam-se as portas dos dois esposos de um ano. Morreu primeiro ela, que era linda e débil; morreu em seguida ele, tendo já dado o valor do seu último casaco para sua mulher ser enterrada com um responso.

Quando perguntei por Ferreira Sarmiento, em 1856, disseram-me que morrera tísico e a esposa também.

Como fiz esta pergunta a um que se nomeava noutro tempo amigo dele, o sujeito, a meu ver, teve pejo de dizer que o seu amigo e a mulher do seu amigo tinham morrido de fome.

O Sr. Marinho não sabia decerto que a sociedade actual tem exemplos destes. Os jornais não fazem disto crónica. Anunciam os casamentos, dão gordura e robustez aos meninos que nascem, e orlam de tarja negra a notícia do óbito de algum dos cônjuges, se eles não morrem para ai, desconhecidos dos armadores, dos. cerieiros e dos padres.

Seja como for, eu queria antes ter morrido como Ferreira Sarmiento, que viver e chorar como o Sr. Marinho no cemitério, da Lapa. E certo estou que esta minha escolha vai ser, no conceito de muita gente, a confirmação de minha tolice, conceito que eu levo a bem, como todos os outros.

II

Antes de contar como passei a primeira noite de cárcere, perdi-me logo, como costume, em divagações, que o leitor, já afeito com o meu gênio, aceita com benevolência.

Às nove horas da noite, os guardas correram os ferrolhos, e rodaram a chave da pesada porta do meu cubículo, a qual rangia estrondosamente nos gonzos.

Estava sozinho. Sentei-me a esta mesma banca, e nesta mesma cadeira. Estavam aqui defronte de mim alguns livros. Recordo-me de Shakespeare, Plutarco, Sénancour, Bartolomeu dos Mártires, e uma *Tentativa sobre a Arte de Ser Feliz* por J. Droz.

Folheei-os todos, e de todos me fugia o espírito para entrar no coração, e sair de lá em ânsias do inferno que lá ia.

À força de contenção de alma consegui ler e meditar algumas páginas da *Arte de Ser Feliz*. Em que local eu buscava a árvore dos bons frutos! É este um livro de filosofia racional que preparou o ânimo de seu autor para mais seguras e levantadas crenças na filosofia de Jesus Cristo.

Fez-me bem esta leitura. Principiei logo a pôr em português as vinte páginas que lera, com o intento de fazer publicar o livro inteiro em folhetins.

Fui às três horas da manhã procurar no sono a restauração das forças corporais, que as do espírito, até esta hora, nunca as senti indignas da ousadia com que ele se arremessou a perigosas batalhas com o mundo.

Tinha adormecido às quatro horas, quando as sentinelas cessaram de bradar o *alerta*, que rompe em oito vozes, puxadas de alma de quarto em quarto de hora.

Às cinco horas despertou-me o estrépito dos ferrolhos de muitas portas e também da minha, que se abriam. O primeiro acordar na cadeia é muito triste. Soaram logo sinetas em diversas repartições da cadeia, e começaram a entrar as famílias dos presos meus vizinhos dos quartos de malta.

Avaliei dos presos pelo pisar das suas esposas, e manas, e meninos. Vinham todos de tamancos, e pareciam desabafar seus ódios contra a justiça, batendo rijamente com os socos no pavimento sonoro.

Perguntei eu ao guarda, que me abria a porta, a razão por que a tinha fechado.

– É ordem – respondeu ele com severo laconismo.

– Os tamancos também são da ordem, senhor guarda?

– Não, senhor; cada qual anda como pode.

– É justo – redargui.

Passei a manhã desse dia com algumas raras pessoas, que me visitaram com visíveis sinais de piedade.

A horas de jantar, entrou o guarda a bater os ferros da minha janela.

Perguntei-lhe de que servia aquilo.

– É ordem – disse ele.

– Receia-se que eu tente a fuga?

– Não, senhor; é ordem.

Fui visitado pelo carcereiro, o defunto Nascimento, alferes dei veteranos, bom homem, que lá morreu atassalhado de desgostos, com que os seus setenta anos não podiam.

Disse-lhe eu que achava justas todas as ordens, conquanto me parecessem dispensáveis, a meu respeito, as do exame dos ferros e trancamento das portas.

O bom velho pediu-me perdão do descuido; e, à segunda noite, ficou a minha porta aberta, e nunca mais se desconfiou da minha fuga pela janela.

As minhas noites eram repartidas em escrever até às duas horas, e escutar do leito, até à madrugada, os pregões das sentinelas. Quando o coração e o espírito calam extenuados da luta, e o benfazer do dormir me vinha das mãos da natureza misericordiosa, abriam-se as portas, e estalavam os tamancos.

Escrevi ao Sr. Camilo Aureliano, procurador régio, pedindo-lhe a mercê de afastar de mim, enquanto eu não fosse condenado, o suplício dos socos, pior que as areias de Pungo-Andongo, e o cadafalso, O Sr. Procurador Régio ordenou que ninguém subisse de tamancos aos quartos de malta. Esta ordem foi sofismada muito tempo pelos presos e por suas famílias. Não impugnei o sofisma. Fui-me habituando ao estridor, e transigi com a pobreza de pessoas que não tinham para sapatos.

Achei muita graça a uma recalctração de um meu companheiro contra a ordem da autoridade, no tocante a socos. Descalçou um, e deixou-se andar com o outro, alegando que tinha uma perna mais pequena, e carecia de auxiliá-la do tamanco para não coxear. Escutei maravilhado esta novidade em ortopedia, e perguntei ao meu companheiro se sua mercê não manqueava trazendo os dois tamancos, e igualando assim a altura das pernas desiguais. Entrou o homem em sua consciência, e respondeu-me que não. Fiquei satisfeito, e pedi-lhe que trouxesse tamancos mesmo nas mãos, se quisesse.

Principiei logo a publicar em folhetins do *Nacional* a versão do livro de Droz, e os artigos principais de política. Dava-me este pequeno trabalho duas horas de diversão em cada dia. E a diversão me bastava como estipêndio: nenhum outro pedi, nem aceitei, quando mo ofereceram. O *Nacional*, periódico onde experimentei a vocação e a minha curta capacidade se desenvolveu, foi o único jornal do Porto que afrontou a injustiça e o ouro, levantando a voz em meu favor. Os outros jornais ou não esperaram que a lei me sentenciasse para me sacudirem a lama que vendem a dinheiro de contado, ou afivelaram nos lábios a mordaga chamada da prudência. A todos venero, porque eu sei em quantos escolhos roça o baixel da honra, quando as ondas da dependência se levantam a baldeá-lo do silêncio miserável para a miserável arguição.

Quando o Sr. Marinho saiu com fiança por acórdão da Relação, fui transferido para o quarto que ele ocupara. Era aquele o melhor da cadeia. De lá saíra para a forca, em 1829, o conselheiro Gravito; ali estivera o duque da Terceira, durante o reinado provisório da Junta. Alguns coevos de Gravito, que estiveram simultaneamente presos, me disseram que num lanço da parede do meu quarto tinham sido escritos os nomes dos supliciados na *Praça-nova*, com belas e floreadas letras romanas, por um dos padecentes, na base duma imagem de Nossa Senhora da Esperança, pintada com mediana arte. Nenhum vestígio havia disso. Além de ser o quarto forrado a papel modernamente, constava que o carcereiro de 1829 mandara passar a broxa de cal sobre a imagem e sobre os nomes.

Inscrições vi só duas abertas na porta e nas portadas da janela, com datas do século passado. Uma é o nome do preso, já carcomido como o seu proprietário; ó outro é um espanhol que se mostra descontente da sua situação, e declara ali estar há tempos infinitos e sem esperança de sair. Cobre este letreiro uma coroa ducal. Enquanto a mim, a insígnia nobiliárquica, que o preso se deu, não passa duma inocente distracção de canivete. Não vá por ai algum romancista, à conta daquele duque, enganar a gente em quatro volumes.

Era o meu quarto virado ao nascente, e sobranceiro à porção da cidade velha, Aquém dum boleado horizonte de serras, acidentavam-se agradáveis pontos, e o mais dilecto dos meus olhos, algumas vezes turvos de lágrimas, era a igreja do Bonfim. Encontrara eu ali um dia a felicidade, e retive-a uma hora comigo. Fiquei depois olhando para lá, como a procurá-la, e de lá para o céu, onde eu cuidava que ela devia estar.

Deram-me flores inverniças, que eu alinhei no parapeito da janela. Duma japoneira cuidava eu com todo o esmero; mas o ar de cárcere empestava-lhe os botões, que despegavam amarelecidos antes de desabotoarem. Também me deram uma avezinha, chamada *Viúva*. Tinha sido de Álvaro Ramos, que morrera delegado em Moçambique. O meu primeiro serviço de todas as manhãs era cuidar do asseio da gaiola, e do alimento da avezinha. Conhecia-me tanto, que já se deixava afagar. O cantar da *Viúva* era um encadeamento de notas gemebundas, e deste carpir penso eu que lhe vem o nome, como quem dá a entender que assim se lastimava a viúva inconsolável. Foi ela a minha companhia de um ano. Direi bastante quanto lhe queria, contando com infantil ingenuidade que me já doía a ideia de que alguma vez havia de morrer a minha amiga.

Que triste fim teve ela nos primeiros dias da minha liberdade! Procurei-a unia noite na gaiola para lhe dizer o costumado adeus, e vi presas dos arames algumas penas ensanguentadas. Não sei se duas vezes na minha vida tenho sentido despegar-se-me o coração do peito a repelão tão doloroso! Da minha companheira de cárcere, que a cada amanhecer me dava uma elegia, restam-me as penas da cauda, que apareceram no esconderijo onde as unhas dum gato a desfizeram.

Tenha o leitor a bondade de não sorrir destas bugiarias, que eu dou ares de engrandecer às proporções de dor respeitável. Qual dor há aí que o não seja? O amor a uma ave parecerá a alguém mesquinheza de ânimo, e baixo emprego de sentir. Não sei que responder a quem tal disser. Será perfeição de espírito ou dom de temperamento desprender-se o coração de fúteis afectos a coisas que os não valem. Será, mas eu tenho este grande aleijão de me afeiçoar a aves e cães, e a toda a bicharia, e a todas as feras, contanto que elas sejam irracionais. Eu faço esta distinção em caracteres que diversificam dos da história natural. O facto esquisito de quatro pés ou quatro mãos, com dois ou duas no ar, é distinção que repugna à minha zoologia, e não faço obra por ela, nem mediante ela escolho os meus amigos.

Um dos meus amigos escolhidos era este cão, que eu tenho aos pés. Todas as manhãs entrava ele na cadeia, quando se abriam as portas, e sala espontaneamente ao toque da sineta. Nunca lá quis pernoitar. Era o instinto do seu pulmão, que o levava a respirar o ar puro, e a voltar no dia seguinte, quando a atmosfera circulava nos corredores infectos da cadeia.

Já dei a enfadosa descrição da minha moradia no cárcere. Cuidaria o meu leitor que eu desenrolava aqui os canhenhos lá escritos sob a pressão excruciante das abóbadas, e com as garras da morte cravejadas no peito. Não, senhor; lá vi de perto a morte, e sentei-me muitas vezes no leito para a receber com boa sombra e compostura. Tão graciosa me lá parecia ela, como há-de parecer, se me visitar sobre colchões de penas com pavilhões de cetim e ouro, e uma chusma de lisonjeiros e escravos abjectos a contemplarem-me os paroxismos. As angústias, que lá não senti, é contra a minha índole imaginá-las cá de fora. Se más horas me quebraram o ânimo, alucinando-me ao ponto de chamar em meu favor o patrocínio de presumidos amigos, essas mesmas horas agradeço à Divina Providência, que me mostrou o mundo sem máscara. Devo até julgá-las as mais profícuas de minha vida; e, sem desejá-las mesmo aos meus inimigos, digo que todo o homem enredado na trama duma larga convivência com os seus semelhantes devia experimentá-las, se lhe não sobra hipocrisia para enganá-los todos, ou farto ouro para abroquelar o seu despejo.

Poucas mais vezes falarei de mim, e nenhuma com referência a inimigos, cuja ferocidade estúpida nem então temi. Há uma coisa mais aviltadora que o desprezo: é o esquecimento. Antes de esquecê-los, pasmei de sua ignomínia, fiquei nisto, e já agora espero que as moscas me vinguem, quando a podridão lhe esvurmar os coiros.

III

Defrontava com o meu quarto o de António José Coutinho.

Era a mais bela e majestosa cabeça de velho que ainda meus olhos viram!

Raros cabelos lhe orlavam o crânio; e, à minguia deles, sobressaía a ampla e brunida fronte. Em espirais de neve lhe serpeavam sobre o peito as barbas, que ele trazia sempre cuidadas com o esmero de homem que todas as manhãs tinha a cumprir uma visita cerimoniosa. Era eu o preso visitado.

A medianeira que nos servira a ambos, para nos relacionarmos, fora *Minerva*.

– A deusa da ciência?! – acode o leitor. – Teremos algum quadro mitológico, ou dar-se-á caso de estar a divindade da sabedoria pagã presa na Relação do Porto, por vadia, nesta época em que ela não tem que fazer, nem quem a conheça e abone no governo civil?

– Não, senhores; não era a deusa do Olimpo; era uma cadela chamada *Minerva*, nome este que até já anda pelos cães.

Hei-de deter-me a falar nesta cadelinha nas três seguintes páginas. Neste aviso, dou aos meus colegas romancistas um bom exemplo. Todo o escritor sincero deve prevenir o seu leitor das estafas, que lhe estão iminentes. Aos aborrecidos de episódios caninos digo eu que saltem em claro as três páginas.

Quando, em 1855, foi preso António José Coutinho, e recolhido ao *segredo* da Relação, a cadelinha, que tinha então um ano, acompanhou-o, e deitou-se gemente à porta do *segredo*. Ali passou o primeiro dia e a primeira noite; porém, como o preso devia estar tempo indefinido ali, o guarda a pedido dele, levou a cadela para casa de uma família, que lhe ministrava o alimento.

Depois de dezassete dias e dezasseis noites de cárcere incomunicável, saiu Coutinho da caverna para um quarto de malta, e pediu licença para ter consigo a cadela. O carcereiro era humano, e permitiu que *Minerva* visitasse seu amo. Era ela da inteligentíssima raça de água como se diz. Amestrada por alguém, sala todos os dias à tenda e ao açougue onde lhe confiavam os alimentos para o dono. Coutinho cuidava da sua amiga, como quem não tinha quem tanto lhe quisesse. Dava-lhe o mais macio do seu magro colchão, metade do seu jantar, aquecia-lhe à noite o caldo, e de três em três dias a ensaboava em banho de água tépida, e lhe desenriçava os veios do pêlo.

Coutinho, como é de ver, tinha muitas horas de apertara de alma, em que rompia em gemidos, e lágrimas lhe saltavam. *Minerva* contemplava-o naquela ansiedade, erguia-se até lhe assentar as mãos no seio, recebia ganindo brandamente os carinhos, e lambia-lhe as lágrimas.

– Muitas noites – disse-me António José Coutinho – me assentei na cama em ânsias de morrer. A cadelinha despertava ao meu menor movimento; chegava-se para mim; e eu, abraçando-me com ela, sentia alívio, sentia uma companhia que me chorava; e acontecia adormecer afagando-a.

Subia, unia manhã, a cadela com a alcofa dos provimentos para seu dono; e, no acto em que tinha meio corpo adentro do gradão principal, o chaveiro, inimigo de cães, deu-lhe com a pesada chave na cabeça. A, pobrezinha, posto que aturdida da pancada e contorcendo-se no chão, susteve a alcofa na presa, e ali ficou até que seu dono a veio buscar.

Coutinho desceu ao gradão, tomou a cadela nos braços, convulsiva de dores, e disse apenas com os olhos embaciados de lágrimas:

– É muita crueldade! ... Que mal faria ao senhor chaveiro este inofensivo animal?!

– São ordens – respondeu o funcionário. – Esta casa é para cristãos, não é para

cães.

O preso agasalhou *Minerva*, e lavou-lhe repetidas vezes a contusão. A cadelinha, ao terceiro dia, manifestou nos olhos uns pontos nublosos; e, no fim de três semanas, estava inteiramente cega.

– Este infortúnio – disse-me Coutinho – cabia ainda nos largos limites da desgraça que o destino me marcara. Faltava-me a luz dos olhos da minha amiga, únicos que me viam chorar. Eu, às vezes, apertava-a contra o meu peito com tanta angústia, que não lhe sei dizer, nem isto lhe diria, se o não julgasse capaz de me desculpar o coração, pela muita amizade que tem aos seus cães. Sentia-me redobrar de afeição por ela, depois de cega, e ela por mim. Quando a via farejar-me de longe, corria logo a festejá-la, com medo que ela se magoasse em busca de mim. Naquele tempo andavam obras de sobrado nestes corredores; e eu, receando que ela caísse em algumas das aberturas, levava-a ao colo, e ia pedir a alguma servente dos presos que ma levasse à rua, duas vezes em cada dia. Estava cega; mas via-me chorar pelos olhos do amor, ou adivinhava-me as lágrimas pelo soluçar da respiração. E assim era que vinha a mim, e me trepava aos joelhos e procurava a face, abrindo em vão as pálpebras. Cuidaria ela, e estará talvez cuidando, que o seu viver tenebroso de quatro anos é um sonho? Esperará ver-me ainda?...

Quando me escassearam os pequenos recursos com que entrei na cadeia, já faltava quem quisesse levar a cadelinha à rua; e tão desvalido eu estava, que, até pelo facto de sustentar a cadela inútil, me acusavam de tolo, e aconselhavam a mandá-la afogar.

Vi-me na dura precisão de pedir a uma compadecida família de Cima-do-Muro que me deixasse ir a cadelinha para sua casa. Aceitaram-ma, e eu despedi-me dela às escondidas, para que me não vissem beijá-la, e dizer-lhe as palavras, que eu julgava as últimas. Como eu sofri as duas primeiras noites em que lhe não sentia o peso no cobertor da minha cama!

Ao terceiro dia, *Minerva*, que pouco alimento aceitara, saiu da casa de Cima-do-Muro, e veio ter sozinha à cadeia. Quando a vi entrar no meu quarto, cuidei que vinha alguém da família trazer-ma a espairar saudades. Ninguém vi; mas ainda assim, não acreditava que viesse sozinha. Horas depois, apareceu um criado da boa gente, perguntando-me se a cadela estaria ali; e então soube que algumas pessoas a viram passar na Rua das Flores, e deram fé de sua cegueira, a ponto de pedirem a outras que lhe não impecessem o caminho.

Mandei-a segunda e terceira vez para Cima-de-Muro; mas nem lá comia, nem se afazia às festas da família. A final, os meus companheiros e o coroável carcereiro me disseram, comovidos de tamanha prova de amor, que a deixasse ficar, e lhe não fosse ingrato.»

Aqui termina a exposição do Sr. Coutinho, cortada a intervalos por silêncios em que falavam as lágrimas.

Seriam vinte os presos dos quartos de malta; o quarto único, porém, que a cadela visitava era o meu, quando seu dono, temendo importunar-me, a não privava. Mediante ela, é que eu acareei as simpatias do meu vizinho, cujos relanços especiais de sua vida vou esboçar.

Os pais de António José Coutinho eram da província transmontana, de uma aldeia chamada Pontido, além da serra do Mezio, encostada ao castelo de Aguiar, onde a tradição diz que vivera Duarte de Almeida, o pugnacíssimo alferes da bandeira, que a sustentou nos dentes, quando lhe cortaram os pulsos, na celebrada batalha do Toro, em tempos de Afonso V. Queira o leitor desculpar estas impertinentes notícias; procedem estas paragens de eu ter gastado alguns anos da mocidade por aqueles sítios, e ficar-me às vezes a recordar um pensamento, que por lá me nasceu, ao pé de uma árvore ou fragoedo, que ainda estou vendo.

Os pais de Coutinho para se unirem tiveram de fugir ao recíproco ódio de suas famílias. Foram dar a Lisboa, onde o fugitivo tinha parentes pobres e virtuosos. Em Lisboa, por intercessão dos parentes, celebraram o casamento, e lá ficaram, desesperados um e outro de alcançarem de suas famílias subsistência.

Esqueceu-me o teor da vida que teve em Lisboa o chefe de família. Sei que vivia benquisto de pessoas nobres, mormente dos morgados dos Olivais, ascendentes de outros que figuram na minha novela, intitulada *O Romance de Um Homem Rico*, cujo entrecho e minudências me foram ministrados pelo meu companheiro de cadeia.

António José Coutinho nascera em 1796. Estudou primeiras letras, destinado a entrar na congregação oratoriana, por vontade de sua mãe, e contra a do pai. Concertaram os bons esposos que decidisse o pequeno o seu destino, quando completasse os doze anos. Consultado, na idade convencionada, respondeu o moço que queria seguir um ofício, e preferiu o da ourivesaria, levado de sua vocação.

Com pouco mais de um ano de aprendizagem na sua arte querida, adoeceu António, à força de muito aplicar-se e idear extremos de génio, que mal podia dilatar-se na área restrita de sua lavra. Dissuadiram-no do ofício os médicos e os pais; ele, porém, a sós consigo, e com os utensílios escassos que seus pais lhe davam, prosseguiu no aperfeiçoamento, e achou-se de repente apto para estabelecer-se. Ganhava o artista de sobra para as suas despesas, e lograva por isso mesmo certa independência, que os pais não impediam e as pessoas de suas relações acolhiam com admiração e estima.

Não me lembra com qual dos conjurados, na tentativa do general Gomos Freire, vivia em intimidade António José Coutinho. É certo que no seu quarto se tinham armazenado armas, e de lá saíram alguns militares para sublevar os quartéis, na noite em que foram subitamente presos. Instaurada a devassa, Coutinho foi indigitado, preso e processado. À hora em que o general Freire era enforcado em S. Julião, estava Coutinho, moço de vinte e um anos, esperando que lhe dessem a alva, e o mandassem saldar contas com Deus no oratório.

Salvaram-no os valiosos amigos de seu pai, o qual, macerado pelo terror de ver o seu filho ir à força, pouco sobreviveu à notícia do perdão.

O livramento do suposto conjurado custara, sobre os esforços de amigos, grosso cabedal. Os patrimónios dos dois esposos, bem que desmerecessem nome de riqueza, devorou-os então a garganta dos nossos fiéis aliados, e nesse trago também foram todas as economias de vinte anos de trabalho.

Ficou a encargo de António José Coutinho sua mãe, a *santa que me perdeu*, dizia ele todas as vezes que me falava dela.

– A santa que o perdeu? – atalhei, a primeira vez que ele me apresentou ideias tão discordes. – Mãe e santa pode perder um filho?!

– Perdeu-me, querendo salvar-me...

E explicou desta forma o aparente contra-senso:

– A ourivesaria dava mesquinhos interesses. Para objectos de luxo só reina a inclinação e o gosto quando há paz e contentamento nas nações. Desde 1810, Portugal esteve em permanente ebulição. Estabilidade havia somente a do terror de uns falsos amigos, que se alternavam as máscaras, e tripudiavam em volta do leito moribundo da pátria.

Não cuidem que estou assoprando a linguagem de Coutinho; o seu dizer, quase sempre figurado, era aquele. Pautava e pausava as ideias, como se estivesse vendo as imagens antes de avultá-las na palavra. Tamanhas eram às vezes as delongas, e os prefácios de coisas simplíssimas, que necessário fora estimá-lo muito e ser dotado de basta paciência, para não sair com enfado de suas palestras. Costumava ele atalhar-se a miúdo, dizendo-me: «Quando vir que eu desvario, tenho a bondade de chamar-me à

ordem. Como não converso há cinco anos, perdi o hábito de falar, e afiz-me a pensar. O resultado é falar agora como penso.»

E continuou assim as suas primeiras revelações:

– Escassearam os recursos, e pensei em me dar a outro género de trabalho, a ocultas de minha mãe. Ensaiei-me no fabrico do rapé, e fui feliz. Aluguei casa fora de portas, associei-me a um homem abastado, e conseguiria enriquecer-me em dez anos, se não fossem os escrúpulos de minha mãe. Sabia ela que eu abandonara a ourivesaria, e instava por saber a fonte misteriosa dos meus recursos. Dilatei quanto pude o responder-lhe; até que um dia, vende-a presumir de mim crimes que a seus olhos me envergonhavam, e rejeitar a abundância em que eu a tinha, contei-lhe o meu segredo.

Ouviu-me minha mãe com espasmo, e de tamanho medo se transiu, que adoeceu, exclamando que necessariamente eu havia de vir a acabar numa masmorra ou no suplício.

À custa de reitoradas promessas de abandonar o fabrico do rapé consegui arrancar minha mãe à morte. Incrédula ainda do meu bom propósito, fez-me jurá-lo por alma de meu pai, juramento sacratíssimo, que eu não violaria em extrema penúria.

Tentou o meu sécio vencer a minha pueril repugnância em quebrantar o juramento, logo que minha mãe convalesceu. Era impossível. Consegui de mim apenas aceitar o valor de metade dos utensílios, e amestrar um artista para a continuação da indústria.

Minha mãe, para me furtar à tentação, ordenou que saíssemos de Lisboa, e fôssemos à província visitar os parentes. Fomos para a aldeia de seu nascimento, e para a companhia de um meu tio padre, irmão dela, o qual nos recebeu como se recebem parentes pobres.

Aí estivemos alguns meses vivendo uma vida de humilhações, que muitas vezes me fizeram encarar em minha mãe com olhos acusadores. A santa mulher lia-me na alma, e dizia-me: «Antes isto, antes o sofrimento, meu filho. Quero ser humilhada, desprezada e reduzida a pedir esmola; mas não quero a abundância com as mordeduras da consciência, e os sobressaltos de te ver perdido para mim e para ti.»

Pedi licença a minha mãe para buscar algum modo de vida que me desse independência com honra. Contei-lhe que em Vila Real havia um escrivão que precisava de um amanuense, a quem daria oito vinténs diários, casa e cama. Pedi-lhe que me acompanhasse, que eu lhe dava a ela o dinheiro, e abastaria para mim a outra paga do trabalho. «Vai tu, filho», respondeu ela, «converte em teu bem o que puderes ganhar. Eu tenho forças para sofrer, e irei sofrendo já agora o resto da vida para ganhar a ventura de morrer na casa onde nasci.»

Fui assoldadar-me ao escrivão... Não me há-de esquecer contar-lhe um singular sucesso que me sobreveio no caminho. Entre Vila Real e a aldeia de meus pais está uma povoação chamada Gravelos. Aí tinha eu uma tia casada, irmã de minha mãe. Diziam minhas primas, filhas dela, que a pobre mulher estava possessa do demónio, e tinha horas de fúria indomável a forças humanas. Quis eu vê-la numa dessas horas; e, com efeito, a vi estrebuchar entre os braços musculosos dos filhos e dos criados, derribando-os ao chão pálidos de terror. Ouvi os exorcismos dum franciscano que pernoitava acaso na aldeia. Demónio era aquele que nem o frade respeitou! Se lhe não acudissem, poderia o frade sinceramente dizer que o demónio lhe respeitara o espírito, mas lhe fizera a cara em estilhas! Exauridas as forças dos circunstantes, acerquei-me da energúmena, fitei-a nos olhos com severo aspecto, e disse-lhe: «Que fúrias são estas? Esteja quieta, minha tia, quando não amarramo-la com cordas de pés e mãos.» A endemoninhada fitou-me com olhar flamejante, que nem carbúnculos vistos ao resplendor da luz, e exclamou, depois de soltar uma gargalhada de arrepiar: «De ti estou eu bem vingada! Hás-de

morrer numa cadeia, assim como esta mulher há-de morrer entre as minhas garras.» Era, pois, o espírito que falava. Riu-se ainda, debateu-se menos furiosa nos braços das filhas, e foi-se extenuando até ficar serena. Olhou-me com brandura, chamou--me a si, tomou-me a mão, e rompeu em choro. Perguntei-lhe por que me estava assim contemplando e chorando. Respondeu: «Meu pobre António, que desgraçado acabamento hás-de ter! ...»

Eu já lhe quis contar isto de outras vezes – prosseguiu o preso – mas receei dar-lhe de mim uma baixa ideia. Não era orgulho de inteligência, que a não tenho; era o amor-próprio que nos vem dos cabelos brancos. Mas já agora, que tão sincero fui, peço-lhe que seja sincero também comigo. Que pensa o senhor deste acontecimento?

Recolhi-me alguns segundos, e respondi:

– Eu não sei nada de telhas acima, Sr. Coutinho. Ignoro se existem espíritos maus. O Evangelho diz que sim, e o Evangelho diz umas coisas tão verdadeiras, que será desatino supor que ele mente em outras. Se existiram espíritos maus, e às legiões, como eles se incorporam nos porcos, e nos centenaes de possessos mencionados no Novo Testamento, não há razão para supor que essa raça maldita esteja extinta. Se existe, como induzem a crer tantas probabilidades, é de crer que continue a funcionar na humanidade, segundo a sua maléfica condição e providencial officio. Que um desses espíritos maus entrasse no corpo de sua tia, não duvido eu acreditá-lo, firmado na verdade da exposição que o Sr. Coutinho me fez. Se o demónio é profeta, não sei, nem a Bíblia me autoriza a julgá-lo tal; porém, não posso deixar de sentir que o demónio, que profetizou em sua tia, dê ares de ter pelo menos adivinhado a sua vinda à cadeia. Eu queria destruir-lhe a sua preocupação; mas em verdade lhe digo que a minha ciência me não ensina argumentos contra o que seus olhos viram. Já lhe confessei que não sei nada de telhas acima, nem tenho aqui à mão filósofo algum que me convença da falsidade do Evangelho, nem da inutilidade dos exorcismos dados pela sabedoria dos legisladores da igreja, e impressos nos rituais com a sanção dos pontífices. Isto não é bem dizer-lhe que acredito na obsessão de sua tia; é desejo de persuadi-lo da sinceridade com que Lhe digo que não sei nada.

.....
Cortou-se o capitulo acintemente para dar azo a que o leitor medite o assunto, e vá de conclusão em conclusão à mais racional, que porventura será esta: «Tão inepto era o franciscano que exorcismava o demónio, como o sobrinho da endemoninhada, o qual erige o demónio às honrarias de profeta, como tu, romancista, que tens o descoco de contar essa credence, sem nos convenceres de que és o menos parvo dos três.»

Curvo a cabeça humildemente, e fico em acreditar que há demónios para tudo e para todos; o meu, inquestionavelmente, é um demónio que abruteca, e me desmemoriou no meu *Voltaire* – que manda rir de tudo – na ocasião em que o preso me contou o singular caso que lhe aconteceu, ao ir do Pontido para casa do escrivão de Vila Real.

– Entrei ao serviço do escrivão – prosseguiu António José Coutinho – e ali estive cinco anos, primeiro como amanuense, depois como regente do cartório. Nunca se me varreram do espírito umas prelecções de liberdade, que me fizera o amigo, morto na malograda conspiração do general Freire. Se acertava de falar eu em política dos estados, desembuçava as minhas ideias, e francamente me alistava a favor do sistema representativo e da extinção de certos privilégios nocivos ao comum do género humano. Estas franquezas iam-me sendo fatais, e mais ainda o júbilo com que eu saudara a constituição dada por D. Pedro IV, e o malogro das tentativas do Silveira, objecto escravo dos caprichos de D. Carlota Joaquina.

Quando rebentou a revolução de 1828, pensei que a planta da liberdade tinha vingado, e lavrado raízes no coração dos portugueses. Pronunciei-me com tamanha

imprudência, que andei a recrutar em Vila Real pessoas para levantar o grito na província. A planta da liberdade carecia ainda de muita rega de sangue, e os realistas da terra pensaram em me fazerem logo ali pagar o meu tributo... Permitisse Deus que eu tivesse morrido então!...

O preso ficou-se meditativo, e prosseguiu em voz trémula de lágrimas:

– Que morte tão digna dum homem... morrer por amor dos outros homens!... Até Deus a escolheu para o seu enviado!

A quantas ignomínias se teria forrado a minha velhice! ... Este lento agonizar, senhor... uma gota de sangue do coração a cada cabelo que me embranqueceu debaixo destas abóbadas...

Coutinho chorava em soluços. Ergueu-se, e murmurou:

– Fiquemos hoje aqui. Não posso, nem o senhor já poderá, talvez... O restante, que pouco é, amanhã.

IV

Coutinho continuou assim:

– Avisado dos perigos que me ameaçavam a liberdade, evadi-me furtivamente para o Porto, e vivi ignorado, ou a minha presunção me instigou a esconder-me numa casinhola infecta ao rés da rua, aí atrás da Sé. Apesar de ir ratinhando cada vez mais a minha subsistência, em obra de dois meses experimentei a fome. Fugiram os sustos, e sal à luz do dia a procurar trabalho. Fui de escritório em escritório de tabelião, pedindo autos para copiar; como, porém, me pedissem fiança, que eu não podia dar, baldaram-se as minhas diligências por este lado. Lembrou-me subitamente que eu fora ourives, e fui oferecer-me a um da Rua das Flores, que me aceitou, e, vendo o meu trabalho, me estipendiou generosamente.

Aí demorei um ano, sem vontade, mas resignado. A vocação mudara com as mudanças da idade. A arte era o meu amor, amor único de toda a minha vida, amor que devia perder-me, como todos quantos senhoreiam e alienam o homem. Não era, porém, a arte do ourives que me enlevava. Acanhado me parecia o espaço para afoitezas do talento que me abrasava, e – deixe-me este pobre orgulho – me queimava a vida com o fogo que ele não podia converter em clarões de sua glória.

Dediquei-me clandestinamente à gravura. Dois anos consumi em ensaios para levar à perfeição os cunhos do papel selado. Saí-me brilhantemente na última experiência. Admirável mecanismo o do homem! Parece que a perfeição da minha obra, desajudada dos utensílios mais indispensáveis, me incutiu não sei que horror, que presságio, que misteriosa agitação, semelhante à que deve sentir o homem pactuado com o inferno, e vendido na alma eternamente a troco de uma glória, de um contentamento temporário!

Afastei de mim os cunhos por alguns dias; mas, a cada hora, o agulhão da cobiça, e não sei mesmo se outro, igualmente penetrante, o do engenho, me davam batalha, reservando para maiores resistências os desgostos da vida de ourives, numa obscuridade onde me não chegava quinhão de louvor às peças que eu lavrara.

Captara minha confiança um sujeito, que frequentava a loja de meu patrão. Revelei-lhe o segredo, sem contudo confessar que pensava em aplicá-lo a uso criminoso. Era abastado e ambicioso de maiores abundâncias o meu confidente. Esporeou a minha parva inépcia com sedutoras razões, a ponto de me conjurar no fabrico do papel selado, para o qual ministrou ele todos os adiantamentos, casa, papel especial, utensílios e um operário seguro.

Os meus trabalhos eram nocturnos; os dias passava-os ao maçarico, para que a minha falta não ocasionasse suspeitas.

No primeiro ano repartimos cinco contos de réis para os dois. Isto excedeu a minha expectativa; mas faltou-me a saúde, sempre débil, no afogo do trabalho, e com as muitas noites desveladas ao pé do balancé.

Despedi-me do patrão, colorindo a saída com estabelecer-me, mediante o empréstimo de alguns amigos.

No segundo ano cresceram os lucros da falsificação do papel selado, e até aos da ourivesaria me bafejara a fortuna caprichosa, a qual tem às vezes índole de abutre, que folga de levantar a presa a alturas de onde a deixa precipitar sobre penedias, e de novo a levanta até fazê-la pedaços, que facilmente devora.

A este tempo me escreveu minha mãe, noticiando-me a morte de seu irmão padre, e a intimação, que recebera dos sobrinhos, de desalojar da casa, que a constrangida caridade do irmão lhe dera. Perguntava-me se Deus me tinha ajudado de maneira que

ela pudesse quinhoar do meu pão, sem sustos. Respondi-lhe que partia logo na próxima semana para trazê-la comigo, jurando-lhe que o meu pão era nobremente ganhado.

Mentia-lhe; mas sofismava a mentira diante da minha própria consciência, dizendo que o pão do ourives era honradamente ganhado, e do pão do falsificador não daria quinhão a minha mãe.

Remoçou a ditosa mulher quando viu o meu estabelecimento em pequeno ponto, a minha assiduidade nele, e os lucros bastantes à decente sustentação da pequena família.

Decorridos os primeiros quinze dias, observou minha mãe que eu pernoitava fora continuadas noites, e recolhia antemanhã. O juízo que ela formou deste seu reparo poderia ser motivo a censuras; mas não era decerto suposição de crime. Tomou o sucesso à conta de desvarios da minha idade, e ficou-se em dizer-me que eu seguia diversa trilha da de meu pai na mocidade. E acrescentou: «Procura uma boa esposa, meu filho, e não desperdices a tua mocidade nesses affectos perigosos, que se escondem da luz do dia.» Acolhi a censura com ar de quem a merecia.

Observou «depois minha mãe que eu era a miúdo visitado por um sujeito que se fechava comigo num quarto reservado. A curiosidade natural no timorato e desconfiado coração de mãe, moveu-a a espreitar-nos, em ocasião que o meu sócio, enfiado de pavor, me estava dizendo que as autoridades policiais farejavam uma fábrica de papel selado no Porto, em consequência de terem recebido de Lisboa ordens de devassarem na pista de todos os indícios. Eu recebi aterrado semelhante nova, cujo medo nunca me assaltara. Combinámos logo ali transferir a máquina para fora da cidade, onde o meu sócio tinha uma quinta, que de muito servia de escala para os contrabandos desembarcados na costa.

Terminada a conferência, casualmente perguntei por minha mãe e a criada me disse que ela se fechara em seu quarto.

Pareceu-me a reclusão extraordinária, e fui chamá-la. Como me não respondesse, fiz saltar a fechadura, e encontrei-a prostrada diante do santuário com os sentidos perdidos. Tomei-a nos braços, transportei-a à cama, e esperei a vida, que lentamente se recobrou.

Seguiu-se um diálogo de ânsias e gritos. Minha mãe ouvira tudo, e adivinhara o que não ouviu. Lançou-se a meus pés de joelhos, suplicando-me que abandonasse a criminoso habilidade, que me havia de levar ao abismo. Ergui-a desta postura, em que era eu o humilhado, o criminoso arrependido. Nesse mesmo dia procurei o meu sócio, e contei-lhe a dolorosa cena. O homem, mal reparado ainda do susto, nem me viu as lágrimas, nem o coração. Achava que o perigo era grande; mas, a cada instante, se lembrava do muito liberalmente que ele era pago. «Vejo as coisas dispostas» me dizia o ricoço «a ganharmos este ano oito contos de réis! O correspondente de Lisboa manda ir duzentas resmas a quinze mil réis. Veja você duma assentada três contos de réis, não falando nas comissões das províncias, e no consumo do Porto.» Pois bem, repliquei eu, continue o senhor com a fábrica; lá tem quem me substitua; e desligue-me desta sociedade que é a morte de minha mãe. «Mas engane-a!» retrucou ele. Não posso, nem devo. Hei-de dar-lhe conta de todos os minutos da minha vida de ora em diante, para que ela se não envergonhe nunca de se ter lançado aos pés de seu mau filho.

Cumpri, e salvei, pela segunda vez, minha mãe.

O meu sócio removeu a máquina, e continuou a indústria, a despeito da espionagem da policia. Explorou-a alguns anos, e sempre com prosperidade; até que, pressentindo a morte nos seus achaques da velhice, enterrou os cunhos, desfez a máquina. E vendeu as peças a peso. Não há oito anos ainda que ele morreu; e o seu nome, conquanto viva honrado na memória de muita gente, nunca será proferido por meus lábios com desonra. O operário que nos auxiliava retirou-se também rico, e não

sei dizer-lhe se a esta hora é titular, porque não leio gazetas há cinco anos. Preso é que eu lhe assevero que ele não está.

Fiquei, portanto, ourives, com alguns contos de réis em moeda, bastantes a comprar uma quinta, onde eu e minha mãe passássemos anos de pacífica e regalada mediania. Consultei-a. Abriu-me os braços na veemência de sua alegria; mas retraiu-os logo perguntando-me que modo de vida me dera dinheiro para comprar uma quinta. Não pude mentir-lhe; achei mais digno de impugnar-lhe a demasia dos escrúpulos, chamando-a a ideias menos religiosas acerca do que ela chamava um crime. Defini-lhe em boa razão o que era crime, em respeito à lei que protege os monopólios da chamada fazenda nacional. Quis convencê-la de que nenhum peso tinha na balança da divina justiça a culpa de quem prejudica os interesses do erário, ou, como agora se diz por irrisão, do tesouro público. Fiz-lhe ver que meia dúzia de contos de réis, em que eu tinha desfalcado o Estado, eram como uma gota de água lançada num tanque.

«Mas é crime!», atalhou ela, e não saiu desta espavorida interrupção, contra a qual afroixou a minha inválida e um pouco sofisticada razão das coisas, e explicação libérrima do livro quinto das ordenações.

Não comprei a quinta, nem distribuí o dinheiro em obras de caridade, como era a vontade de minha santa mãe. Dei-me todo ao trabalho de minha oficina; e resisti à violência dos ímpetos que me estavam sempre impelindo... para aqui, meu amigo!

Minha mãe morreu há catorze anos, com sessenta e oito de idade. Fortíssima devia ser aquela compleição, que resistiu a tantos abalos! Na véspera de seu trespasse me disse ela as últimas palavras, que vejo escritas com fogo nas trevas do meu cárcere. Foram estas: «Eu morria contente, se Deus te levasse diante de mim. Ficas no mundo para muitas dores, e morte de muitas agonias. Sejam quais forem, sofre-as com paciência, filho, e lembra-te de tua mãe, que a essa hora estará pedindo ao Senhor que te dê a salvação, e desconto em tuas culpas as torturas que os homens te derem.»

Coutinho esforçou-se por abafar as lágrimas. Conheci quanto lhe era opressiva a violência. Abracei-o com transporte de natural compunção, e rompi a represa do pranto ao desgraçado velho. Seguiu-se ao soluçar uma estranha quietação, e logo um sorriso, que lhe iluminava a face. Tirou o preso das orelhas os óculos embaciados de lágrimas, limpou-os, e repôs os aros vagarosamente, aconchegou do encorreado seio as lapelas da véstia de peles, e prosseguiu:

– Achei-me só. Quis comprar a quinta e fugir à sociedade. Era-me alívio na minha soledade pensar nisto. Por que o não fiz eu, meu Deus!? Não sei. A Providência não o quis. Era necessário que eu viesse aqui realizar a profecia de minha mãe, e chamá-la do Céu a testemunhar as surdas agonias da minha decrepitude.

Oiça-me com complacência uma infantil revelação. Eu tinha quarenta e cinco anos quando amei pela primeira vez. E que desgraçado amor! ... Era uma mulher, que eu- conhecera na abundância, e no descuido das dissipações do marido. Bela era ainda, mas já pobre quando a eu amei. Primeiro, o meu amor foi um reflexo da caridade desinteressada, e imaculada como ela desceu do céu à terra. Adiante do coração mandei àquela família a restauração da abundância, velei na educação dos filhos, amimei-lhe os instintos maus, aconcheguei-os de mim, quando os pais queriam castigar nos moços a péssima educação que lhes deram na infância.

O crime veio depois; a caridade perdeu todo o sabor que tinha em minha consciência. Mas o tripulante em calma, abrasado de sede, chega a gostar o acre da água do mar, e vive a incendiar-se com ela, e a apagar uns incêndios com outros. Assim é o vício repetido. As chagas abertas já não enojam quem se afez a olhá-las em si. Hoje o crime; amanhã o remorso; depois, a conformidade com o remorso, aconselhada pelo exemplo de iguais criminosos, depois a indiferença; e às vezes, por último, um galardão

interior, que devera chamar-se o desprezo em que o homem a si mesmo se tem.

Quando minha mãe expirou, fugiu de ao pé de mim o bom anjo que me ensinava a caridade sem usura, a abnegação sem buscar, na trilha de nossos passos honrosos, alguém que nos viesse admirando.

A queda é posterior à ascensão de minha santa mãe. Não sei que prazer sinto em relembrar-me disto, que parece coisa indiferente ao crime ou à virtude!

Quatro anos depois da morte da santa, eu já não tinha loja de ourives. A minha oficina estava resumida a trabalhos de gravura, insignificantes trabalhos, à primeira vista, mas tão aprimorados, que eram sempre mal pagos. Gastei o dinheiro que tinha na sustentação, na abundância e nas prodigalidades da família que eu sustentava. O chefe da família renunciara totalmente à sua honra, contanto que o preço da tácita convenção da renúncia mantivesse a sua pontualidade. Os, filhos cresceram em anos e vícios, anos que reagiam aos meus conselhos, e vícios que medravam nos meus recursos, nunca denegados. A mulher fatal, empeçonhada pela indignidade do marido, perdera a pouco e pouco os direitos de mãe, e com sua tolerância parecia estar pedindo indulto do crime, se porventura a ideia de crime não estava de todo obliterada naquela alma.

Desgraçada senhora! Que queda, e que abismo!

Voltaram outra vez as lágrimas aos olhos do preso, e as ânsias, que desabafavam em soluços. Contemplei-o, e esperei com o coração angustiado. Eu já sabia a história que me ele estava contando. Conhecia a mulher, que ali vinha todos os dias, enroupada num velho capote, e lhe ajudava a comer os feijões do caldo e a broa negra da Santa Casa da Misericórdia. Observei-lhe que se abstivesse de me contar o restante daquele episódio da sua vida, que me não era estranho.

– Pois sim – disse ele comovido –, não contarei ... que não posso... que não devo... Receio que me rebente do coração alguma palavra de queixume. Basta-me vê-la tão infeliz, e todos com ela, todos quantos viveram à sombra do seu opróbrio! ... O marido vaga aí esquecido do que foi, quando estende a mão descarnada à esmola... Os filhos não a conhecem, e procuram o pão da tardia dignidade no trabalho, mas... não a conhecem, nem a mim... Providência Divina! Onde estarias tu, se esta expiação me faltasse?...

Estas últimas palavras saíram entrecortadas de aspirações arrancadas do peito exausto de vigor.

Pedi ao preso que deixasse para o dia seguinte a continuação de suas revelações.

– Pouco mais tenho que lhe diga – respondeu ele. – Deixe-me fazer um esforço, e o senhor faça outro de paciência. Quando me vi ameaçado pela pobreza, e carregado da sustentação de uma família dispendiosa, abri as portas ao demónio tentador. Ajuntei as relíquias do dinheiro do crime, e apliquei-as para ensaios de outro mais sedento de riqueza. Fiz as primeiras tentativas no fabrico da moeda. Cunhei moedas de prata, atirei-as ao giro, e auferi poucos interesses. Tentei o dinheiro-papel, mas faltavam-me máquinas. O que por aí se fabricava era sujo, estúpido e só capaz de enganar a boa-fé de um comerciante não vezado a lidar com ele. Dominava-me a mim o estólido brio da arte; o timbre de me não deixar acusar de imperfeições pela minha própria razão. Eu conhecia gravadores ineptos, sem faísca de engenho, materialíssimos nas suas obras, e ricos. Muitas vezes me demorei a contemplar os seus trabalhos, e exclamava: «Parece incrível que o mundo se engane com estas notas!» Quando alguns desses me precederam nesta casa, não me espantei. Entendi que vinham expiar a rudeza do seu ofício, e a temeridade de entrarem em competência com artistas, que não queriam mentir à arte para mentir ao mundo.

Não pude ouvir sem sorriso a veemência apaixonada com que Coutinho arguia a inaptidão dos seus colegas. Impostura decerto não havia naquele zelo da arte, e na

continuação da história verá cada leitor a certeza disso.

Continuou:

– Apliquei-me aos cunhos da moeda de ouro espanhola e portuguesa. Tirei-os perfeitíssimos, saíram-me primorosos na fundição, mas galvanizá-los a primor, com a liga que eu descobrira em incansáveis estudos de química aplicada, isso é que eu mal podia fazer sem aparelhos e máquinas. Algumas construí eu por minhas mãos; faltavam-me, porém, balancés de força maior, que as fábricas de fundição nacional não podiam dar-me, segundo os meus modelos. Pessoa ou pessoas associadas comigo encarregaram-me de pedir as máquinas do estrangeiro. Cheguei a recebê-las, a experimentá-las, e a tirar excelentes provas, que as autoridades encontraram. Quinhentas seriam ou mais, admiravelmente perfeitas, perfeitíssimas, senhor, como nunca saíram da Casa da Moeda, cujos operários têm tempo sobejo e bem remunerado para estudos! Abstenho-me de lhe falar em termos técnicos nesta matéria, porque o meu amigo os não entenderia; mas, se eu pudesse passo a passo, linha a linha, melhoramento a melhoramento, graduar-lhe a escala da perfectibilidade a que eu tinha levado as onças espanholas, as peças portuguesas e as libras esterlinas! A gravura irrepreensível! A serrilha sem uma cesura duvidosa! O peso... o peso, senhor, o mesmo, o mesmíssimo na mais ponteira balança!

Neste ponto Coutinho pendeu a cabeça para o seio, levou as mãos à frente, abriu os dedos sobre a calva e recurvou-os como se quisesse com as unhas arrancar aquele amor artístico, que exasperava o seu suplício.

Então foi que ele se levantou de golpe, exclamando:

– Agora decerto não posso continuar... Está comigo o demónio... o demónio da arte! Infernal magia é esta! Creio que até na força a veria a dar-me graças de a ter amado!

Soou a sineta que marca a hora do recolhimento.

Vi entrar no seu quarto António José Coutinho, e receber distraído as carícias de *Minerva*, que o estivera chamando em pungentes uivos. Fecharam-lhe por fora os ferrolhos; e um dos empregados neste mister, entrando no meu quarto a dar-me as boas-noites, disse-me com circunspecto riso:

– Que grande maçada lhe deu o patarata do Coutinho! O pobre parvo não a soube fazer limpa!

V

A pouco mais se alonga a história do artista.

Fortaleçam-se os espíritos fatigados, que vem aí a catástrofe que há-de ser para ele a redenção, se lha desejam os compadecidos leitores.

Coutinho, quando principiava a auferir lucros animadores da sua terceira arremetida ao código penal, teve aviso das suspeitas das autoridades administrativas, informadas por denúncia de pessoa cúmplice nas tentativas dele.

Ajuntou em pequeno fardo os cunhos, as provas, utensílios indicativos do crime, e pediu à mulher denominada *fatal*, que fosse enterrar o pacote. As razões da recusa não me lembram. Ficaram os objectos indiciadores, que o artista escondeu, e um acaso fez descobrir num gavetão aberto debaixo da forja, sem sinal exterior de entalhe. O moedeiro já estava no seu oitavo dia de segredo, quando soube que as provas irrecusáveis de seu crime tinham aparecido. Deu-se como perdido, e protestou diante de Deus, a quem pediu a morte, não perder alguém mais. Foi interrogado brandamente com promessas de futura liberdade, se denunciasse os seus cúmplices ou as pessoas a quem vendera a moeda falsa. O preso respondia sempre: «As autoridades têm obrigação de sereia tão espertas com os outros como o foram comigo. Eu não sou denunciante.» Estas promessas e interrogatórios repetiram-se muitas vezes antes do julgamento. O réu, por último, respondia com um sorriso.

Coutinho, no penúltimo dia- de prisão incomunicável, tentou matar-se, incendiando a enxerga no estreito recinto, onde o ar não penetrava, e o asfixiamento seria inevitável. No supremo instante lembrou-se que a mulher fatal estava presa, e como ele em cárcere privado. O braço convulsivo, que achegava a luz às palhas, caiu.

– Se eu lhe falto – disse ele à sua inalterada razão –, quem há-de alimentá-la?

O preso, transferida aos quartos de malta, tinha consigo dezasseis libras, seus únicos haveres. Estimava ele as máquinas apreendidas em dois contos de réis, afora a última, que lhe custara em Paris dois mil e quinhentos francos, e ele não chegara a ver, porque lhe foi tomada na alfândega.

As dezasseis libras estavam exauridas antes do julgamento. António José Coutinho escreveu a um dos seus amigos emparceirados no cunho da moeda, pedindo-lhe cem mil réis para pagar a sua defesa a Custódio José Vieira. O amigo não lhe respondeu, e foi viajar em Espanha. Vieira defendeu o réu gratuitamente; mas o milagre do discurso não podia converter em provas da inocência do réu os cunhos e as moedas encontradas. O desgraçado já tinha a sentença lavrada quando se assentou no banco.

No tribunal, o aspecto do velho compadecia, e a dignidade de suas respostas assombrava o júri. Um co-réu rompeu contra ele em acusações vituperosas. Perguntado Coutinho se com o co-réu tinha ligações de moeda falsa, respondeu: «Não; esse homem nunca teve comigo tais ligações; eu era sozinho.» Replicavam-lhe: Mas ele confessa que as teve. «Embora», redarguia o interrogado, «este homem está mentindo, ou está demente.» O júri olhava pasmado para o juiz, e o juiz maravilhava-se de tamanha probidade tão inconciliável com o crime.

Coutinho foi condenado a degredo perpétuo com trabalhos públicos. O co-réu, que mais contribuía para esclarecer funestamente o crime, colheu o prémio de dez anos de degredo, com trabalhos, pena que o tribunal da Relação acrescentou em perpetuidade.

O condenado não tinha amigos que o socorressem na cadeia, nem podia trabalhar no seu ofício de gravador ou ourives, em razão de lhe tirarem as ferramentas e máquinas indispensáveis. Os seus emparceirados no crime ministravam-lhe alguns instrumentos

de cercear moedas de prata e ouro. Disse-me Coutinho que em dois anos passaram por suas mãos cerca de trinta contos de réis para serem desfalcados; e juntou que durante unia noite conseguira ele muitas vezes cercear cinquenta moedas em cruzados novos, recebendo setenta réis de cada moeda. As autoridades, suspeitosas do crime, assaltaram de improviso algumas vezes o quarto de Coutinho, a diversas horas da noite. Buscavam e rebuscavam inutilmente; até que, por insinuações do preso que o delatara, encontraram os instrumentos, e quinze moedas em prata no oco do cepo, onde ele tinha cravada uma pequena bigorna. Instado para nomear os seus cúmplices, o preso manteve sempre o glacial silêncio e o semblante sereno de quem toma sobre si a responsabilidade inteira do crime.

Quando Coutinho me revelou esta meia-confidência, que as autoridades souberam, e que eu não escrupulizo por isso em divulgar, citei-lhe eu, um por um, os nomes dos seus cúmplices, e ele empalideceu, e tartamudeou:

– Diga-me... peço-lhe que por compaixão me diga como sabe esses nomes.

Era um conto muito breve e natural. Uma criada da casa onde eu estava hospedado em 1856, vinda da rua, entregou-me uma volumosa carta, dizendo que a vira cair do cesto de uma lavradeira, quando esta tirava umas chinelas.

– E porque não chamou a mulher para lhe dar a carta? – perguntei à criada.

– Chamei muitas vezes, mas ela não ouviu.

Li o sobrescrito da carta, que não tinha direcção. Abri-a, depois de pensar na impossibilidade de a encaminhar a seu destinatário. Incluía-se quatro cartas no mesmo envoltório. Uma, não assinada, era escrita em termos cabalísticos a um sujeito que a remetia com a tradução do enigma. O tradutor, como mais *esperto*, assinava a sua interpretação. Decifrado o aranzel, inferia-se que o preso, encarregado de cercear a moeda, estava sob a incansável vigilância das autoridades, e não podia trabalhar. Uma das outras duas cartas era de terceira pessoa, acusando a recepção de *quatro grosas de botões amarelos*, os quais estavam à disposição da pessoa indicada no sobrescrito. A última carta era vinda de Coimbra ao tradutor do preso, pedindo-lhe seis dúzias de *formas para botões grandes*.

Compreendi, sem consultar o intérprete, que os botões amarelos eram *libras*, e as formas de botões grandes, *peças*. O Sr. Coutinho concordou depois com o meu penetrante juízo nesta matéria.

Alguém dirá que eu desservi a república e a moral não indo logo apresentar às autoridades aquelas cartas. Consultei o coração, e rasguei as cartas, conservando não sei porquê nem para quê os nomes dos indivíduos, que ainda agora não conheço pessoalmente. Escassamente sei, por mo dizer Coutinho, que são sujeitos de boa nomeada e costumes irrepreensíveis, o que eu sinceramente desejo, para que a raça dos bons sujeitos sobrenade a este cataclismo de lama em que uns mais que outros nos imos todos a pique, se Deus não acode.

Coutinho, animado por esta prova de bom natural que eu lhe contara, revelou-me o que mais inviolável tinha na sua alma. Tive então de pasmar duns homens, e da boa-fé de outros homens, e mais que tudo da assombrosa virtude daquele preso, ali abandonado de tantos que ele podia com uma palavra atrair a fazerem-lhe companhia no cárcere!

O que ele me disse devolvi-lho numa hora que vou dizer logo; tudo lhe dei, a ponto de nada me lembrar do que tive de suas confidências.

Depois de tais descobrimentos, António José Coutinho, privado de quantos utensílios lhe podiam ainda valer à fome em trabalhos lícitos, deu-se a fazer caixinhas para banha, que os boticários lhe pagavam a doze vinténs a grosa. Vejam que indústria tão animadora! Além destas, fazia de outras em tamanho e perfeição superiores, com adornos de papel dourado, e imaginosos feitios, as quais tiveram em tempo grande

voga, e desmereceram no mercado com a concorrência dos artistas, rivais de Coutinho. Afora isto, Coutinho compunha ratoeiras, e louça quebrada, e outras miudarias, como caixas de tabaco e encaixes de óculos e tesouras. Inventou ele nesse tempo um engenho de fazer colchetes. Ofereceu o seu invento à mulher fatal, como um legado de pão escasso, mas certo na velhice. Queixava-se-me ele de que a sua ideia fosse mal acolhida como obra de arte, e como meio de produção.

Coutinho, na qualidade de *escrivão dos quartos de malta*, recebia diariamente meia broa e quatro tigelas de caldo. Do caldo escolhia ele os raros feijões, que lavava em duas águas, e adubava com azeite. A broa, que o próprio Ugolino do Dante não comeria, trocava-a ele a outro pão, para si e para a cadelinha, que não queria aquele.

Quando entrei na cadeia, o alquebrado velho queixava-se de dores do coração e turvações de cabeça; parecia, porém, descuidado da morte. Frequentes vezes me disse esperava lhe anulassem no supremo tribunal o processo, para ele poder, ainda uma vez, falar aos jurados, e explicar-lhes, sem perigo de alguém, o que era em Portugal a moeda falsa.

– Se o Estado me perdoasse, e me quisesse aproveitar os últimos anos de vida! – exclamava ele.

– Em que ocupação, Sr. Coutinho? – inquiria eu.

– Na minha, na única vocação que me impele e abrasa, no fabrico da moeda, que eu levantaria a invejável perfeição, com grandes economias no consumo da matéria-prima.

Era este dizer o ordinário intróito de longas tiradas acerca da arte, e de encarecimentos, talvez despropositados, das muitíssimas vantagens que o Estado poderia haurir da habilidade dele.

Os padecimentos de Coutinho, apesar dos cuidados e aconchego de algum preso que o fez seu comensal, pioravam incessantemente. Eu muitas noites sal do meu quarto, noite alta, para ir colar, nas trevas, o ouvido aos ferrolhos do seu. Ouvia-o gemer, sentia-lhe os passas no pavimento, e até os soluços ofegantes das lágrimas lhe estremava naquele sepulcral silêncio das abóbadas.

Algumas manhãs entrou cadavérico no meu quarto, contando-me que golfara sangue, e se julgava livre da serpente que lhe enroscava o coração. Morria-lhe a ilusão à primeira mordedura da sua serpente, cada vez mais pungitiva.

Em Fevereiro do ano passado, um dia de sol e céu alegre, Coutinho, encostado às grades da minha janela, falou-me assim:

– A minha vida está por pouco. Parece que a alma já luta para romper e fugir deste miserável corpo. Antevejo a morte, e creio que me não engano, porque li, não sei onde, que o lembrar-se o homem dela com resignação e até prazer, é infalível sinal de sua chegada. A Providência Divina leva o desgosto da vida ao espírito, quando o chama a julgamento.

– Não se lembre de tal, Sr. Coutinho – atalhei eu com um dos ditos comuns, que não consolam, nem despersuadem nada.

– O senhor há-de melhorar na Primavera que está connosco, e nos há-de mandar aqui dentro o seu ar balsâmico e o aroma das suas flores.

– Já passei aqui seis Primaveras, meu amigo. A Primavera passa por cima destas abóbadas como sobre as lajes das sepulturas. Aqui reina o eterno frio, como dizem que no inferno reina o eterno fogo. Estas paredes porejam sempre o mesmo salitre, e as enxovias estão sempre vaporando a sua podridão para esta atmosfera. Do meu antro, que está iminente ao foco dos miasmas, nem as flores tenho visto. Há seis anos que não vejo flores, nem espero ver as que hão-de abrir nos vasos que uma encarcerada, fronteira à minha janela, dispôs ontem no parapeito da sua. Quando a vi naquele

trabalho, disse entre mim: «Pobre senhora! Como tens coração para flores!... Como te concede ainda o céu essa memória da tua infância no jardim de teus pais!» Queria eu dizer-lhe que, se eu viver quinze dias com algumas horas de dores menos aflitivas, hei-de escrever um resumo da minha vida, como eu puder escrevê-la. Será uma história sem interesse para pessoas felizes; mas o senhor há-de achar-lhe o sabor de fel que se converte em doçura para desgraçados impacientes e maus juizes da superioridade da sua desgraça. Se assim, como o senhor, forem muitos os infelizes, concedo-lhe que conte a minha história, como eu lha escrever, sem as confidências ligadas com o meu crime.

Agradei ao velho a sua promessa, instando pelo cumprimento dela.

Penso que, desde aquele dia, António José Coutinho principiou a escrever; mas as dores e ânsias, a cada hora, o interrompiam e desanimavam. Esteve de cama duas semanas, medicando-se contra os mais vulgares e intuitivos preceitos de medicina caseira. Quando o peito se lhe fendia em dores, banhava-o de água tépida, ou tomava grandes quantidades de chá. A cuidado dum preso, algumas vezes foi examinado por um médico, que, ao primeiro exame, me disse a mim que o velho estava livre da cadeia em poucos dias, e ficaria em terra da pátria...

Quando o eu visitava, dizia-me sempre:

– Não posso, e creio que já não poderei escrever os apontamentos, nem sequer ditá-los. Tenho muitas lembranças; mas todas são da meninice, sinal de morte próxima. O espírito, ao sair, está a recordar-se dos anos em que entrou.

Não sei como um desentranhado e falso espião pôde naqueles supremos dias atribular o moribundo, denunciando-o em trabalhos nocturnos de moeda falsa. Coutinho, sabendo que andava nas garras do seu implacável inimigo, requereu ao procurador régio uma busca ao seu quarto. A autoridade não podia furtar-se à condescendência, e mandou examinar miudamente o quarto do preso. Pareceu-me indiscreto o requerimento.

– Não é – disse Coutinho. – Receio que o meu espião me insinue pela entreaberta da porta algum vestígio de crime, para que eu não vá deste mundo sem ter de descer a uma enxovia.

Desde este dia, nunca mais se levantou Coutinho. *Minerva* erguia-se com, a tarimba, punha-lhe as patas no seio, como a pedir-lhe que a levasse a passear nos corredores. O velho anediava-lhe o pêlo da cabeça, e dizia:

– Estou a morrer, minha amiga... Se tivesses a tua vista, ver-me-ias os vermes no rosto.

Uma vez estava eu sentado na cadeira única do quarto dele, à cabeceira do catre. Aos pés da cama estava, sobre o pavimento, sentada a chorar, aquela mulher que caíra com ele à extrema penúria. Não sei como eu falei de Lisboa, e dos arrabaldes, e dos laranjais daquelas formosas povoações da margem direita do Tejo.

– E as flores? – exclamou Coutinho, abrindo desmesuradamente os olhos, que pareciam amoróticos, ao faltar-lhes o luzimento dos vidros. – As flores! – clamou com maior veemência, levantando os braços descarnados e pondo as mãos trementes. – Naquela quinta dos Olivais haviam anémolas... Como era fresca e bela aquela candidez das anémolas! Nas ruínas, os cachos das trepadeiras; as silindras na rampa que subia para o olival; as acácias na circunferência do tanque; as laurentinas e as madressilvas! ... Oh! Que saudade eu tenho daqueles sítios, onde a minha alma era tão pura e inocente com as flores... Quando há dez anos, fui a Lisboa, e visitei aquelas ruínas, e por ali andei com o padre Álvaro, como eu chorava, senhor, como eu me sentia bem chorando ao pé de cada árvore envelhecida, que nascera comigo! ... Onde eu vim, meu Deus! Onde eu vim morrer! Nem agora um pouco de ar livre! Que perderia o mundo, se me deixasse agonizar e morrer onde visse o céu! Quem me dera uma bocadinho de ar, que a

esta hora tem o desamparado que morre na serra, ou nas tormentas do mar!

O enfermo revolvía-se na cama, e sacudia vertiginosamente a manta esfarrapada. Aquietei-o, invocando a sua exemplar paciência. Ao frenesi seguiu-se o espasmo, e depois uma torrente de lágrimas, que eram as últimas.

No dia seguinte, por ordem do médico da Santa Casa da Misericórdia, foi Coutinho transferido para a enfermaria da cadeia. Transportaram-no sobre a enxerga, que os carreteiros apanharam pelas quatro pontas. Acompanhei-o à enfermaria; vi que o deitavam entre os outros doentes. Pedi ao enfermeiro que lhe desse algum quarto reservado. Não havia; mas consegui que o recolhessem a um recanto da cozinha, onde se fez um quarto de biombos.

Ao quinto dia de tratamento, o doente reconheceu-me, estendeu-me a mão, e murmurou:

– É tempo de lhe dizer adeus.

Acrescentou algumas expressões de reconhecimento, que o desgraçado, por efeito da febre e turvação de ânimo, imaginou que me devia; e tão íntimas do coração lhe vinham que, primeiro que as palavras, acudiam as lágrimas.

Não lhe vi nem ouvi outras, depois de lhe dizer que ali lhe restituía os segredos que me confiara. António José Coutinho agonizou quinze dias na enfermaria, e morreu em princípios de Abril, quando o sol da Primavera e o perfume das flores vinham à grade, onde me ele falara da morte dois meses antes.

Nesse mesmo dia foi envolvido num lençol, e enviado por dois galegos ao cemitério de Agra Monte, onde em redor da sua cova o estavam esperando as enfezadas farinhas, que a esta hora estão revijando da leiva de carne e sangue e podridão daquele velho, que chorava de saudades delas.

A cadelinha vivia não sei aonde, quando seu amo morreu. Dois dias depois do passamento, ouvi gemidos dela nos corredores, e fui encontrá-la sentada à porta do quarto donde saía o moribundo. Chamei-a, afaguei-a, reconheceu-me, e seguiu-me ao meu quarto. Levantou as patas à cadeira, onde o velho costumava sentar-se; farejou-a, e gemeu. Então reparei com os olhos marejados de lágrimas na pobrezinha. Estava descarnada, e coberta de imundície. Tão nédia e alva que o dono a trazia sempre! Dei-lhe de comer, que ela repeliu, apenas o reconheceu no faro. Voltava a mim ganindo, e tropeçando com a cabeça nos móveis. Não pude retê-la no quarto. Deixei-a ir outra vez lastimar-se à porta do seu quarto, e pedi à Providência, compadecida das almas fracas, que me desviasse dali aquele espectáculo.

A cadelinha foi tirada pela senhora, que outro legado não tivera do moedeiro falso; mas, ao outro dia voltou, e oito dias seguidas, até que, prostrada de fraqueza, ao erguer-se para buscar de novo seu amo, caiu morta sobre as palhinhas em que tivera sua agonia de saudade.

VI

Prende com o bosquejo biográfico dos anteriores capítulos numa sucinta notícia de outros fabricantes e passadores de moeda falsa, já todos condenados. Três deles, a esta hora, estão caminho de África, e não mais para eles aquele ardente céu lhes dará monção de voltarem à pátria. Um era o Sr. Máximo que ao tempo da sua prisão, tinha no Largo do Carmo um botequim.

Contristava-me e maravilhava-me o viver deste homem. Trabalhava ele incansavelmente desde o arraiar da manhã até alta noite na manufactura de caixinhas para as boticas, e fazia trezentas por dia. O lucro de cada tarefa diária orçava por quatrocentos e oitenta réis. Bem podia o Sr. Máximo alimentar-se abundantemente deste ganho, que ninguém lá o auferia maior de semelhante arte; mas o preso vivia do caldo e do pão que a Santa Casa da Misericórdia lhe dava, e este foi o seu quotidiano e inalterável alimento de seis anos, excepto em dias de comunhão geral, que então festejava a solenidade do dia com uma pequena posta de bacalhau comprada ao enfermeiro.

Dir-me-ão que o meu vizinho de quarto aferrolhara cabedal em seis anos, bastante a ir no degredo estabelecer-se mercantilmente. Avaliam de improviso a economia suicida do Sr. Máximo; suicida direi, o infeliz, com o péssimo passadio e vida sedentária, sem hora de repouso durante o dia, e poucas da noite, ganhara enfermidades que lá fora lhe serão, por ventura dele, termo à desgraça, como favor da Providência.

Que pouca fé seria a minha, se eu descesse da benquerença do céu àquele encarcerado, que tanto sofria e trabalhava por amor da sua família!

Quando foi preso tinha ele em começos de formatura na escola médico-cirúrgica um filho; tinha outro em latinidade, e projectava educar o terceiro também na carreira de letras. Sua mulher tinha nascido senhora, e recatada se mantivera sempre como exemplar esposa e mãe. O Sr. Máximo, preso e pobre, não desanimou ante a presunção de estar irremediavelmente perdido. Deu-se todo ao único labor que dispensava aprendizagem e inteligência – o das caixinhas para banha. E com os proventos delas continuou a formatura de seu filho mais velho, e esperou que ele se formasse para lhe dar na cadeia a sua derradeira bênção, e entregar-lhe sua mãe e irmãos. Recordo-me da alegria com que o bom pai entrou no meu quarto, anunciando-me que seu filho defendera teses, e fora plenamente aprovado, como em todas as aulas do seu curso; nadavam-lhe em lágrimas os olhos, como se a nova de sua liberdade o surpreendesse na desesperação de volver ao seio da família.

– E agora – lhe disse eu – vai mais contente para o degredo?

– Vou, como iria para a sepultura, deixando protegida mulher e filhos. Sinto-me arruinado de trabalho e desgostos; mas de ora avante já se não me dá de morrer aqui ou no degredo. Fui pai enquanto pude sê-lo. Levo comigo a consciência desta virtude, que me será desconto nas virtudes que me faltaram.

Quando me despedi do Sr. Máximo, recebi de sua mão uns difusos apontamentos concernentes à injustiça da sua condenação. Abstenho-me de publicá-los, como era vontade dele, porque a divulgação de secretas ignomínias não melhoraria a sorte do degredado, nem a de futuros infelizes da sua condição. Pode ser que o tempo faça o que a prudência me priva de fazer. Antes isso. Contra o tempo ninguém conspira; e contra mim abrir-se-iam os odres de cólera, e seriam tantas e tão desencontradas as ventanias, que não seria coisa de pasmo ir eu, nas asas duma, contar ao Sr. Máximo, a Cabo Verde, o ganho que tirei de ser seu editor.

Outro condenado era o Sr. Soares, não sei de que terra de Trás-os-Montes.

Contaram-me que este homem ia inocente a degredo perpétuo com trabalhos públicos para salvar um seu cunhado, verdadeiro criminoso, correspondente de António José Coutinho. A ser certo, o equívoco, o Sr. Soares declarara ser sua a assinatura arrevesada duma carta incluída nos papéis de Coutinho, e com esta declaração desviara suspeitas do marido de sua irmã. Perguntei a Coutinho se era verdadeira a abnegação heróica do seu cúmplice. Respondeu-me ele que Soares era inocente, e nisto ficou.

De camaradagem como este, e pelo mesmo crime, estava o Sr. Guimarães, sujeito que passava por abastado na cadeia, e que aos domingos se entrajava com muito esmero, e acabava estes festivos dias em libações de mau vinho, que o faziam esquecer do seu mau destino, e também do caminho do seu cubículo, onde chegava por acerto, com a cabeça contusa de apalpar as arcadas dos corredores. Tirante os dias santos, o Sr. Guimarães era homem sério e sóbrio, e gastava as horas em atalaiar uma caixa de pinho, em que os seus amigos imaginavam tesouros fabulosos, adquiridos no Brasil, onde ele desempenhara difíceis e gananciosas comissões de espalhar notas.

Era outro o Sr. Dias, que exercitara primeiro o comércio, no qual fora desventuroso, e abrira depois escola de meninos, aqui no Porto. Fora-lhe sempre esquerda a sorte, mesmo no magistério, onde o visitara a fome pela porta que sua insuficiência deixara aberta. Sorriu-lhe um dia a fortuna nos lábios de uma viúva remediada. O Sr. Dias casou aos quarenta e tantos anos, e contava com outros quarenta de vida remansosa, quando a policia administrativa lhe descobriu no muro do quintal um canudo de lata com alguns contos de réis em notas falsas.

Contou-me o Sr. Dias a sua história. Asseverou-me que estava inocente naquela intriga maquinada contra a sua virtude e desprendimento de ambições. Não me abalanco a condizer na inocência do Sr. Dias, porque não ouvi as testemunhas, que o fizeram parecer criminoso aos olhos dos jurados. A triste verdade é que o desventurado homem foi condenado em cinco anos de prisão, os quais não começou ainda a cumprir, em virtude de ter levado, como nulo e iníquo, o processo e o julgamento às instâncias superiores. Praza a Deus que a inocência ou a misericórdia o restituam à liberdade ⁸.

O Sr. Dias exercia na cadeia as funções de mestre-escola pelo sistema repentino. Os alunos, em número de dezoito, eram os gaiatos que a policia removeu para ali da Porta de Carros e dos ajuntamentos, em que os lenços e caixas de rapé se tornam mui duvidosa propriedade de seus donos. Estavam ali rapazinhos de oito a dezoito anos, conglobados todos num pequeno recinto. O Sr. Procurador Régio providenciara caritativa e inteligentemente, ordenando que os rapazes fossem estremados da companhia dos presos nas enxovias. Ali é que a perdição morai das crianças se consumava com as lições dos ladrões recalcitrantes e matadores condenados a pena última. Contaram-me que, nas enxovias, alguns maiorais davam prelecções e cursos regulares de engenhosas ladroeiras. Dos discípulos, alguns primavam tanto em agudeza e fina compreensão, que não era raro ser, o mestre roubado, enquanto preleccionava. Daquela escola saiu, há meses, uma leva de grumetes para a marinha de guerra portuguesa. Não nos parece coisa dura de tragar, se um dia a imprensa nos disser que eles meteram a marinha portuguesa na algibeira, tão pequena é ela, ou tão grandemente astuciosos eles são!

Estava, pois, o Sr. Dias ensinando os rapazes a ler pelo sistema em parte repentino, e em parte misto, segundo o nomeava o professor. Eu ouvia do meu quarto o estrondo da pronúncia dos aprendizes de leitura, e pareceu-me que eles levavam aquilo de risada, excepto nos intervalos em que o Sr. Dias, contra as prescrições humanitárias do Sr. António Feliciano de Castilho, lhes applicava a palmatória. Devemos crer que o

⁸ O Sr. Dias, contra as minhas funestas previsões, saiu livre em 1863, por absolvição do júri em segundo julgamento. (*Nota da segunda edição.*)

Sr. Dias usava da palmatoada para esporear o repente do sistema, ou a tomava dos velhos usos para poder chamar *misto* ao seu método. Aqui, e sendo assim, o elemento da mistura era a pancada, de que a meu ver os gandaieiros eram muito dignos.

Pedi ao atilado professor a sua opinião acerca da esperançosa inteligência dos seus alunos. O Sr. Dias não agourava coisa que preste de nenhum deles, nem mesmo se lastimava de não vir a ser honrado na perspicácia de tais discípulos.

Não era gratuito o professor. O Sr. Dias percebia do seu magistério oito tigelas de caldo e duas broas por dia! Como querem que haja instrução na cadeia com tal recompensa! Oito tigelas de caldo! Se o pobre mestre tivesse oito estômagos para elas, morreria oito vezes em cada dia! O que valia ao Sr. Dias era vendê-las todas, e aplicar o produto em iguarias, que lhe não toldassem o cérebro dos vapores crassos do feijão rajado. Seria impossível, com tal alimento, conservar-se límpida a inteligência do mestre para o funcionalismo docente. Vejam o que diz dos feijões Filinto Elísio numa ode do tomo 3º de suas obras.

O laborioso professor, com o intento de ter sempre ocupadas as suas horas, tomava também parte os trabalhos do escritório da cadeia. Devo-lhe a fineza de ter rebuscado nos velhos livros, e encontrado a notícia do encarceramento de meu tio Simão António Botelha, que talvez o leitor já conheça do *Amor de Perdição*.

Nenhum preso tinha as lágrimas tão à flor dos olhos, quando falava de sua mulher. Abria-se em torrentes de pranto, quando via o sol na Cordoaria, e lhe saía em ânsias do coração a palavra LIBERDADE.

Se o meu leitor for jurado, no segundo julgamento daquele pobre homem, deixe-o ir morrer ao pé de sua mulher, e faça-o sem receio de o deixar desvingadas as vítimas do crime dele. Se a intenção do crime existiu, o que eu não sei, deixem ir em paz o desgraçado que expiou duramente o mau intento com três anos de cárcere. E, se isto é pouco, perdoem-lhe pelo muito que ele tem aturado àqueles gaiatos, sem auferir daí proveito, que não seja caldo a disputar a negridão ao de Esparta, e nem sequer a honra, em esperanças, de iniciar letrados para a república das letras.

O último moedeiro era o Sr. Braga, antigo gravador, preso em 1849, se bem me lembro. Sobe ser um homem de bronze com setenta anos, é uma crónica dos últimos cinquenta, em que um espírito curioso pode esmiuçar coisas, que a ninguém lembram, que a mais desbocada imprensa nunca disse, e ninguém sabe. Conhece a procedência de muitas fortunas, apanhadas pelo calcanhar, desde 1810 até nós. Narra os antigos acontecimentos com a frescura do colorido do momento. Diz francamente que homens ele ajudou a enriquecer com a sua arte, os locais em que assentou as suas máquinas, as quintas onde esteve encerrado anos a trabalhar sem respiro, as quantias que nunca lhe pagaram os ricos feitos por sua habilidade.

De uma família de grande luzimento em nossos dias, me contava ele esta breve passagem:

– Mandei Douro acima um baú, em que iam cinquenta contos de réis em papel...

– Falso?

– Falso como o diabo. Andavam açodados os espiões, e o chanceler mandou do Porto, na esteira do barco, uma escolta comandada por um oficial, e um meirinho dos mais graduados. Poucos minutos depois que o baú entrou em casa de seu dono, saltaram em terra os soldados e cercaram a casa. O dono da casa era homem de presença de espírito. Deixou entrar, e recebeu afavelmente o alferes e o meirinho, dizendo-lhes: «O baú é aquele; vamos logo abri-lo; mas, antes disso, queiram sentar-se à vista do baú, e almoçaremos os três.» Almoçaram os enviados com certa desconfiança, mas almoçaram. No fim, disse o meu amigo: «Agora esperem, que eu volto já.» E, voltando, acrescentou: «Fui buscar os palitas, que tinham esquecido; aqui tem cada qual o seu.»

Os palitas do meu amigo eram cartuchos com duzentas peças cada um. Os da diligência encararam um no outro, e disseram: «Não há que ver.» Quando tal disseram, o meu amigo já também não via os dois cartuchos. Chegou a uma janela, e mandou ao criado da adega que desse aos soldados o vinho que eles quisessem.

Ria-se o velho, e ajuntava, concluindo:

– Os moedeiras falsos de agora não sabem dar nem fazer destes palitas, meu caro senhor; por isso chegam a não terem que tirar dos dentes com esses que custam cinco réis cada papeliça.

Disse eu que era de bronze o Sr. Braga. É de notar, em primeiro de tudo, que está preso há doze anos. Tinha um filho e duas filhas que extremosamente amava. Uma das filhas morreu-lhe nos braços ali na Relação; o filha morreu tísico. Seguiu-se à morte do filho ser ele julgado e condenada a dez anos de degredo com trabalhos.

E a tudo resistiu de pé, afrontando estoicamente a desgraça, e teimando em comer às suas horas, invariavelmente, os sadios e substanciosos alimentos, que o seu estômago digere com a pontualidade de um cronómetro.

O Sr. Braga tinha a bondade de repetir-me todos os dias os seus aforismos de estômago, cuja supremacia sobre os meus eu reconhecia no vermelhão oleoso da sua face, em que a saúde andava como a estostrar de contente.

Se acontecia eu estar doente, o Sr. Braga obrigando-me sempre com a sua visita, capitulava as minhas moléstias de fraqueza, e aconselhava-me as azeitonas como milagrosas para o apetite, e o vinho do Porto, como primeiro drástico da medicina dos anjos. Estando eu com um começo de pneumonia, fui brindado pelo meu delicado amigo com uma broinha de Avintes, que tinha um sabor especial, segundo ele.

Há oito anos que o Sr. Braga foi desta cadeia para a de Lisboa, a esperar que o transportassem à África. Nessa ocasião, o condenado comprou umas muletas, e parece que as muletas o salvaram de ir degredado, comutando-lhe a pena em prisão. Decerto foram as muletas, a não terem sido palitas da fábrica do seu velho amigo do Alto-Douro. A tal respeito me disse ele:

– Quando fui para Lisboa, na dúvida de alcançar a comutação da sentença, ia resolvido a fugir, se ma negassem.

– Fugir! E ser-lhe-ia fácil?

– Facilímo. A minha ideia era fugir num balão aéreo.

Ri, cuidando que o velho galhofava; mas desagradei-lhe com o meu sorriso.

– Pois duvida? Essa é boa! O senhor não parece deste século, nem sabe que invenções modernamente se fizeram.

– Realmente eu não sabia da invenção dos balões, em que se pode fugir da cadeia.

– Pois saiba que eu tinha o meu pronta para o que desse e viesse.

– E onde tencionava o senhor encher o balão?

– No meu quarta... Parece que ficou pasmado?!

– Sinceramente pasmado, Sr. Braga.

Eu me explico. As grades da janela fazia eu cair com trabalho de duas horas. Depois, de noite, já se vê, punha fora da janela ao ar livre o bojo do balão, e enchia-o de gás. Cheio o balão, sentava-me no cesto, que vai pendurado... O senhor – exclamou ele de golpe – nunca viu subir um homem num balão?!

– Vi, sim senhor; e também vi subir um burro.

– Pois aí tem! Que mais quer?

– É verdade... à primeira vista parece que onde vai um burro, aereamente falando, possa ir um homem; todavia, o burro ia dirigido pela engenho de Poitevin...

– Isso não é razão para que eu carecesse de director.

– Certamente; mas o Sr. Braga, entregue às correntes do ar, quer-me parecer que

não seria muito feliz sobre o telhado do Limoeiro. Que direcção era a sua?

– A minha ideia era fugir; depois que o balão baixasse, eu tomaria o destino que me parecesse.

E acrescentou com ar magoado:

– Não o fiz, depois da comutação, porque minha filha entrou a chorar, e a pedir-me que a levasse comigo. Ora, como o balão não tinha capacidade para duas pessoas, deixei-me ficar, esperando a liberdade, que já agora perto está.

Sou de parecer que é menos engenhosa a fuga aeroestática do Sr. Braga, que a obtenção de cumprir na pátria os anos do degredo. O Sr. Braga cumpre num dos próximos meses a sua sentença, finda a qual, tenciona ir remoçar numa bela quinta, que tem nos arrabaldes de Barcelos, onde, já depois de preso, mandou edificar uma casa de bom aspecto, com as necessárias regalias, gizadas no cárcere.

Ao Sr. Braga foi cometida a fundição e amoedamento de alguns sinos e pratas das igrejas durante o cerco do Porto. É ele um dos liberais que primeiro emigraram. Vem já de 1817 o perseguirem-no; e conta ele que, nessa crise, fugira para a Terra Santa, peregrinação enquanto a mim tão rebelde ao critério como a outra que ele tencionava fazer em balão. É certa que ele dá notícia do monte Olivete, do Cedron, do lago de Tiberíades e de Jerusalém; eu, porém, conheço melhor que ele a topografia da Palestina, de a ter lido no padre Panteleão de Aveiro.

Entre as muitas histórias que o meu companheiro me contou, uma me lembra, que vou dar de fugida, por ser a explicação duns ferros que lá vi na cadeia, e me deram que pensar.

VIII

Um ou dois anos depois da invasão francesa, foi processado como jacobino, e encarcerado na Relação, um tenente de infantaria, Salazar de apelido.

Conforme a descrição que me fez o Sr. Braga, o tenente era realmente um sincero jacobino, inimigo do trono e do altar, republicano gafado da lepra de Robespierre, qualidades estas que em nossos dias fariam um jornalista de fôlego, um tribuno em lavaredas de amor da humanidade, e afinal de muito arder e luzir, *ardere et lucere*, como dizia o apóstolo, vê-lo-íamos o mais ordeiro, quieto e ortodoxo amanuense de secretaria.

Naquele tempo, porém, os demagogos eram-no de entranhas, e deixavam-se morrer na boa-fé de mártires de uma segunda revelação, complementar da do Calvário.

Ora, o tenente Salazar, se bem que preso e condenado a degredo de quinze anos para a Índia, longe de esmorecer e desmaiar-se, ia alumando os seus dias escuros ao resplendor dos olhos lúcidos e meigos de uma menina, sobrinha do cónego Barreto, que morava defronte da cadeia, na Rua de S. Bento.

Ao fundo do corredor principal dos quartos de malta está uma janela gradeada, olhando ao nascente, e sobranceira à casa onde morou o defunto cónego.

Desta janela, cujos quadrados, entre os varões de ferro, eram então espaçosos e bastantes a receberem a cabeça do jacobino, é que o enamorado demorava as horas do dia, e as da noite que podia, contemplando Rosinha.

Da contemplação passaram aos colóquios, e estes não adiantavam decerto nada a que os olhos tinham dito. Olhos de amantes são a retórica do coração; prevalecem à linguagem articulada como os raptos de Demóstenes e Cícero ao palavreado vulgar da Grécia e Roma.

Quem não gostava, de contemplações nem palavreado, era o cónego Barreto, tio da órfã sedutora. Aconteceu, por vezes, surpreender o prebendado o tenente remirando sua janela para baixo como açor eminente que espreita a descuidada codorniz. Encarava-o então o cónego em rosto, e dizia-lhe:

– Jacobino!

E o tenente tirava a cabeça, transigindo com o insultador por amor da sobrinha.

As intenções do preso eram honestíssimas. Afigurava-se-lhe um éden o desterro, levando consigo a Eva para as florestas virgens da Índia. A liberdade como ele a lera em J. J. Rousseau, a primitiva liberdade dos patriarcas, achava ele que fora banida da Europa, e levada a empurrões da civilização para os sertões asiáticos. Sorria-lhe a vegetação luxuriante e formosa daquelas regiões, e já, em sonhos de febril amor, o poeta se vira com Rosinha, chapotando ramagens nos bosques, para edificarem a sua cabana no respaldo de uma colina, perpendicular a um arroio de águas claras e auríferas.

Teve ele ensejo de revelar a Rosa os seus sonhos; e, em resposta, maravilhou-se de achar no coração da moça tanta poesia, tanto amor da soledade, e tão subtil entendimento dos arrobos dele, que bendisse o tenente a desgraça de ser preso, e condenado a exilar-se da Europa, velha, verminosa, lacerada de ódios, e empapada no sangue das guerras fratricidas.

Isto era antes das visagens que lhe fazia o precavido cónego, ao denominá-lo jacobino. Começou depois a parecer-lhe impossível realizar-se o casamento contra a vontade do padre, posto que a menina lhe asseverava iria ter com ele ao degredo, mendigando a sua subsistência.

Rosinha não tinha lido romances; era o coração que os fazia. Ir à Índia em busca do seu amado, achar em cada terra de seu trânsito uma alma simpática de quem

recebesse agasalho e alimentos para a jornada, dizia-lhe a inocência que eram coisas naturais e sacrifícios ordinários.

O tenente é que via já o mundo sublunar ao invés de Rosa, excepto na Índia, que aí lhe prometiam os filósofos a felicidade, filósofos que, se alguma vez romantizaram a ventura da solidão, como Bernardim de Saint-Pierre, é porque a humanidade é tão vã e pueril, que, para aceitar o fruto do bem, requer que lho envolvam das flores inúteis da árvore.

Dizia ele desanimado a Rosa que perdera a esperança de ligá-la às sonhadas delicias do seu destino, desde que o cónego o maltratava com olhares e nomes iracundos; que, não obstante, acrescentava o tenente, ia pedi-la, mediante uma carta humilde, sem mais date que as virtudes naturais à boa índole dela e esmerada educação de que seu respeitável tio a dotara.

Leu o cónego a carta, e rompeu em gritos passado o momento da estupefacção. Saiu a mostrar a carta ao seu amigo chanceler, pedindo prontas providências contra o jacobino que lhe seduzia a sobrinha, e ousava pedi-la como companheira na expiação de suas atrocíssimas maldades.

Nesse mesmo dia o chanceler foi à cadeia, chamou de lado o preso, e disse-lhe, nestes ou semelhantes termos, que tivesse juízo, aliás os seus protectores não poderiam embarçar por mais tempo a sua ida para o degredo.

Releva saber que o tenente Salazar era patrocinado por personagens que esperavam obter da corte, residente no Brasil, perdão para o delinquente, sentenciado pelo facto de ter acutilado alguns homens da ínfima ralé, no acto em que o general Bernardim Freire fora assassinado em Carvalho de Este.

O chanceler, afeiçoado aos protectores do tenente, e até certo ponto admirador de sua nobre coragem, também rebuçadamente o protegia, e desejava livrar. Ainda assim, temendo-se do cónego e de seus apaniguados nas ideias exaltadas de patriotismo sanguinariamente estúpido, algumas providências deu para cortar o namoro do tenente. Essas providências lá estão, ainda, e estarão séculos, marcadas nos seis varões de ferro chumbados sobre os intervalos por onde o tenente coava a cabeça.

Vendo, porém, o chanceler as lágrimas nos olhos do preso, quando era dada a ordem ao carcereiro, disse-lhe em secreto:

– Escreva-lhe quando quiser, e mande-me as cartas. Onde está o coração, dispensam-se os olhos.

Não parecia alma de chanceler aquela! Continuou a correspondência, sem a mediação do magistrado. Tinha a menina pessoa segura que entrava na cadeia a toda a hora, e era recadeira dos presos.

O cónego Barreto, suspeito da correspondência, deu na ameijoada de estar Rosinha recebendo da recadeira uns papeluchos de rebuçados. Fez-se tolo o padre, e tomou os embrulhos, dizendo que vinham muito a propósito os rebuçados para amolecer com eles o seu catarro. Quedara-se pálida a menina, e daria a fugir sem destino, se o tio não fecha a porta da rua. Entre os rebuçados ia a cartinha, que o cónego soletrou, através dos óculos, os quais limpou três vezes para prolongar o suplício da convulsiva moça.

Finda a leitura, regougou o padre:

– Muito bem. Tenho visto. Agora é preciso pôr-lhe os ferros nos braços para que ele te não escreva, mulher perdida! Foi para isso que eu te mandei aprender a ler, Rosa? Bem me diziam a mim, que te quebrasse o espinhaço debaixo do trabalho da lavoura... Tu não sabes que este maroto que te escreve é jacobino? Responde, Rosa! Não sabias?

– Não, senhor... – balbuciou a menina, com uma das mãos no peito, a outra calda ao longo do corpo, e os olhos no chão.

O cónego rebramiu:

– Não te tenho eu dito que ele é jacobino? Responde, Rosa.

– Tem, sim senhor.

– E então?!

– Eu cuidei que ele já não era.

– Cuidavas!... Olha que bruta tu me saíste! Não era, e está condenado a quinze anos de degredo para a Índia! Que me dizes tu a isto? Responde, Rosa!

– Eu perguntei-lhe... se ele...

– Se ele quê! Que lhe perguntaste tu?

– Perguntei-lhe se ele era cristão, e ele disse-me que sim.

– Mentiu o patife! Cristão de Bonaparte que nos roubou as pratas da igreja! Cristão de Bonaparte que não respeitou o papa! Não está mau o cristão! Que te parece? Achas que é um santo o tal sujeito, que deu espadeirada de bota abaixo nos amigos do trono e do altar? Responde a isto, Rosa!

– Eu não sabia...

– Não sabias! Achas que ele está ali por ter ido três vezes à missa, hem? E querias casar com ele... querias casar com um ímpio, e ir direita com ele para as profundas do inferno! ... Querias casar com o jacobino! Responde, Rosa.

– Se meu tio deixasse... casava:

O cónego saltou de golpe, estirou os braços contra a sobrinha, e ululou:

– Ó desalmada! Não sei onde estou que te não viro de dentro para fora! Não és do meu sangue, maldita! És a minha vergonha e a da minha posteridade!

Disse, e saiu, talvez a desafogar os apertos de alma no seio da sua posteridade.

Nesse mesmo dia voltou o cónego ao chanceler e encontrou-o algum tanto enfadado ou indiferente às suas aflições. Lera o magistrado a carta, e dissera-lhe:

– Deixe-os casar, que é o mais acertado. Eu creio que o ex-tenente Salazar alcançará o perdão e o posto. Sendo assim, sua sobrinha casa com um homem digno dela, e que mais tarde será digno da estima de vossa senhoria.

Era isto rosalgar nas úlceras do cónego.

Saiu dali a tratar com o governador militar, o qual lhe disse que não tinha que ver com os namoros de sua sobrinha. Foi ao juiz do crime, que o acolheu rindo das frases alambicadas do preso, e lhe pediu alguns dos rebuçados circunjacentes à epístola amatória.

Repelido com a simulada mofa das autoridades, faltava-lhe recorrer ao regedor das justiças, o qual foi de parecer que o melhor era deixar casar os namorados, para eles irem colonizar as nossas despovoadas possessões asiáticas.

Resolveu, afinal, o cónego ir a Lisboa, onde tinha amigos, queixar-se à Regência, e pedir a imediata remessa do condenado para o seu destino. Os esforços do padre foram contrabalançados por outros não menos poderosos dos padrinhos do tenente. Assim mesmo conseguiu o cónego que o preso fosse removido para Almeida, até à sua definitiva partida para a Índia.

Enquanto o amigo do trono e do altar agenciava em Lisboa a desgraça do preso, estranhas ousadias de amor praticou Rosinha por cá.

Tinha o beneficiado uma irmã, seráfica senhora que não sabia deste mundo mais que o necessário para o ter em grande desamor, e desejar ferventemente a bem-aventurança. Era o seu viver continuada oração mental, jejuns, cilícios, e o mais que é já vida do céu neste brejo da terra, onde há mui pouco quem por tal preço queira ser elogiado pelos futuros romancistas. Era, pois, uma santa a Sr. a D. Tecla, nome já de si recendente a perfumes da *Flor dos Santos* onde a nomenclatura dos eleitos parece que já desceu a nós rebaptizada de cima.

Sabia a santinha que Rosa andava namorada do jacobino; ouviu os agravos que seu irmão recebia de tal affecto; mas não dava toda a ponderação, que o cónego queria, a tal delicto.

– Olha, Tomás – disse ela, dando um nó nas suas camândulas interrompidas. – Deus sabe quem é ímpio, e quem morreu inocente com o nome de ímpio. O que devemos fazer para merecermos nome de bons cristãos, é pedir ao Senhor a conversão dos ímpios, e não persegui-los com o nosso ódio. Jesus Cristo perdoou a quem o matou; não é muito que nós perdoemos a quem nos scandaliza. Se esse preso estiver arrependido de tomar parte nas malfetorias dos franceses, amemo-lo cada vez mais do arrependimento sincero com o nosso rancor.

Era esta a linguagem de Tecla, sempre que seu irmão raivava contra os jacobinos, e especialmente contra o tenente Salazar.

Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cónego ia e vinha de Lisboa. A beata morava na Cordoaria, em casa de cujas janelas se viam as da cadeia, menos o lanço em que era o quarto do tenente.

Contou miudamente Rosa a sua tia o começo, o desenvolvimento e o estado de sua correspondência com o preso; leu-lhe as cartas dele, em que a palavra Deus era frequente. porque em toda a sincera poesia de coração é uma necessidade iluminar a linguagem com revérbos das coisas divinas. D. Tecla chorava de compungida e edificada dos virtuosos sentimentos do moço desumanamente julgado e sentenciado. No relanço de uma carta em que ele dizia: «Teremos na Índia uma cabana com o céu por firmamento, e a nossa alegria por adornos. Será nosso altar a natureza, e veremos Deus em tudo, e nas majestosas obras da sua criação, como nas mais insignificantes, O adoraremos», nesta passagem, a devota senhora derramava-se em lágrimas e suspiros, inclinando os olhos à imagem de Cristo do seu santuário, como a pedir-lhe remédio aos amores de sua sobrinha, e um toque de sua divina vontade no ânimo do cónego.

Rosa, maravilhada da condolência da tia, pediu-lhe licença para escrever ao tenente, o que a velha consentiu da melhor vontade, acrescentando à carta um período por sua conta, e era que se apegasse o preso com a Senhora dos Remédios, e com o bom Jesus dos perdões, pedindo-lhes que amolentassem o coração do cónego. Em *post-scriptum* remetia Rosa ao seu amado, como lembrança de sua tia, uma Regra do Patriarca S. Bento, recomendando-lhe que a lançasse ao pescoço, dentro da saquinha de veludo carmesim que lhe mandava.

Salazar estava medianamente relacionado com a corte celestial, e não tinha extrema fé na Regra do Patriarca S. Bento; mas leu parte do miraculoso livrinho, e beijou a saquita devotamente, acto este que eu hesito em atribuir a milagre do fundador dos monges negros.

Correram dias venturosos aos dois amantes, em que um a outro se mutuavam esperanças, bem ou mal fundadas no patrocínio da tia Tecla, e de suas eficazes orações pela boa sorte deles. Assaltava-os, porém, a reveses, o temor das traças que o cónego lhes andava tramando em Lisboa.

Os amigos de Salazar souberam logo a concessão feita pela Regência ao padre, e avisaram disso o preso. Faltou ao infeliz coragem para rebater a pontada que o feria no coração. Caiu de cama, e desafogou a sua agonia em cartas que escreveu a Rosa, despedindo-se dela para sempre, como quem ia morrer em Almeida inevitavelmente.

Passada de cruéis angústias, mostrava a menina as cartas à tia e esta desentranhava-se em fervorosas preces ao Senhor, pedindo o milagre de abençoar na extrema desesperança o amor dos dois desventurados.

Em supremo requinte de dor, Rosa sentiu-se impelida por invencível força para a cadeia e para os braços do condenado. Preveniui-o de que iria vê-lo, e dar-lhe ânimo

com a sua arriscada temeridade.

D. Tecla costumava dormir em dias de Inverno desde as cinco até às oito da tarde, hora em que se erguia para continuar suas interrompidas orações até ao dia.

Às cinco horas duma dessas tardes, Rosa entrou no quarto de sua tia, fez oração à imagem do oratório, beijou-lhe a mão insensível, e saiu sozinha.

Subiu as lôbregas e húmidas escadas da Relação, invocou o favor do carcereiro para falar com *seu primo* Salazar, perdoável fraude, que o carcereiro perdoou primeiro que o leitor. Farto estava ele de saber quem era a priminha; mas Salazar fora-lhe recomendado pelo chanceler, e pelas liberalidades do preso e de seus amigos.

Foi a menina guiada ao quarto de malta, que, segundo o Sr. Braga me disse, era aquele em cujas portadas estão entalhadas os nomes de alguns dos padecentes de 1829.

Agora tu, Calíope, me ensina o que disseram aquelas duas criaturas, doidas de júbilo, amantíssimas e enleadas como deviam de estar, no paraíso terrestre, os nossos primeiros pais, à primeira hora em que se viram; à primeira, digo acintemente, porque à segunda aposto eu com Moisés que já não estavam contentes.

– Tu aqui, Rosa, meu santo amor! – exclamou ele. E ela não respondia, tremia, contraia-se como sensitiva flor ao tacto, sempre brutal, do mais ideal, mais afinado, mais subtil amante. – Como desceste a este inferno, anjo celestial!? – prosseguiu ele com estilo levantado à altura de seu amor. – Fala, Rosa... diz-me que não é esta a derradeira vez que nos encontramos. Se o teu coração te diz que podemos ainda esperar algum dia de contentamento, anima-me, ampara-me, afasta de mim esta morte, mil vezes mais horrenda que a força. Rosa! ... As tuas lágrimas desalentam-me... Vens dizer-me que está tudo perdido!

– Não venho – murmurou ela.

Não era murmurar, era um melodiar de angélicas harpas a voz de Rosinha, que o tenente nunca ouvira senão em movimentos de lábios ajudados por acenos. Como cobra cascavel que roja fascinada após do som da flauta do iroquês, assim os lábios do tenente deram um salto aos lábios de Rosa como atraídos da magia daqueles sons.

Por força de mal engenhado símile, fui chamar cobra cascavel ao apaixonado Salazar! Eu bem sei onde está o segredo desta bela comparação; e vou desvelá-lo em abono do meu bom gosto literário, e respeito à moral.

Sou tão avesso, e tamanho asco tenho a beijos, como aquele frade da mesa censória, que mandava riscar *beijo*, e escrever *ósculo*. Os teólogos casuístas, e nomeadamente S. Afonso Maria de Ligório, conjuram unânimes contra o beijo, inscrevendo-o no catálogo das desonestidades. Não digo tanto. Entendo que beijo pode ser acto inocente, mas não pode ser nunca limpo e asseado. É um contacto de extrema materialidade, com toda a sua grosseria corpórea.

Não sei quando se deram os primeiros beijos no mundo. Aqueles de que fala a Bíblia significavam quase sempre desenvoltura. Nos amores de Sara, de Raquel, de Ruth e de outras criaturas santificadas não se mencionam beijos. Os irmãos de José, quando o venderam aos medianitas, beijaram-no. Judas Escariotes, quando malsinou Jesus, beijou-o. Não tenho dos livros primordiais mais agradáveis reminiscências de beijos.

Nos poetas gregos e latinos sei eu que eles simbolizam muita podridão moral, de Lais, de Lésbias, de Frineias, de Márcias e de Cláudias. Um dos poetas coevos delas disse que os próprios deuses de mármore se anojaram de tais lábios.

A reforma cristã caminhou e irá indo sempre ladeada do paganismo. Permanecem os beijos; a impureza de muitos não tem inveja à de Roma. E, como os ídolos se baquearam, há imagens de santos para os mesmos lábios, que automaticamente se regelam, no pau, dos brasumes da carnalidade. Madalena beijou os pés de Cristo; mas

primeiro lhes lavou de lágrimas. Também Marta lhes beijou, mas primeiro lhes perfumou com o incenso, em que vaporava o melhor de seus haveres. O beijo, após as lágrimas e o incenso, eram um pacto da alma contrita com o seu regenerador. Madalena, depois daquele ósculo, penitenciou-se quarenta anos nas brenhas do deserto.

Mas estes beijos de sôfrega ânsia, saldos como dizem em faíscas do coração, afiguram-se-me golfos de peçonha que arrevesa a cobra cascavel... Chegámos ao segredo da comparação. Aí tem o leitor como muitas belezas se escondem e despercebem nos escritos de quem se não dá à canseira de ser escoliastes de si próprio.

Bem hajas tu, Rosinha, que retraíste o rosto mimoso e virgem de beijos, ao arremesso daqueles lábios do tenente, que outro romancista havia de chamar avelulados, e eu chamo sujos das impurezas do tabaco, e de outras cujo monopolizador encartado é o espírito imundo, o demónio, Deus me perdoe!

Pasmou Salazar da esquivança da moça, e do poder da virtude. Abriu-se em rosas nacaradas a face dela, por milagre do pudor, que, mesmo em avançados anos, enfeita e enflora as cútis mais desmaiadas. Muito a amava ele para que a não amasse ainda mais assim purpureada. Naquele instante, gerou-se o respeito do amor, e tanto que mais segura de sua virtude não estaria Rosa ao pé do tio cônego.

– Se eu for para Almeida, que farás tu, Rosa? – disse o preso.

– Seguir-te-ei, se me consentires.

– Se te consentirem, minha querida... Prender-te-iam, apenas dessem falta de ti.

– Não importa... Morrerei, acabarei este martírio, e irei pedir a Deus por ti.

– Não vás, não me sigas, Rosa. Espera, que eu possa ainda ser perdoado. O meu primeiro dia de liberdade será o da nossa eterna união. A tua vinda deu-me forças. Agora sim, deixas-me a certeza da tua constância e força de alma. Era essa a que me faltava. Cuidei que te faria medo a minha desgraça, Rosa. Levo, como um depósito sagrado, o teu coração para os cárceres de Almeida. É preciso que eu viva para to restituir, e que tu vivas para me dares a minha esperança, a minha vida, que deixo a teus pés.

E ajoelhou-se com aquele rigor dramático em que muita gente não acredita, porque os amantes destes nossos dias, com receio de fazerem vincos e joelheiras nas pantalonas, não ajoelham à mais pintada. O homem actual tem o coração na cabeça, e a cabeça no aprumo esticado do colarinho. Aperta a mão sem força, porque o retesado da luva lhe empece as articulações dos dedos. Entra por muito na plástica do alfaiate a mímica do amor. Esta verdade escapou a Herzi Beyle, e Balzac e a Karr. Pertence-me o descobrimento. E a única originalidade que levo deste mundo, e a outra de ter o leitor à espera e impaciente de saber o que dizem e o que resolvem afinal os gementes pombinhos dos meus romances.

Pouco mais disseram, porque a campainha tocou às sete horas e meia.

Concordaram em dissimular esquecer-se de Salazar a menina, para que o cônego não sugerisse embaraços ao perdão.

Concordaram em corresponder-se mediante a protecção do carcereiro.

Concordaram, afinal, em se ver uma vez ainda, se o cônego demorasse a vinda para o Porto.

O cônego Barreto chegou dias depois, quando Rosa, animada pelo bom êxito da sua temeridade, se preparava para nova sortida. Foi ele o portador da ordem que mandava remover o condenado para Almeida. Não se demorou a execução da vingança do padre, cujo orgulho resfolegava em filauciosas injúrias aos protectores do infeliz.

Rosa voltou para a companhia do velho com grandes saudades de D. Tecla, a qual ousara dizer ao irmão, em palavras humildes, que ela se empenhava mais com o Senhor na salvação da alma dele, que na dos mais heréticos jacobinos.

– A tua religião é de boa casta! – disse-lhe o beneficiado com irónico riso.

– E a tua é a dos fariseus, que pagavam o tributo da arruda, e deixavam morrer de fome os indigentes, e assoalhavam a torpeza do seu orgulho – respondeu ela.

D. Tecla era mais lida no Evangelho que seu irmão. O que ele sabia a fundo era que, não rezando no coro da Sé, não lhe pagavam; e por isso ia lá todos os dias gargantear os engrazados salmos penitenciais, e cabecear sobre a harpa de David, de que ele entendia tanto como de flauta o burro do fabulista.

Foi Salazar transferido para Almeida. Fiou demasiadamente de suas forças, quando prometeu ser homem a Rosinha. Adoentaram-no as saudades, a solidão e a vaidade da sua valia esmagada pelos sapatos do cónego.

No entanto, as cartas de Rosa lutavam com as sombras da morte, que lhe andavam em redor do leito, e conseguiram espancá-las.

Salazar viveu um ano nos cárceres de Almeida, agolpeado por desesperanças no perdão, suplicando a parentes e amigos que o não desamparassem. Neste longo espaço de tempo, o cónego três vezes tentou casar a sobrinha com três pretendentes, que aforoavam grosso cabedal ao padre. De todas elas se mostrou Rosa mulher heróica, e desprezadora da riqueza, e inabalável às ameaças de ficar pobre, sem a herança do tio.

Tratava ele já de legar os bens a um dos seus afilhados, filhos de uma peixeira que os ensinava a chamar pai ao cónego, quando uma indigestão de lagosta o pilhou desaparecido de genebra, e o matou.

A herdeira do cónego foi a irmã. Acharam-lhe muito dinheiro em ouro, muitas jóias que deviam ter caldo naquele abismo de sordícia pela rampa da usura, e – caso raro! – não lhe acharam brevíários, nem sequer um ripanço!

– Agora podes casar, minha sobrinha – disse D. Tecla a Rosa. – Eu faço-te doação de tudo que era de teu tio, e por minha morte virás buscar o pouco que tenho.

O preso estava em ânsias pela falta da costumada carta de Rosa, quando lhe anunciaram uma menina que o procurava. Viu o seu bom anjo vestido de luto. Disse-lhe o coração o que era; mas não ousava interrogá-la.

– Estou livre! – exclamou Rosa. – Morreu meu tio. Aqui me tens velha, acabada de desgostos, que tu nunca soubeste, mas fiel à minha palavra. Agora vamos para a Índia, vamos para onde Deus quiser, que em toda a parte seremos felizes.

Esperaram que os papéis para o casamento se legalisassem. Rosa hospedou-se, a pedido de Salazar, em casa do governador da fortaleza, e ia passar com o preso algumas horas do dia.

Quando os papéis chegaram, chegou com eles ordem de voltar para o Porto o ex-tenente Salazar, e recolher-se ao castelo da Foz, como prisão mais digna. Os amigos do cónego defunto entenderam que não merecia a pena serem fiéis à vindicta do amigo morto; e os protectores do preso conseguiram tudo da Regência, salvo a liberdade.

Receberam-se em Almeida os noivos, desceram logo para o Porto, alegres e descuidados do futuro incerto, como se a fonte incessante da peçonha, que meandra por entre as flores da vida, estivesse exaurida para eles.

Rosa conseguiu viver no castelo com seu marido, e não contava os dias de cárcere; todos lhe corriam felizes, desde que a aurora lhe aclarava o seu quarto como um sorriso do céu, até que as águas do mar reverberavam aos últimos lampejos do sol-poente.

Ao cabo de três meses chegou da corte a notícia triste de que o rei não perdoava ao tenente Salazar.

Rosa foi forte, e ele fraco.

Já o não encantavam visões das florestas indianas; queria a liberdade; queria mostrar-se ao mundo rico da mulher formosa, e dos bens de sua mulher. Assim é feito o

coração; e deste jeito, que Deus lhe deu, procede o não estarem povoados aqueles formosíssimos e virgens arvoredos da Índia, tão convidativos nas descrições de Humboldt e nos romances orientais de Méry.

Abriu sua alma, toda consolações e bálsamos, a extremosa esposa; mas o fraco chorava, e antevia a morte dela no inóspito clima, onde meses antes imaginara a hospedeira e cariciosa natureza a recebê-los com incógnitos regalos.

Rosa meditou, e resolveu um arrojo.

Estava a sair um navio para o Brasil. Disse ela ao marido que ia visitar sua tia, e demorar-se com ela algumas horas. Beijou-o com desusada sofreguidão, e lágrimas, que ele não compreendeu. Valeu-se Rosa da protecção do chanceler; legalizou a passagem, enfardou um pacotilho de roupa, que furtivamente tirara do castelo, escreveu uma longa carta a seu marido; longa, porque as frases saíam do coração com as lágrimas, e umas deliam as outras no papel. Depois embarcou sozinha, sem mais protecções que uma carta do chanceler para um dos ministros de D. João VI.

A primeira impressão que fez a carta em Salazar foi uma síncope. Recobrou os sentidos, correu aos adarves do castelo, e viu, mar fora, um navio com as velas cheias. No tombadilho entreviu um acenar de lenço branco. Devia ser ela... Era! ... O infeliz ajoelhou, e ergueu as mãos. Mal sabia ele o que fazia; mas que sublime lance aquele! Que espectáculos de imensa dor a palheta dos grandes génios não inventou ainda!

Iam com ela os anjos. Foi de boa monção a viagem, e a bordo todos os passageiros se desvelavam em atenções à esposa que ia implorar do rei o perdão de seu marido.

Acolheu-a benignamente o ministro; e, antes de apresentá-la, mostrou ao rei a tocante e lastimosa carta do chanceler.

D. João perdoou ao tenente, antes de ver a esposa suplicante; quando, porém, a viu, disse ao ministro: «Nada lhe falta! É perfeita de alma e de corpo.»

Voltou Rosa, no espaço de quatro meses e meio, com o perdão. Quando o castelo da Foz se lhe desenhou entre as brumas numa manhã de Inverno, Rosa, enganada pelo coração, preferiu alto o nome do esposo, cuidando que ele devia ouvi-la. Uns dos ouvintes sorriram, choraram outros, e todos invejaram a sorte do preso.

Saltou Rosa numa catraia em frente da Foz, correu ao castelo, pediu silêncio às sentinelas, atravessou subtilmente os corredores, colou o ouvido à porta do quarto do esposo, para lhe ouvir a respiração. Nem um leve rumor se coava na fechadura. Levanteu de mansinho o fecho, espreitou pela fresta, e viu o jacobino, o perverso, o condenado, de joelhos diante de um crucifixo com as mãos erguidas.

Entrou de golpe, exclamando:

– Estás livre! Estás perdoado!

O tenente ergueu-se, fitou-a; mas naquele olhar vislumbrou o espasmo do idiotismo. Nos braços dela é que os diques das lágrimas se romperam; e então conheceu Salazar que não estava sonhando.

Não há mais que dizer.

Estas duas criaturas gozaram vinte e cinco anos a felicidade que está nas condições humanas. A primeira quê morreu poucos meses esperou a outra no céu. Deixaram filhos; não sei se existem, nem onde existiram.

Salazar atingiu uma alta patente no exército português; mas essas glórias são tão vulgares, que não valem a consideração de 1 amiudá-las. O que há grande na vida deste homem é a obscuridade das suas virtudes. Parece que os anjos, para serem felizes, se escondem dos homens!

VIII

Descoroçoá-me a má vontade que sinto na história que segue a outra, tão peregrina, tão linda, se fosse bem contada!

Estoutra é nauseosa, e rebelde às graças, aos enfeites, e às folhas de parra com que mais destro pintor cansasse em cobrir-lhe a repulsiva nudez.

Vejamos o que pode minha pobre arte sobre a realidade hedionda.

A Sr. a D. Benedita era uma mulher de quarenta e cinco anos, que eu conheci enfermeira das presas na cadeia. O dom, que eu lhe deixo, não lhe davam na cadeia; mas eu sei que ela o recebia na sua terra, e principio por onde Benedita principiou.

Nascera na Beira, e fora educada com duas tias num convento de Lamego, para onde entrara órfã.

Era extremamente delicada de estrutura, e menos de meã. Tinha pequeníssimo pé, e quebrava-se com gentil graça nos mais desafectados meneios. De formosura, escassos sinais lhe vi, salvo o quebrado da vista, a cor ainda retinta dos cabelos, e a pupila coruscante, qualidades que, em meu juízo, dizem muito na beleza, se a tez é pálida, como a dela, mas sem as encruzadas rugas, que já tinha.

No convento gozava a estima das tias e das outras religiosas, todas cativas de sua docilidade, canseira de trabalho e boa compostura de modos e dizeres.

Tinha Benedita, cinco léguas distante de Lamego, um tio abade, que vivia sozinho, e abundantemente no seu passal. Pediu o abade a suas cunhadas que lhe dessem a sobrinha para casa, a suavizar-lhe com as graças da juventude os últimos e dissaboridos anos de decrepidez. Acederam as tias à vontade do velho e da menina, que foi, se não alegre, ao menos complacente.

Não se enganara em suas esperanças o abade. Benedita amaciou-lhe as asperezas da soledade com a sua juvenil conversação; recompôs o aconchego da casa; cuidou no bem-estar do velho, e chamou a si todas as obrigações que andavam repartidas por mãos mercenárias e descuidosas. Enlevava-se o tio em louvores a Deus, que mandara o anjo à sua velhice como o carinho da infância aos anos provectoros de Abraão.

Volvidos os dias sempre ditosos de um ano, Benedita reparou nos olhares de um mancebo, lavrador rico da terra, e noivo que muitos pais traziam de olho para suas filhas. O muito reparar é inclinação a amar. Benedita amou o lavrador, e fez patente a seu tio o que não era de razão nem honesto esconder.

E o velho pastor, que baptizara o moço e lhe conhecia o viver, disse:

– Minha sobrinha, o António Mendes é um perfeito rapaz. Foi sempre bom filho, bom amigo, paroquiano exemplar, e de esperar é que seja bom marido. Deus sabe quanto me dói ceder-te a outrem o coração que eu queria para mim, como luz que tão precisa me era para este curto caminho da sepultura; porém, má velhice seria a minha, se eu te empecesse ao coração, filha, que tem outros penderes e outros destinos. Se houveres de casar, seja com ele. Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado a ambos, e vós depois falareis muito a vossos filhos no velho tio, que vaticinou venturas a eles e à sua posteridade.

Chorava o ancião, rematando a fala.

Benedita abraçou-o com amorável veemência, e consolou-o, dizendo-lhe que, se casassem, viveriam sempre em sua companhia.

António Mendes era deveras um bom moço que o abade ajuizava. Tão depressa ele conheceu a correspondência de Benedita, foi logo pedi-la a seu tio, depois de a consultar.

O velho fez o elogio de sua sobrinha, e cerrou o discurso lastimando que ela não

fosse rica para sobredourar as naturais virtudes.

– Eu já o sabia – disse o lavrador. – De mais tenho para vivermos com decência e fartura, Sr. Abade.

Fez-se o casamento, com surdas invejas das moças abastadas das três freguesias em volta. Quiseram os noivos levar para si o velho, sendo impossível ficarem na residência dele, que era pequena casa para os utensílios da lavoura, gados, tulhas e criados. O abade agradeceu o amor de seus sobrinhos; mas não aceitou a hospedagem, dizendo que o bom pastor era obrigado a não desamparar a choça que lhe deram, para vigiar o rebanho.

«Abençoada união!», dizia o velho quando, um ano depois, baptizava uma filha de sua sobrinha. «Ditosos casados!», diziam até as invejosas, sabendo que nunca entre aquelas duas almas houvera a menor alteração!

O abade sobreviveu alguns meses ao baptismo da menina, legando a Benedita um *Agnus-Dei*, encastado em medalhão de prata, e um rosário de lava, benzido pelo vigário de Cristo. O restante eram roupas e algum pouco dinheiro, que mandou repartir pela pobreza da freguesia.

Ao segundo ano de casados, a casa de António Mendes era visitada por um doutor, fidalgo das cercanias, padrinho da primogénita.

Este homem tinha mau nome, granjeado em veleidades de rapaz, e crimes impunes. Os pais das moças, cuja reputação ele sacrificara a momentos os caprichos de sua libertinagem, temiam-se do valimento dele, e, a cada revés na vida, iam submeter-se dependentes à sua protecção.

António Mendes conhecia o carácter de seu compadre, e supunha conhecer o de sua mulher. Nunca lhe anuviou o ânimo sombra de suspeita, nem talvez lhe parecesse possível compadecer-se o crime e o parentesco espiritual que os ligava.

Benedita, lisonjeada pelas novidades de linguagem que o compadre trazia para lhe realçar a beleza, crendo-se realmente bela sem que seu marido lhe tivesse dito alguma vez, resistindo, primeiro, com o pudor, e depois com a razão, lutando, porventura, com a consciência, menos vigorosa que a pertinácia... como direi eu o resvalar da desgraçada? Quem soube contar estas quedas, sem dizer que o anjo da virtude se refugiou no céu, velando o rosto lagrimoso com suas asas?

Se Benedita sustivesse a sua queda nesta primeira caverna do abismo, erguer-se-ia como tantas despenhadas, que de lá se erguem, rebaptizadas por suas lágrimas, e redimidas pelo remorso para a comunhão da honra.

Não.

Aqueles pés haviam de resvalar até se empoçarem em sangue; o levantar-se daquela mulher devia ser para o tablado da força.

Já nos custa a rebater o enojo de semelhante história; mas já agora o grande mal foi começá-la. A leitora é que ainda pode lançar de si o livro, e ir em cata de inocentes contos noutra livro, que não tenha sido escrito em masmorras.

O doutor tinha um afilhado, por nome José Maria, moço de vinte e cinco anos, seu confidente, companheiro nocturno, destemido, provado em todos os distúrbios de feiras e romarias, e presuntivo herdeiro dos bens de seu padrinho.

Era este o portador de cartas para Benedita, em ocasiões que o doutor tinha outros destinos.

António Mendes via com desprazer este homem em sua casa, e pedia à mulher que lhe desse a mão. Não era temor de desonra que o indispunha; era o descrédito do moço, e o geral conhecimento de suas manhas de alcaiole do padrinho.

Prometeu Benedita impontá-lo; mas faltou uma e muitas vezes à promessa, até que o lavrador, pessoalmente, disse a José Maria que as suas visitas sem motivo o

enfadavam.

José Maria não voltou; mas os vizinhos de António Mendes o encontraram mal disfarçado, de noite, rodeando a casa de Benedita, com uma clavina nas mãos. Levados de natural e até maliciosa curiosidade, espiaram os movimentos do nocturno passeante, e viram-no saltar ao quinteiro do lavrador, depois que em certa janela aparecia uma toalha, ou coisa semelhante.

Foi o lavrador avisado a medo, porque todos se temiam de José Maria; ocultaram o nome do homem, e recomendaram-lhe que vigiasse por sua honra. Não teve mão de si o lavrador, e contou a sua mulher o aviso que recebera. Benedita, levemente perturbada, disse que não era sua culpa, se alguma das criadas tinha seu conversado, ou pior do que isso. António despediu as criadas, que perguntaram pasmadas a razão da despedida, e com isso respondeu às pessoas que lhe haviam dado o aviso.

Estas, porém, continuaram em suas espreitas, e viram que José Maria repetia os saltos ao quinteiro, quando a toalha alvejava na janela. Já tão zelosos da honra do vizinho, como dos créditos da sua esperteza, deram novo aviso ao lavrador, e esperaram o resultado.

António nada disse a sua mulher. Fez-se saído para feira distante, e escondeu-se de noite em casa dum vizinho. Duas noites correram sem que o homem suspeito aparecesse. António, quase irritado contra o amigo, disse-lhe que ele se enganara, se atribuía a sua mulher alguma deslealdade. O vizinho sorriu-se, e pediu-lhe que ficasse mais um dia.

De feito, à terceira noite apareceu nos arredores da casa o vulto, e o lavrador conheceu-o logo. Viu-o parar em frente do quinteiro; mas não saltou, depois de esperar uma hora. Benedita já tinha a esperteza que a malvadez aconselha: não deu sinal, suspeitosa das delongas desacostumadas do marido.

José Maria voltou costas à casa, e cortou por um quinchoso de mau piso, que desembocava numa touça de carvalhos.

Da casa do lavrador havia atalho para aquele ponto, e António Mendes, armado de uma foice rossadoira, apesar do parecer do vizinho, correu a cortar-lhe o passo, e o lavrador denunciante seguiu-o de perto.

Este, dado depois como testemunha no processo, disse que António Mendes saíra à frente de José Maria, e lhe perguntara o que ia ali fazer a tal hora. O interrogado respondeu aperrando a clavina, ao qual acto logo se seguira lançar-se a ele de braços o marido de Benedita para lhe arrancar a arma das mãos. Ajunta a testemunha, que os vira cair ambos, e ouvira a voz do seu vizinho exclamar: «Mataste-me, malvado!», e, ao mesmo tempo, vira erguer-se José. Maria, pegar da clavina, e fugir.

O homem que assim depôs mais tarde, fugiu para casa naquela ocasião. Ao interrogatório, que depois lhe fizeram sobre o procedimento do seu silêncio, respondeu que tinha mulher e filhos, e receava ser assassinado por José Maria, se a justiça não prendesse logo o matador, coisa impossível, atendendo à protecção que ele tinha do padrinho.

Alguns lavradores, que vinham da rega, tropeçaram no cadáver, e bradaram: «Homem morto!» Espreitaram-lhe a cara para o conhecerem; mas a noite era escuríssima, e o mato dos carvalhos, que ladeava o cadáver, não coava sequer a claridade baça das estrelas.

Um dos homens disse que, pela estatura e chapéu de feltro de grandes abas, o morto parecia ser o António Mendes.

Neste pressuposto foram chamá-lo a casa, e Benedita acudiu ao chamamento, dizendo que seu marido não tinha ainda voltado da feira de Midões. Pediram-lhe uma lanterna para irem reconhecer um homem que estava morto ao fundo do quinchoso, e

notaram que tremia extraordinariamente a mão de Benedita, dando a lanterna.

– Morto! – disse ela. – Quem poderá ser?!

– Vamos averiguar – disse um deles –, mas não está muito longe quem disse que era o Sr. António.

– Meu marido! – exclamou Benedita.

E prorrrompeu em gritos agudíssimos, que alarmaram toda a vizinhança, e toda saiu à rua para seguirem os da lanterna, e ela que ia depôs eles, tirando do peito exclamações pavorosas.

– Tal e qual! – disse um dos homens. – E ele e está coberto de sangue.

Dois lavradores impediram que Benedita se achegasse ao cadáver, tomando-a nos braços, e conduzindo-a a casa, dando-lhe cada qual suas consolações, que ela, estrebuchando vertiginosamente, parecia receber como um insulto à sua dor sufocante.

António Mendes tinha o rosto cortado de facadas, e o sangue já coagulado nas lapelas da jaqueta e peito da camisa.

Houveram os costumados gritos de «a-del-rei!» e pernoitaram os vizinhos alternadamente à beira do morto, onde acenderam uma fogueira.

Meia-noite devia ser, quando passou naquele ponto José Maria com uma rebeca debaixo do braço.

Estacou pasmado do grupo, e perguntou o que era aquilo.

– É o António Mendes morto – lhe responderam.

– Quem o matou? – exclamou José Maria, arremessando a rebeca, e cerrando os punhos.

– Deus o sabe – respondeu uma voz.

Era a do lavrador que testemunhara o assassínio; e acrescentava este, no depoimento, que o sangue do cadáver começou a correr quando o matador se aproximou. A ciência não autoriza isto; mas a ciência não sabe os segredos de Deus.

José Maria foi dali a casa da viúva, que estava em flatos, rodeada de vizinhas. Benedita ouviu-lhe a voz, e estremeceu. Que tremor seria aquele? Horror de si mesma.

Estava ele diante dela, com sereno semblante, perguntando sobre quem recaíam as suspeitas do crime.

– Deus o sabe – disse de lado o lavrador, que viera descansar, cumprida a sua hora de guarda ao cadáver.

José Maria encarou no olhar e aspecto do lavrador com os olhos de terrível desconfiança.

Benedita não podia fitar de rosto o assassino do marido; mas respondia com artificial anseio às perguntas dele.

Ao outro dia foram as autoridades locais levantar o cadáver. José Maria estava presente. Dizia o administrador do concelho:

– Parece incrível que se não conheça ao menos um inimigo do morto, para se poder conjecturar quem o matou.

– Deus o sabe! ... – disse ainda o lavrador.

José Maria desta vez não inclinou os olhos turves ao lavrador; mas entre si resolveu matá-lo, se transpirasse dele alguma outra palavra indiciativa.

A devassa nada surtiu.

Não tinha ainda um mês de sepultura António Mendes, e já em casa de sua viúva estava vivendo José Maria, o afilhado do primeiro amante dela.

E aqui é tempo de quedarmos um instante a olhar nos caminhos da Divina Providência, que são de ordinário os mais afastados da trilha por onde nós a procuramos, cegos de nossa miserável razão.

O doutor deixara Benedita, quando o tédio lhe fez parecer longa a caminhada,

escassamente recompensado o sacrifício. Pôs a mira de sua devassidão noutra fita, e para lá gastava as horas dos seus ócios regalados de infâmia e desprezo de todos os respeitos sociais.

Foi indiferente ao fidalgo a sucessão do afilhado, e Benedita pouco tempo se magoou da ausência do compadre; pede mesmo ser que a desgraçada se sentisse melhor na posse dum homem que vergava aos caprichos dela.

Poucos dias depois da morte de António Mendes, foi o doutor assassinado quando voltava duma excursão nocturna. Toda a gente indigitava o matador, alguém mesmo o soubera até à evidência; mas ninguém o delatou, porque o assassino era o marido desonrado de uma mulher, que roubara a Benedita o coração do compadre. O *coração*, santo Deus! ... Como a gente arrasta aquela víscera na lama de todas as profanações! Ninguém, pois, indigitou o assassino, que muitos dos que podiam fazê-lo tinham sido afrontados pelo morto, e gemiam acorrentados à sua omnipotência no concelho.

Os herdeiros do doutor apossaram-se dos bens, e despediram o afilhado, malquistado deles, e conceituado cúmplice das impudências do padrinho.

Forçado pela precisão, José Maria buscou o abrigo de Benedita, e alojou-se em casa dela, onde mandava e dispunha.

Ano e meio viveram assim, de romagem em romagem, de festa em festa, gastando à larga, e devastando a casa que o defunto senhor deixara quite de dividas.

O escândalo campeava desembuçado, revendo sangue. Toda a gente se confrangia ao aspecto da mulher que trazia a seu lado o assassino do marido. Ninguém hesitava em crê-lo tal, desde que o viram senhorear-se dos bens da viúva, e ela rasgar o luto, decorridos poucos meses, e mostrar-se risonha e sécia nas romarias, com um descaro que lhe afeava horrendamente o crime.

Um dia, fora, sem ela, José Maria para uma feira, a curta distância de Lamego. Estava aí também o lavrador que três vezes atribuíra a Deus o conhecimento do assassino.

José Maria, furioso de sua embriaguez, arremeteu, com pretextadas causas, contra o lavrador, e espancou-o com o intuito de o acabar. Tiraram-lho das mãos os vizinhos, e o ferido correu a Lamego, e denunciou ao juiz de direito o assassino de António Mendes. O magistrado avisou competentes autoridades, e a ordem de captura foi no mesmo ponto passada.

José Maria, cortado por caminhos travessios, foi preso antes de chegar a casa da viúva, e conduzido às cadeias de Lamego.

O lavrador denunciante procurou Benedita, e disse-lhe que fugisse, para não ser presa.

Apavorou-se, mas não fugiu. Tinha ao pé de si duas filhas, que choravam ainda saudades do pai, e a cada hora lhe perguntavam por ele. Onde iria ela esconder-se com as duas filhas? Quem lhe daria asilo? Que maior prova que a fuga podia ela dar de sua cumplicidade? Que provas aduziria a justiça contra ela?

Aquietada por estas perguntas, com que se estava mentindo à consciência, e cuidava mentir a Deus, Benedita esperou os sucessos, e não esperou muito tempo, que, na manhã seguinte, foi presa, e também levada para a Relação de Lamego.

Correu rápido o processo. Testemunha de vista era só uma; todas, porém, juraram que era voz pública ter sido José Maria o assassino, e Benedita a instigadora do crime. Foram condenados à força, levantada no lugar do delito.

Sucedeu o crime em 1851, e o julgamento em 1853. Em 1860 vivia Benedita na Relação do Porto, esperando que o poder moderador lhe comutasse a pena em degredo perpétuo. José Maria também ali estava, e de relance o vi na enfermaria dos presos.

Será feliz o pincel que revelar na tela um composto de feições tão expressivas de

perversidade como eram as dele. Lampejavam-lhe os olhos nas órbitas cavernosas, as quais tinham à orla um disco negro como de ferro. Rapava-se à escovinha, na cabeça, e deixava crescer as barbas, desiguais, com clareiras na face, que semelhavam cicatrizes. A pele era búzia, e sarapintada de manchas amarelas. Na estrutura denotava força, pelo largo das espáduas, e pulsos ossudos e grossos.

Entrara na enfermaria com dores de peito; diziam, porém, os presos que ele se fingia doente para poder ver Benedita, que era enfermeira de mulheres, na casa fronteira à dos homens. Disseram-me que, alta noite, a condenada ia colar os beijos à fechadura da porta, e conversava, através de uma saleta interposta, para um postigo da porta fronteira, onde estava José Maria.

Uma vez lhe dizia ela:

– Lembras-te daquele tempo em que eu esperava na cama que me levassem o almoço às dez horas? Não posso dormir uma hora descansada, e, ao romper do dia, tenho de me erguer por força para dar os remédios às doentes.

Disse uma outra vez:

– Que será feito de minhas filhas? A mais velha, desde que casou, nunca mais me escreveu; da outra não sei nada. Tenho escrito a pedir alguma coisinha; mas não me mandam nada. Na enxovia tive muita fome; aqui dão-me bacalhau, que eu não posso comer.

Esqueceram-me outras lamentações, que eu devia ter escrito, quando mas contaram.

Os presos enganaram-se com a simulada enfermidade de José Maria. Vi-o, segunda vez, e achei-o já desfigurado do que era, lívido, com as fossas orbiculares de todo descarnadas, e a espinha dorsal recurva pelos empuxões da tosse.

Em Março de 1861 vieram os perdões, que comutavam a sentença de José Maria em degredo perpétuo com trabalhos públicos, e a de Benedita em degredo para Moçambique com prisão perpétua.

Chegada a comutação, o condenado morreu na enfermaria, era contorções de raiva contra as dores, e contra quantos o cercavam com os benefícios corporais e espirituais nas últimas horas.

Benedita, conhecedora da morte de José Maria, ergueu um pranto, cuja sinceridade corria parelhas com o pranto derramado pelo marido. O que ela, serenada a sua aflição, pediu, foi a caixa de José Maria, dando-se como herdeira dele. Duvidou o carcereiro entregar-lha, já porque o defunto era casado, posto que abandonasse a mulher nos primeiros meses de marido, já porque a Santa Casa é a herdeira dos presos falecidos sem testamento. Examinada, porém, a arca, viram que ela nada tinha valioso, além de uma faca de larga lâmina, a qual Benedita não quis, porque viu nela, talvez, alguns laivos do sangue de seu marido. Aceitou, porém, alguns chapéus de palha fina, e trança para outros, arte em que José Maria primava entre os demais presos.

Poucos dias depois da morte do condenado se deteve Benedita na enfermaria. Acordava de noite em estridentes gritos, dizendo que a matavam, e que era José Maria que lhe atirava ao peito uma barra de ferro, e outras vezes o marido que a arrastava pelos cabelos. As doentes espavoridas queriam fugir da enfermaria, jurando que ouviam estrondos horríveis. Espalhou-se a nova em todos os antros da cadeia, e foi essa uma época em que os fantasmas surgiram do escuro de todas as arcadas.

Então se deu o caso de ser avisado o Sr. Procurador Régio da aparição de um vulto no terraço da abóbada da Relação. Diziam os observadores de fora, que o vulto mostrava a intervalos a cabeça por sobre o ombro daquela Justiça de pedra, que lá está aformosentando a cúpula da fachada. A autoridade mandou de noite uma escolta de municipais ao telhado da cadeia, e, como voltassem algum tanto amarelos do frio, os

presos foram de cinquenta anos, um inocente à morte. Não sei que jornal dessa acordo que o fantasma do telhado era um juiz que condenara, há época, noticiando o caso pavoroso, acrescentou que, tendo de vagarem, insepultos no telhado, os juizes iníquos, daqui a pouco seriam por lá mais bastes os fantasmas, que em Janeiro OS gatos. Acho graça ao dito; mas não me parece coisa de brincadeira isto de fantasmas.

O certo é que a Sr^a Benedita pediu que a removessem para a enxovia, a ver se assim podia livrar-se da obsessão das larvas que lhe esmagavam o peito e arrepejavam as tranças.

Dói dizê-lo. Não escurecia a face desta mulher sombra de remorso. Falava do marido a olhos enxutos. Dizia-se inocente, e confessava que era tratada por ele com extremos de mimo. Estas revelações denegriam-lhe ainda mais a execrável índole. Das filhas falava com algum pesar e saudade; mas depressa disparava em ódio esse vislumbre de alma, por se ver abandonada de todos e delas. Daquele apostólico vulto de seu tio abade raras vezes falava, ou dizia apenas o que podia sentir e coração encodeado pela crusta do sangue do marido, que a Providência lhe fizera tragar com a desesperação, com a morte da sensibilidade e da memória da sua inocência.

Antes e depois da morte de José Maria, a perdida sustentava correspondência amorosa com diversos presos, distinguindo com preferência justificada um moço de boa família, que dera em salteador de estrada, e foi depois para Angola cumprir sentença de dez anos. Que gentil figura de moço de vinte e três anos! Que fronte e olhar tão significativos de inteligência e bondade!

Os amores de Benedita, com este e com os outros, aprazavam-se para o degredo. Ainda então não tinha ela cabalmente interpretado a sua sentença. Benedita morrerá dentro de ferros, se não tiver já morrido.

Vi-a sair numa leva de degredados. Cobria-a um velho capote, e sobraçava uma trouxinha de roupa.

Nessa ocasião me disse um preso:

– Quando eu vi aquela mulher, na romaria da Senhora dos Remédios, em Lamego, cavalgando um belo cavalo, vestida à camponesa, com o marido ao lado, invejados ambos de tanta gente... mal diria eu que havia de vê-la sair para a África daquele modo, coberta de farrapos e de indelével infâmia!

IX

Venha agora desenfastiar-nos uma historieta alegre. É a dó Sr. José Bernardino Tavares, lavrador de Santa Maria da Feira, leão daquelas terras, enjaulado por causa das suas leoninas arremetidas à moral, e também à desmoralização dos seus vizinhos.

Fora o caso que o abade da freguesia do Sr. José Bernardino era um cura de almas, que pedia meças de virtude evangélica ao defunto cura João Meslier, e a muitos outros, que o leitor conhece como as suas mãos.

Tinha o padre no presbitério uma espadaúda moça, que era o feitiço de seu amo e dos rapazes. Rentavam-lhe todos, e ela a todos voltava costas de esquiva, e de soberba das peias em que trazia o coração do abade.

José Bernardino tirou-se de seus cuidados, e fez dois dedos de namoro à sécia. Agora, aguente-se, se pode, nas suas tamancas, a Sr^a Felícia, que o negócio é sério! Com o Sr. José Bernardino não há Lucrécias de abades.

Sentiu logo a moça alguma coisa nova que lhe puxava pelo coração para aquele lado donde José Bernardino a mirava e remirava! As carícias do abade como que lhe cheiravam a simonte. Os colóquios ao lar com ele, nas noites grandes, faziam-na tosquenejar, bocejar e dormir sobre a roca. O tratar-lhe das peúgas, da égua, da chimarra e das galhetas, já lhe parecia aborrecida tarefa.

Estava a moça, como o outro que diz, entre as três e as quatro, por não dizer, com o outro anexim, entre a cruz e a água benta, que mais vivedoira e vermelhaça nunca ela estivera!

Aquela casta de mulheres, quando adregam de amar, criam sangue novo, espanejam-se, enramalham-se, são como leas na selva, quando o rugido do leão lhe sacode os músculos.

E que leão não era o Sr. José Bernardino! Que rugidos em cada olhar! Que solavancos ao coração da moça, a cada nota da *cana-verde*, que lhe assobiava de noite, ao rondar-lhe a casa!

Ergue-se o abade, uma bela manhã, e pede a tigela do leite, porque não vai dizer missa naquele dia. Ninguém lhe responde.

– Traz o leite, Felícia!

Berra e reberra o pastor daquela tindhosa ovelha, que àquela hora estava já tresmalhada e sisada no aprisco do Sr. José Bernardino.

Saltou o abade do leito, correu a casa em cata de Felícia, buscou-a no seu quarto, e deu logo fé de que a arca da roupa dela também tinha ido.

– Deixa-te ir com a breca! – murmurou o abade. – Não faltam mulheres!

Isto dizia ele da boca; mas lá por dentro aqueles intestinos ferviam como em caldeira de betume. É que o abade amava Felícia com todas as potências da sua imoralidade, da sua compleição, da sua estupidez!

Saiu o padre a averiguar o destino da moça, e fácil lhe foi saber quais garras de abutre lhe empolgaram a rola companheira dos seus gemebundos cantares.

Jurou vingar-se., e vingou-se sem estrondo, nem falario, que deslustrasse a seriedade da sua missão.

Sabia ele que José Bernardino estava pronunciado por um crime de brava pancadaria que distribuía em não sei que feira. Sabia mais que o regedor protegia o criminoso, a ponto de o deixar correr livremente a freguesia. Vai o abade ao governador civil, e denuncia a impunidade do criminoso, e a tolerância do regedor. O chefe do distrito obriga o subalterno a prender José Bernardino, e este recebe aviso da trama que lhe urdira o padre, para se resguardar.

O lavrador não era homem de meias-medidas. Resolve dar uma lição monumental ao padre, e prepara para ela uma certa clavina, que nunca lhe falhara em melros de mais amarelo bico.

Uma noite defronta com a residência do abade, e espera que ele saia a tomar a fresca, ou a fazer a resenha de muitas ovelhas, cuja tinha era contágio dele. Abre-se uma porta. José Bernardino enxerga um vulto, e desfecha com ele. O vulto vai a terra, e grunhe um arranco. O assassino foge, alapa-se, e alta noite ouve uma voz, que dizia a outra:

– Não sabes onde se deu esta noite um tiro?

– Sei, foi no burro pardo do abade.

– E mataram-lho?

– Ora! Não tugi uma nem duas, e lá tem uma bala na cabeça. É bem feito! O abade é que devia estar na pele do burro.

– Mas isso não tira – retorquiu o outro – que o burro também está na pele do abade!

– Matei, pois, o jumento pardo! – disse consigo José Bernardino, raivoso do mau êxito da espera.

O abade levantou clamores, à missa do dia, invocando a consciência dos fregueses para lhe declararem quem matou o jumento, e excomungou o burricida.

O regedor, entretanto, aguilhoado pela autoridade administrativa, perseguia o criminoso, dando-lhe assaltos à casa com os cabos de policia, e José Bernardino, confiado no bacamarte, saía por uma porta quando a policia entrava pela outra.

É de saber que o abade tinha inimigos, adquiridos pela desmoralização dos costumes e avareza com que ordenhava o rebanho; ao passo que o lavrador, homem de coração lavado e serviçal, tinha muitos amigos.

Resolveram estes vingar o fugitivo, assando o abade.

Uma noite pegaram-lhe fogo à casa, e por um triz que a lavareda não chorrisca os torresmos do padre, que estava no primeiro sono, digerindo a farta ceia com que ele sopitava as insónias do amor.

Saiu o abade por uma janela, com o cobertor aos ombros em ar de clâmide, pedindo aos fregueses vizinhos que lhe valessem à égua, e a cem mil réis, que tinha ao canto do baú. Apagou-se o incêndio com a fatura de água que corria à porta do passal, e a égua saiu ilesa da corte, espirrando e escouceando os salvadores.

Extinto o fogo, ergueu o abade a vez, acusando de incendiário José Bernardino que, a essa hora, estava na feira de S. Miguel, em Basto.

Novo processo foi instaurado contra o lavrador; e, dado que não procedesse à míngua de provas, a situação do homem piorou, e as tentativas de captura redobram.

Estava José Bernardino em sua casa e na sua cama, ouvindo histórias do presbítero contadas por Felícia, quando a policia, capitaneada pelo regedor, lhe cercou a casa. Levantou-se placidamente o lavrador, tomou a clavina, e abriu uma das portas para sair. Arremeteram com ele alguns homens, que se petrificaram ante a boca do bacamarte. O regedor, porém, vexado da fraqueza dos cabos, saltou à frente, afrontando-se com a pontaria do arcabuz. José Bernardino aconselhou-lhes prudência, e que abrissem filas. Refractários à boa razão, arremeteram com ele, e ouviram o desfechar do tiro. Era de pederneira a clavina, e o cão não ferira lume. Engatilhou segunda e terceira vez de balde o agredido; até que, arremessando contra o chão a arma, José Bernardino exclamou:

– Aqui me têm; estou preso.

Conduziram-no à cadeia da Vila da Feira, onde foi julgado pelo crime antigo e pelo nove crime de resistência. Provados ambos, foi condenado em três anos de prisão.

Devia José Bernardino cumprí-los na cadeia do seu concelho; mas, como alguns presos arrombassem aquela frágil prisão, foi o sentenciado removido para a Relação do Porto, a cumprir ali sentença.

Nenhum outro preso encontrei ali tão ansioso de liberdade, e ao mesmo tempo tão regalado de amiudadas visitas de valentes e atocinadas mocetonas da sua terra! Raro homem se terá gabado de prender às grades de uma cadeia os corações leais das mulheres, que o amaram nos dias fortuneiros! Agora, era uma que lhe trazia um cesto de ovos; logo, outra com um açafate de regueifas; depois, outra mais guapa com uma cambada de chouriços; e, afinal, a mais estremecida, que lhe administrava a casa, e pejava e quarto de mimos da lavoira. E nem assim estava contente o Sr. José Bernardino Tavares!

Voltaire devia ser muito amado, quando caiu na Bastilha, e nenhuma das extremas escravas do seu espírito o visitou!

Fouquet, em dezanove anos de cativo, não viu nas trevas do seu cárcere uns olhos de mulher!

Pellisson também me não consta.

O pobre do Silvío Pélico pregava moral à filha do carcereiro, e às damas, equivocadamente virtuosas, que riam dele.

Nenhum destes recebeu de mães de anéis nem ovos, nem regueifas, nem chouriços.

Como ousava lamuriar-se o Sr. José Bernardino do seu infortúnio, que era uma folia em confronto das tenebrosas angústias daqueles ilustres varões!

Disse-lhe eu que se ocupasse em qualquer serviço para aligeirar as horas e distrair o ânimo.

– Em que me hei-de eu ocupar? – exclamava ele. – Para me entreter já faço o jantar; e, para me ocupar em alguma coisa, como mais do que posso.

Levantou-se um dia de humor de se fazer juiz de um dos salões da cadeia. Comprou o juizado por doze libras ao carcereiro, que negociava neste género de imoral veniaga, e inaugurou o seu reinado embebedando os presos com aguardente... para se entreter. Dias depois, o carcereiro tomou-o entre dentes, e quis mudá-lo de repartição. José Bernardino queixou-se ao defunto presidente da Relação da indignidade do carcereiro, que lhe vendera e tirara o juizado; mas aquele pobre homem, que já mal podia com as dores da agonia lenta, absteve-se de providenciar contra o empregado, em cujo corpo anazado entrara a alma de João Branco.

Quando Sua Majestade o Senhor D. Pedro V visitou segunda vez o Porto, escrevi ao Sr. Tiago da Horta, pedindo-lhe que fizesse chegar às mães de Sua Majestade a súplica documentada do preso José Bernardino Tavares.

Ao outro dia, indo o Senhor D. Pedro examinar a cadeia, dignou-se dizer-me que vira a minha carta escrita ao seu ministro; e, conquanto não lesse o requerimento, julgava exequíveis os meus desejos.

José Bernardino julgou-se perdoado nos restantes nove meses de prisão, e teve dias mais alegres pela esperança do que talvez os sentiria na liberdade.

Com a morte do soberano, morreram as esperanças do preso. Desvanecidas estavam elas já para mim. A palavra dos reis era sagrada, quando os reis governavam; agora apenas reinam. Um amanuense de secretaria basta a entupir os canais por onde aflui a misericórdia do rei ao povo.

Está ainda o Sr. José Bernardino acorrentado pela mão evangélica do seu abade, a quem deve as amarguras de três anos, os catarros de três invernos, o desbarato da sua casa. O abade, porém, diz que o Sr. José Bernardino, sobre todas aquelas dividas, ainda lhe deve a Felícia e o burro.

Enquanto a mim, o Sr. José Bernardino está expiando, não a celebrada pancadaria que deu, nem a resistência que fez, nem o rapto de Felícia: é a morte do inofensivo burrinho, conquanto diga o provérbio que as vozes dele não chegam ao céu Mais difícil¹ acho eu chegarem lá as do abade⁹.

⁹ O Sr. José Bernardino foi perdoado em alguns meses de prisão, quando o Senhor D. Luís I foi aclamado. (*Nota da segunda edição.*)

X

Os legisladores pagãos como tivessem por inexecutável o parricídio, não lhe assinaram castigo. Jesus Cristo veio ensinar os homens, depois que os filósofos gregos se abstiveram de os moralizar no tocante ao parricídio. Com o cristianismo, crisol da civilização, surgiram nos códigos as penas contra o filho que mata seu pai, e apareceram os factos, não um em cada século, mas três factos a um tempo, três parricidas conjuntamente no mesmo cárcere.

Se me detenho a pensar nisto, quero dizer, na perfectibilidade do género humano, elaborada pela acção do cristianismo, tamanha desordem de ideias se me faz no espírito umas em batalha com as outras, que então fujo de mim mesmo, temeroso de pensar desvários, e mais temeroso ainda de cair na imprudência de escrevê-los.

Mais seriam; mas só conheci três parricidas na cadeia: ou cinco, melhor diria, porque duas mulheres e um moço estavam condenados na morte de seu pai comum.

Eram estes das cercanias de Lamego. A mais velha das duas era moça de vinte e quatro anos, de varonis meneios, mas não sem graça. A segunda teria dezoito anos, e aspecto doentio. O irmão era mudo. Tinham todos sentença de morte, e esperavam o êxito do recurso para o supremo tribunal. Dizia o libelo que a parricida mais velha afogara o pai nas possantes mãos, e a irmã e o mudo a coadjuvaram. A denúncia fora dada por outra irmã, também muda, de quem os celerados não se esconderam.

Outro parricida, que não consumara o crime, era o enfermeiro dos presos, condenado a perpétua e incomunicável prisão. Há seis anos que ali está, e é estimado das autoridades, e dos fiscaes da Misericórdia, a quem compete aquela enfermaria. Os doentes, em geral, dão testemunho de sua caridade, e eu mesmo presenciei a brandura e cuidados com que ele assistiu aos últimos dias do pobre Coutinho. Afligiu-me ver um dia o castigo de disciplinas que ele dava a um doente, e censurei-lhe a crueza. Disse-me o enfermeiro que o doente era doido, e só com o terror se continha quieto. A origem do mal estava na absurda autoridade, que mandou para a cadeia um demente, e no carcereiro, que o lá retinha. Este lançava de si a responsabilidade, dizendo que o hospital da Misericórdia não queria receber doidos, porque não tinha enfermaria especial. Ninguém o dirá do estabelecimento de caridade mais dotado e rico do país! Com uma galeria de bustos, que ali fizeram no firmamento do pórtico, verdadeira enfermaria da arte e do engenho architectónico, poderia a mesa da Santa Casa ter criado uma enfermaria de doidos.

Voltando ao enfermeiro, é ele filho dum abastado lavrador, contra quem desfechou um tiro, errando a pontaria. Foi uma alucinação, motivada pela negativa de consentimento paterno para casar-se. O próprio pai lhe perdoou depois da condenação. Ali vem o velho, de vez em quando, ver o filho, e mensalmente lhe remete a mesada, que o preso não gasta. Assim mesmo condenado a prisão infinita, teve o Sr. Carneiro quem se namorasse de suas boas maneiras e lhe desse a mão de esposa. É ele, pois, e terceiro marido da Sr. a Maria, cuja profissão é recovar os remédios da botica do hospital de Santo António para as enfermarias da Relação. O velho já requereu ao trono o perdão de seu filho; mas o ministério público pediu a condenação do réu em desagravo da humanidade. O pai perdoa; a humanidade não.

O outro parricida é o Sr. António Vieira Mendes, natural de Braga, e o mais antigo inquilino da Relação. Demora ali desde 1845. Três vezes já foi julgado e sentenciado a padecer morte no local do delicto.

O Sr. Mendes fora um mancebo de regular educação, natural esperteza e más inclinações. O pai era homem de antigas costumeiras, censor rígido das imperfeições do

filho, e avaro de seus bens, que não deixava esbanjar. António Vieira Mendes casou cedo e pobre. Encargos de família, desgostos domésticos motivados pela pequenez dos recursos e a espora de uma índole malfadada, incitaram o moço a tentar contra a vida do pai que teimava em viver na posse dos bens.

Mendes não matou; mandou matar seu pai por facinorosos, que já morreram nas galés. A justiça não vacilou muitas horas em indigitar o promotor dos homicidas. A prova foi cabal, e a sociedade queria que o condenado saísse do tribunal para o patíbulo.

Entrelembro-me de ver há dezoito anos uma péssima litografia em que especulador artista cuidou eternizar o quadro lúgubre do parricídio. Vendiam-se estas estampas juntamente com os reportórios. Lá estava o Sr. Mendes ao fundo do quadro, recebendo a notícia da morte de seu pai, e, junto dele, o sicário que lha dá. O parricida traja elegante judia, e encosta-se estatuariamente à sua bengala. Cuidou-lhe, a primor, o artista nos bigodes, retorcendo-lhos nas guias com graça espanhola. Era uma maravilha aquele retrato para os meus condiscípulos bracarenses, que conheciam o Sr. Mendes.

Tornei a ver o hediondo painel, quando estive preso, e por sinal que me ri da inocência do meu carcereiro. O Sr. Mendes tinha injuriado o inofensivo Nascimento, por lhe este não deferir a requerimentos contra a lei regulamentar da cadeia. O pobre velho, ultrajado na sua dignidade, quis tirar uma vingança igual à afronta. Acertara ter-lhe vindo à mão uma daquelas litografias. Nascimento procurou-me, desenrolou a estampa, e disse-me:

– Vê isto?

– Vejo, Sr. Nascimento.

– É a vida do Mendes aqui pintada.

– Está bonita a pintura.

– Sabe o que eu vou fazer?

– Mandar encaixilhar isto, naturalmente...

– Não, senhor; vou mandar este papel àquele malvado. Quero vingar a humanidade. O homem, quando vir isto, há-de morrer de remorsos.

Foi então que me ri.

– O senhor ri-se? – interrogou o carcereiro enfiado.

– Rio das suas crenças em remorsos, Sr. Nascimento. Se e senhor lhe manda a estampa, o Mendes não morre, manda copiá-la, e vender a segunda edição correcta, a pataco, e talvez aumentada com a figurinha do Sr. Nascimento aqui a um lado.

– Que me diz?

– Digo-lhe a verdade, meu bom amigo.

– Mas ele pra que havia de meter-me aqui neste painel?

– Por pirraça era capaz de o pintar com o seu fardamento de alferes de veteranos.

– Acho que diz bem, porque ele até sabe tirar firmas!

– Pois aí tem.

Gorou-se deste modo a vingança do carcereiro.

O Sr. António Vieira Mendes é de há muito conhecido por *doutor da cadeia*. Sabe de cor as reformas novas e velhas, os códigos, as leis extravagantes, e as milésimas tricas judiciárias. Os tribunais estão pejadas de contrariedades escritas pelo Sr. Mendes. Na presidência da Relação chovem os requerimentos de sua lavra. E, posto que o êxito das causas, cujo patrono ele é, seja sempre negativo, os créditos jurisperitos do Sr. Mendes resistem aos abalos que têm derruído o conceito de muitos letrados de polpa.

Vem a ser a razão disto sucederem-se as camadas dos clientes anualmente, e ser o causídico desconhecido das que vêm.

Tive azo de avaliar a inteligência e fecundidade deste sujeito, quando Sua Majestade veio ao Porte. O Sr. Mendes foi o intérprete de sessenta presos, que

imploraram a compaixão do benigno rei. Escreveu em dois dias e duas noites sessenta petições, das quais vi algumas não despiciendas em patético de linguagem, e toque às paixões que se movem espicaçadas pela retórica. Não perdoou o rei a preso algum, precisamente porque teria de perdoar a todos, tão parecidas eram as sessenta alegações dos sessenta inocentes!

Afora esta licita indústria, o Sr. Mendes é dotado do raro engenho de imitar assinaturas. Mediante o seu prestimoso auxílio, fazem-se muitos casamentos com falsas certidões, e adiantam-se ou atrasam-se, segundo interessa, muitas idades. Isto é o menos do muito que a habilidade do insigne falsificador tem prejudicado. Alguns desertores têm ido à cadeia buscar as suas baixas, e alguns presos lhe têm pedido alvarás de soltura. Tem, porém, o Sr. Mendes a qualidade não menos estranha de passar alvarás, receber o estipêndio, e avisar os carcereiros contra a sua falsificação. A meu ver, este procedimento indica vislumbres de veneração à moral pública.

O Sr. Mendes também escreve artigos para os jornais, no tocante a coisas de regulamento da cadeia. Escreveu alguns contra mim, que me pareceram irrepreensíveis na gramática e bons de se lerem. Suscitou-me o Sr. Mendes a natural curiosidade de conhecê-lo, e pedi ao carcereiro licença para descer à prisão do escritor. Admirei-lhe o escampado da brunida fronte, o olhar perspicaz, uma fisionomia espirituosa, e o espesso bigode já listrado de cabelos brancos. Vestia ele um *robe-de-chambre* de lã escarlate, que lhe dera José do Telhado, dizendo que os doutores de ordinário vestiam assim. Estava o Sr. Mendes fumando por cachimbo de porcelana, com seus cordões de seda, que atavam à carcela do colete.

Vi junto dele uma linda menina de dez anos, que ele me disse ser sua filha.

– E a mãe não o visita? – perguntei.

– A mãe é minha criada há vinte anos, e é quem me serve aqui na cadeia.

– Pensei que esta menina seria filha de sua senhora.

– Minha mulher – replicou ele – voltou-se para a igreja.

– Quer dizer que está beata?

– Não, senhor; quero dizer que vive com um ministro do altar em Braga.

– Para ter mais próximo o ministro da salvação?

– Acho que sim – tornou ele baforando pelo pipo do cachimbo, e fazendo ressaltar o tabaco em chispas e cinzas. – Eu espero um dia poder remetê-los juntos à bem-aventurança.

Em algumas outras ocasiões aproveitei a conversação do Sr. Mendes, e mereci-lhe a confiança de me nomear as pessoas que lhe pagavam os artiguinhos contra mim. Das quais revelações simplesmente inferi que os meus adversários careciam do Sr. Mendes para órgão de sua justiça e intérprete de seus ânimos.

O Sr. Mendes, prevalecendo-se de sua imaginativa e virulência de linguagem, humilhava os carcereiros e guardas, menos destros que ele em recâmbio de injúrias. O resultado foi vencer, afinal, a força material contra o espírito. Alguns soldados de baioneta calada soterraram o Sr. Mendes na mais pavorosa das enxovias, onde nem assim a desgraça lhe amolgou a inflexível condição reaccionária.

Não sei se, alguma hora, o anjo da infância do Sr. Mendes o visita em sonhos; se as pálpebras ao entreabrirem-se estilam lágrimas, que se ressecam à luz infernal das tochas, que ladearam o esquite de seu pai. Não sei. Eu tenho do coração humano ideias sempre em divórcio com as ideias comuns. Quero acreditar que há remorsos e saudades naquele homem, que foi filho, que teve mãe, que orou com ela, que a viu morta, que a chorou talvez nos braços do pai, que foi tudo o que são bons filhos, antes de ser parricida.

E, se me não enganasse, quem negaria saudades e remorsos naquela alma?

A verdade é que ele repele a arguição de parricida. Uma vez me disse:

- Meu pai morreu tranquilo no seu leito.
- Pois seu pai não era um homem assassinado por um tiro?!
- Não, senhor; meu pai era o general Caiola.

Parece-me que o desgraçado, nesta calúnia, ultrajava a memória de sua mãe inutilmente ¹⁰.

¹⁰ Este sujeito foi para África, onde consta que agenceia a sua vida custosamente, visto que lhe é proibido o exercício da muita jurisprudência que aprendeu em vinte anos de prisão. A ciência não habilita! (*Nota da segunda edição.*)

XI

Estava preso nos quartos de malta um santo.

Isto é que ninguém me acredita; e eu acho razoável a ofensa, que o leitor me faz.

Um santo na cadeia! – exclama. – Isso é insultar a civilização cristã! É caluniar atrocemente as leis portuguesas remodeladas pelo Evangelho! É aleivosia contra o júri que o julgou, e contra o juiz que o sentenciou!

Exclamem, mas escutem. O santo estava preso por não ter podido pagar uma dívida, nem dar conta do depósito penhorado. Fossem pedir a S. Paulo eremita, ou a S. Simão-Estilita uma dívida, a ver se os pobrezinhos de Cristo a pagavam! ... E que santos aqueles!

Diziam mais que o meu vizinho botara abaixo uma orelha a um seu patrício aí da Rechousa. Também S. Pedro cortou à espada uma orelha a Malco, e nem por isso deixou de ser santo.

Setenta anos teria o Sr. José da Rocha. Saia raras vezes do seu cubículo, e trazia no rosto um sorriso e uma luz de bem-aventurado. Dois meses lhe faltava, para acabar o seu ano de cadeia, quando eu tive a fortuna de convizinhar das suas virtudes, ali obscuras, em tão mal arejada estufa.

Obscuras, não. De longes terras, raro era o dia em que não vinham a ele ranchos de mulheres e homens cabisbaixos e reverenciosos como caravanas de turcos ao santuário de Meca.

Vinha aquela gente à reza do santo, e a consultas sobre moléstias abandonadas da ciência. Na esconjuração de espíritos imundos é que se extremava a sua principal virtude. Rapariga incubada de demónio saía dali escorreita, como se nunca tal hóspede lhe tomasse conta do corpo, reservado para melhores destinos. Em todas as enfermidades, e nomeadamente na espinhela caída, o Sr. Rocha empregava métodos muito outros daqueles usados na ortopedia dos brutais endireitas. Talhava o bicho com a mera imposição de mãos, acompanhando o gesto de algumas palavras, preferidas em toada soturna, enviesando ao firmamento os olhos flamejantes do fogo inspirativo da pitonisa. Também talhava o ar – o que é mais significativo ainda de virtude miraculosa.

Na cegueira da minha ignorância pedi-lhe que talhasse o ar da cadeia, que era pestilencial, a ver se assim o convertia em aromas de cedro e sândalo. O Sr. Rocha teve a condescendência de me dizer que só talhava os ares ruins; e eu a pertinácia de replicar-lhe que me não parecia bom o da cadeia. Ao que ele me tornou, com seráfica paciência, que ares ruins eram os que tinham malefício do diabo.

Fiquei satisfeito.

Alguns dias depois, como eu andasse em suspeitas de ter sido arejado por assopro diabólico, pedi ao meu vizinho se tinha a caridade de me benzer. Anuiu de boa vontade o santo varão, e passou comigo meia hora misteriosa. Leu, trejeitou, defumou-se com alecrim benzido, e esteve uns dez minutos em recolhimento. Ao emergir-se daquele letargo, varreram-se as sombras que lhe obumbravam tristemente o aspecto, e voltou à graça jovial, e lucidíssima do seu costume.

– Não é bem definido que eu tivesse ar ruim? – perguntei.

– Não lhe sei dizer – respondeu ele – mas desconfio que sim.

– Porquê, se é possível dizer-me?

– Porque o vi espirrar com o defumadoiro.

Fiquei convencido de que o demónio me tinha bafejado, porque me senti melhor depois dos espirros.

Estava lá outro preso, menos santo, mas muito mais inocente, condenado em

quinze anos de degredo para Cabo Verde. Era o Sr. Gouveia, do concelho de Armamar. Fora regedor na sua terra, negociante e proprietário. O funcionalismo administrativo fez-lhe tomar pendor em partidos, e distinguir-se por seu zelo em lutas eleitorais. Numa dessas crises da urna, que algum tempo foram verdadeiras calamidades de rancores fratricidas, o Sr. Gouveia foi falsamente indiciado numa tentativa de morte, julgado e sentenciado em três anos de prisão. O ministério público agravou, e a parte também. Era a parte um sujeito rico, abalizado entre os poderosos, e caprichoso no inteiro perdimento do inimigo político. O processo, examinado pelos juizes da Relação, deu em resultado a confirmação da pena; porém, o juiz relator, quando o acórdão já estava em poder do escrivão, chamou a si os feitos, rasgou a lauda em que lavrara o acórdão, e lavrou de novo outro, alteando a pena a quinze anos de degredo. A este tempo já as testemunhas que tinham jurado contra o Sr. Gouveia estavam condenadas a galés, por terem jurado falso. Pensava o preso que, aduzida tão significativa prova de sua inocência, e Supremo Tribunal de Justiça anularia o processo. Nem assim. A última instância negou-lhe provimento! Gouveia foi para o desterro, depois de cinco anos de cárcere, completa perda de seus haveres, e trinta e oito anos de idade, com os cabelos todos brancos.

Gouveia era muito noticioso de livros portugueses, que folheara incansavelmente durante dois anos de prisão em Lamego. Encontrei-o lendo e decorando João Xavier de Matos, e Dinis, poetas predilectos e únicos de sua biblioteca. O que ele tinha admirável era a facilidade e limpidez da palavra, às vezes imaginosa, mas sempre invejavelmente ajustada ao pensamento.

Porém, o que mais assombrava neste homem era a resignação, e os bálsamos piedosos com que se estava sempre lenindo as feridas da saudade do seu passado, e o desespero na justiça humana.

Tinha um filho de doze anos, cujo ensino lhe ocupava algumas horas. A mãe desse menino era uma criada que o acompanhara de cárcere em cárcere, e ele fez sua mulher, para premiar-lhe a dedicação, e levá-la consigo ao degredo. Receberam-se no altar da enfermaria, e eu fui um dos convidados para a cerimónia. Não atendi ao semblante dos consortes naquele acto, porque me distrai a contemplar um preso que arrancara da vida em estertorosas convulsões. Que dois espectáculos ombro a ombro!

Gouveia, logo que chegou a Cabo Verde granjeou a estima do governador, e foi empregado em trabalhos de viação, com doze mil réis mensais, e esperanças de acrescentamento. Vi cartas dele escritas de lá. Respiram contentamento e conformidade; nem uma palavra contra inimigos, nem contra a justiça enxovalhada aos pés deles. Parece que há no ânimo daquele inocente, desterrado e pobre, a certeza de que a Divina Providência o há-de premiar, e fartá-lo em sua fome e sede de justiça.

Não direi o mesmo do Sr. Gregório, meu vizinho também.

O Sr. Gregório, sujeito de quarenta anos, era um fabricante de tecidos, sócio de outro, que tinha uma filha galante, de vinte anos, e festejada de muitos moços que a cortejavam a medo, como atemorizados de sua gentileza. Ora, o Sr. Gregório tocava viola, e vibrava em melancólicos londuns as cordas do alaúde, porta-voz de sua alma para a moça, esquivava a finezas e gabes dos rapazes.

O fabricante era casado, e os anos mal o desculpavam da apaixonada doidice; todavia, o amor é tão engenhoso em mágicas travessuras, que vestiu de primaveras a cara do Sr. Gregório aos olhos da moça; emborcou no seio dela a ambrósia estragada que lhe embriagou o senso do coração, e no dele a doce peçonha que leva depois muito tempo a sair da pele.

Não há duvidar que a cegueira da menina foi embriaguez, que lhe turvou o coração; porquanto, voltando a si do torpor (oito meses depois que adormecera) e não

achando na frente a sua grinalda de pureza, começou a gritar contra o Sr. Gregório, e o Sr. Gregório foi preso.

Explicava ele o caso, e convencia a gente de sua inocência; mas as testemunhas disseram coisas tão às avessas da inocência dele, e também dela, que, em resultado, o Sr. Gregório vai como inocente, para a África, e a loira, também como inocente, já está casada com um moço, que inferiu a pureza dela da condenação do outro. Esta é que é a gente ditosa, não ofendida de ciúmes, de que reza o épico.

A consorte do Sr. Gregório era uma sensata criatura, que perdoara a deslealdade ao marido, e lhe levava às suas horas as comidas, e o melhor manjar de seu coração compadecido. Pelos modos, e no entendimento da desvelada esposa, quem devia ir para a África era a menina queixosa, que lhe furtara o coração de seu marido, a ponto de lhe não deixar em casa nem mesmo a viola! O advogado do réu descurou este argumento da viola que, a meu ver, era um tópico essencial da defesa.

Em noites estivais, o meu vizinho encostava-se à sua grade, e tangia amorosos arpejos, e cantava endechas duma saudade, que era um ir-se o alheio coração com elas onde o mavioso cantor mandava o seu. Assim se adormecia, David de si mesmo, o encarcerado cantor, e amanhecia ao tear, onde tecia primorosas fitas de seda, que lhe abundavam o passadoio.

Era um bom vizinho o Sr. Gregório.

O mesmo direi do Sr. Teles, lugar-tenente de José do Telhado, lesto jogador de pau, rebequista de força, e alfaiate de obra grossa. Este, em sua opinião, também estava inocente; mas ia purificar-se à África, donde voltará, passados dez anos, a morrer na pátria, mais generoso que o general romano Cipião, lugar-tenente de salteadores mais abalizados, que nem sequer deixava à pátria a posse da ossada.

O criado, que me servia de ferros dentro, estava ali porque a Companhia dos Vinhos lhe imputava o roubo de dezoito pipas de vinagre. Era a calúnia, que o pobre Pereira me explicou cientificamente. O vinagre evapora-se das pipas, uns anos mais que outros, consoante o calor atmosférico. Acontecera virem dois estios muito calmosos; e o armazém do vinagre, nesses dois anos, evaporou dezoito pipas em gás. Não há nada mais claro. Se o defensor de José Pereira abre um compêndio de química experimental aos jurados, convencê-los-ia da inocência do seu cliente.

Eu tive sempre o meu criado em conceito de acrisolada fidelidade. Quando me faltavam as camisas, entendi sempre que se evaporavam como o vinagre. A calúnia procede muitas vezes da ignorância. Outra pessoa, menos lida nas propriedades gasosas dos corpos, havia de pensar que as suas camisas eram menos acessíveis que o vinagre à influência atmosférica.

No segundo andar da Relação estava presa uma senhora, vítima da mesma ignorância de química. Arguiam-na de ter comprado o vinagre a José Pereira, e de ter furado o pavimento de sua casa para trasfegar os vinhos do armazém da companhia para os seus pipotes. Cumpriu dois anos de cadeia a pobre senhora, e pôde ainda sair a porto de salvamento daquele dilúvio de vinagre, em que a sua reputação iria a pique, se a química não fosse superior aos juízos dos homens, que a condenaram.

Não me esqueça o Sr. Isidoro, idiota de profissão que ali está, segundo ele diz, *por uma ignorância*.

– Por uma ignorância, Sr. Isidoro! – exclamei eu. – A ignorância decerto o não traria aqui, mas sim ao pináculo das honras. Vossemecê não pode estar aqui por ignorância!

– Palavra de honra que estou.

- Queira esclarecer-me. Que ignorância foi causa a pronunciá-lo o juiz criminal?
 - É porque eu tirei uns lençitos de seda da casa onde estava como caixeiro, e dei-os a outro sujeito, que os vendia.
 - E o senhor confessou ao juiz essa ignorância?
 - Confessei.
 - Fez bem, porque foi verdadeiro; mas a verdade nem sempre é a sabedoria. Diz vossemecê muito bem; está aqui pela ignorância de confessar; é o que quer dizer?
 - Não, senhor; a minha ignorância foi tirar os lenços.
 - Ah! Mas isso não se chama ignorância: chama-se furto.
- O Sr. Isidoro exclamou, chorando:
- Então eu sou um ladrão?!
 - É; mas, como diz, ignorava que tirar lenços ao seu patrão é ladroeira. Agora entendi a força oculta da sua palavra. E ladrão ignorante.

Por isso eu disse que o Sr. Isidoro é idiota de profissão.

Este pobre homem é de Lisboa, onde teve um estabelecimento de padaria. Fez o seu balanço, e conheceu que estava perdendo. Chamou os credores, embolsou-os de um conto de réis, que lhes devia, ficou pobre, e veio para o Porto, animado por um gamenhozito, que o industriou a furtar objectos do bazar *Boa Fé*, onde conseguira empregar-se.

O proceder honroso com os credores é inconciliável com o roubo; todavia, os vícios têm sua hora em que principiam, e os precedentes não absolvem. Este infeliz, depois de um ano de prisão, será julgado, e talvez condenado, se o júri não reparar naquela fisionomia em que o espasmo do idiotismo está pedindo por ele. Revelem-lhe a *ignorância*, para evitarem que ele aprenda a *ciência* na casa onde está.

XII

Darei o que posso aos meus amigos: um capítulo no livro que relembra uma época de provação de amigos.

Entrei na cadeia, suspeito de que tinha poucos; e saí obrigado a muitos. Os poucos, em que eu fiava, na minha boa-fé e supina ignorância da humanidade, era uma gente com quem me tinha aliado em dias bafejados da fortuna. Destes, raros vi na cadeia, e mais raros ainda ficaram estranhos ao bando dos meus inimigos. Desculpei-os, quando soube que eles andavam atrelados à dependência de favores, que pagavam com a usura de sua ignominia. Já nem sequer pasmei quando os ouvi vociferar contra a mão, que tentava quebrar-me os ferros dos pulsos, e estampá-los na cara dos adversários, uns despejados, outros estúpidos, e todos infames. De mim mesmo tenho vergonha quando me eles lembram; não lhes quero maior suplicio que o nojo que eles devem ter, em intervalos lúcidos, de sua mesma vilania.

Amigos verdadeiros são os que, nos acodem inopinados com valedora mão nas tormentas desfeitas. Esses vêm de Deus, e cumprem a mensagem divina de dizer ao infeliz que o Criador, formando o homem, não estava caprichando no requintar a sua onnipotência em abortos de ferocidade e velhacaria.

Não cabe aqui a lista dos nomes que eu escrevi para sempre na porção imortal de minha essência, a alma, que, penso eu, leva a Deus a conta dos benefícios recebidos, e lá se ergue em testemunho para o galardão dos benefazejos.

Os dons, que mais carece e cativam um homem preso, são o aligeirarem-lhe as horas. As horas da cadeia arrastam-se, como se ali fosse a estância de transição para a infernal eternidade, onde não há mostrador de tempo. A noite nasce lá, e desdobra-se dentro em sombras torvas, quando o sol enrubesce ainda as longes montanhas. Ao entardecer, as arcadas de granito parece que descem a esmagar a cabeça do preso; e as paredes, a gotear um regalo pegajoso, creeis senti-las bater-vos contra o peito. As noites de Inverno começam lá às três horas; e os corredores são alumados às seis por uma luz única de funeral lampadário, que espirra e bruxuleia.

Aqueles homens, entre os quais me mandaram viver as providências das autoridades, eram muitos deles celerados condenados à forca. Pois esses mesmos fugiam à escuridade das abóbas, e ajuntavam-se em palestra nos quartos, enquanto o toque da sineta os não dispersava.

Era essa, pois, a minha hora de passear nos corredores, ouvindo a soada soturna dos meus passos, e contemplando a chama azulada da lâmpada, que lutava com a frialdade da atmosfera.

Em trezentas e oitenta e três dessas noites, se bem me lembro, duas vezes tive amigos no meu quarto. Os mais deles eram pessoas de boa roda, que tinham suas visitas a cumprir, seus teatros, suas *toilettes* àquelas horas, horas devotadas aos deveres sacratíssimos de deletrearem os cabelos, ou narcisarem-se ao espelho à conta dos colarinhos. Outros, menos curiosos das praxes aparaltadas, temiam-se de entrar ali àquela hora, atendendo a que a cadeia era um covil de ladrões. Não sustenho ainda o riso quando me lembro que tive de confiar a segurança de um amigo, a outros que prometeram defendê-lo das agressões dos salteadores, no trânsito do meu quarto até ao gradão da saída. Era isto de dia. José do Telhado, com as suas grandes e formosas barbas, aterrara o Sr. Conde de Vila Pouca, cuja visita eu avaliei pela extensão do seu terror.

Outros não temiam o José do Telhado; mas repugnava-lhes passar no recinto escuro, onde foi oratório, e as sombras da luz remota ondeiam nas paredes negras como

túnicas de padecentes ali penduradas. Todos tinham razão, e eu de todo o peito lhes agradecia as horas de soledade que me deixavam.

O aspecto dos amigos, que, primeira vez, lá entravam, não seria mais confrangido de pavor, se me eles fossem anunciar que o carpinteiro estava erguendo o meu cadafalso. Alguns entravam chorando, e saíam rindo do meu contágio de riso. Em lealdade, e com quanta sinceridade posso dizê-lo, invocando o testemunho de meus amigos, aqui deixo gravado à posteridade que eu RI SEMPRE. É meu costume entalar o demónio da desgraça pela cauda, e obrigo-o a trejeitar diante de mim em sarabandas de muita galhofa, dadas todas as cautelas contra as evoluções da cabeça, que essas são perigosas, se não mentem as descrições das lendas infernais.

José Cardoso Vieira de Castro perdeu o seu rubor de alemão, quando os pés lhe escorregavam na eterna lama daquelas escadarias. Nos lábios alvacentos de terror parecia mostrar-se uma dobra da mortalha do seu espírito, fulminado pelo fétido e pelas náuseas. A esse tempo coavam-se de uma grade uns sons de voz humana, e a toada melancólica dum piano. Vieira de Castro renasceu para o sentimento, como o rochedo à voz do cantor de Trácia. Retingiu-se-lhe o rosto afável do sangue que estuara nas artérias, e a graça e eloquência das chistosas hipérboles rebentou a froixo em imprecações contra o meu demónio da desgraça, que ele sacudiu pela cabeça, menos timorato que eu.

A poesia sanguinária senhoreou-se dele então e era doce ouvi-lo pedindo ao infortúnio que me matasse para eu ter *um destino completo e bonito*.

– Que belo espectáculo para a posteridade se tu morresses agora! – exclamava ele, com os cabelos eriçados a repelões de entusiasmo. – Que livro no futuro! Que romance magnífico! Que sepultura tão sagrada a tua! Como os ciprestes gemeriam a tua história, e quantas lágrimas te levariam às cinzas a compaixão de milhares de infelizes! A prisão é uma desgraça vulgar; a morte seria um relevo, uma imortalidade, um lábaro, sempre ondeante ao vento das gerações vindouras, com o teu nome gravado, como lenda e moto de quantos fossem capazes do teu martírio!

Ouvi maravilhado o meu amigo, e perguntei-lhe se queria almoçar. Depois vesti-me, e saímos a jantar na sua hospedaria.

Saímos! – exclamará a posteridade. – Pois o *mártir* saía assim da cadeia a jantar com os amigos!?

Esta interrogação da posteridade há-de ser causa a que nem sequer se faça um romance à conta da minha prisão! Bem o dizia Vieira de Castro: era necessário morrer no ergástulo, para que um futuro Byron fizesse *lamentações* em meu nome, igualando-me com o preso de Ferrara. Essas *lamentações* redundariam também em glória de algum meu inimigo, a quem o poeta emparelhasse com o duque, algoz do amante de Leonor. Que sórdido borrão seria na história tamanha mentira, se as gerações porvindouras tirassem da lama o vulto dum ilustre algoz, para me nobilitarem as dores com a pujança dele! ... Morrer assassinado às mãos dum rei, como o duque de Viseu, ou da queda duma tartaruga como Esquilo, ou duma pedrada dum gaiato como um general assírio, ou de um bago de uva como Anacreonte, é coisa de todo o ponto indistinta.

Se os dramaturgos do século XXV me quiserem celebrar no palco, deitado sobre um colmeiro de palha ferrã, com uma bilha de água à beira, ponham embora em cena o inimigo; mas não o embucem em manto roçagante, nem lhe derrubem na frente o chapéu aragonês. Calcem-no de tamancos, deixem-no ir em mangas de camisa, com uma aguilhada em punho, e um naco de broa no bolso do colete, e uma borracha a tiracolo. Esta é que é a plástica, o *costume*, a verdade, e o cunho da verosimilhança. Façam deste teor o tirano da tragédia sem pena de humilharem a vítima, senão a crítica literária há-de vir nestas *Memórias* cavar-lhe a sepultura da obra.

Estava falando tão folgado e expansivo de amigos, e deixei-me escorregar no atascadeiro; foi que não via onde firmava os pés, quando colhia flores para eles.

E, se eles não fossem, quem me daria azo a jantar com Vieira de Castro? Como faria eu prevalecer a ordem do ministro sobre a judicatura do Porto, que me queria embargar a saída, mandando à justiça que pusesse as costas contra a portas ferradas da masmorra?

Deus me valha com mais brandas inspirações, senão desminto a gravidade do escrito, a fatigo-me em descobrir em certas caras uma fibra intacta onde entalhe a vergonha do látego, que algumas horas me oferece um génio mau, insultador da minha fraqueza. É preciso que o leitor não encontre aqui o que está procurando desde a primeira página. Sejam sempre Silvio Pélico. O caminho do céu é esta íngreme ladeira da paciência.

Falarei de um amigo, atraído à cadeia pela simpatia do infortúnio. Raras vezes me avistara com António Joaquim Xavier Pacheco. Estimava-o como a um homem de bem, e amante de ler clássicos, e de escrever substanciosos artigos de utilidade geral.

Um dia entrou ele no meu quarto arquejante e esbofado da canseira. Em Pacheco há uma só essência muito maior que o volume do seu abdómen: é o coração, magnífico móvel de todos os seus actos, oráculo que sempre o aconselhou com a linguagem da prudência. Estranha conjugação de virtudes a promanarem da mesma fonte! Raro é aí o homem que não careça de pôr mordaza ao coração para que a prudência fale.

– Venho visitá-lo – disse ele – por me lembrar que o senhor me visitaria, se eu estivesse na sua posição.

Daí em diante Xavier Pacheco, rápido avaliador e discreto juiz da minha consciência, achou-me dócil para o conselho, e impressionável aos ditames de uma razão ilustrada pela experiência.

E, como ele soubesse que em dados casos a missão do conselheiro é incompleta sem o benefício, Pacheco convidou-me ao trabalho pela segurança do estipêndio. Comprou-me manuscritos, e chamou editores que os publicaram; ocupou-me as horas, e j pagou-me as vigílias, que me forraram a tormentosas insónias.

Da sua abundantíssima biblioteca mandava-me ele bons livros, bons amigos, bons mestres, que praticavam comigo nas infinitas noites de Janeiro. Então li e reli volumes que, noutras tentativas, em anos mais irreflexivos, me anojavam e inimistavam com o puritanismo dos quinhentistas. A *Imagem da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, o *Oriente Conquistado*, do jesuíta Francisco de Sousa, as *Crónicas da Academia Real das Ciências* e outros muitos repositórios de linguagem deste tomo nunca me deram trela ao espírito para examinar quatrocentos volumes de romances, que comprara, e dos quais se admirou o Senhor D. Pedro V, observando que era biblioteca enorme para preso. Nunca me despendi muito em compra de romances; mas aqueles comprara eu a um curioso que os vendera, em razão de ir comprar nova mobília para o seu gabinete. Comprei-os, pois, como mobília também, para não desfazer na qualificação que o vendedor lhes dera; e, de feito, adornavam as estantes vistosamente as paredes do quarto nuas, a pedaços, do papel que a caliça, aferventada pela humidade, fazia ressaltar com temeroso estalido. Este rompimento estrondoso era muito de ver-se, excepto os enxames de carochas, centopeias e outras alimárias, que espirravam das fendas a infestar-me o pavimento, e a passearem no pavilhão do leito, como se todos fôssemos da mesma casta.

Júlio César Machado, o escritor benquistado, que já se goza, como La Fontaine, da antonomásia de *bom*, não por ter ensinado a sua moral aos meninos com historietas de bichos, mas por ser tolerante com todos os bichos, e andar a repetir aos escritores

malfazejos aquela máxima do *Tesouro dos Meninos* acerca do maltratar os animais, o bom Machado, digo, vindo ao Porto, ingrato seria se passasse distraído ao lado daqueles muros pardos, onde o seu amigo de doze anos estava conversando as musas e os facínoras.

Que ele entrasse chorando, esperava eu; mas encontrar-me a escrever jocosos nadas num álbum é que ele não esperava. Júlio César cuidou que as decorações do *Trovador* e *Torçato Tasso*, nos actos em que negrejam os cárceres, eram mera visualidade dos Rambois e Cinatti. Então me confessou que a realidade da Relação do Porto prelevava em horror ao que as lonas infundiam no seu ânimo de romancista e amante extremoso da liberdade. Cuidava ele também que um preso, encavernado em antros tão sinistros, devia de estar de cócoras a tiritar a um cantinho da sua caverna, com os esgazeados olhos cravados no firmamento, pedindo como Pellisson, às aranhas o favor de descerem, e de lhe ouvirem os seus monólogos. Uma coisa devia espantar o meu amigo, e era não ver à porta do meu quarto o carcereiro de feroz catadura, com a cambada das chaves à cinta, nem ali perto o carrasco, em sua furna, almejando o pescoço dum padecente, para nessa hora se aquecer a um raio de sol, e sorver um hausto sôfrego de ar puro.

Nem carcereiro de carranca melodramática, nem carrasco, nem padecente debaixo daquele tecto de rocha, entre aquelas paredes, cuja humidade daria a um poeta ultraromântico ensejo de compará-las às lágrimas congeladas dos centenares de desgraçados que ali choraram no discorrer de setenta anos com o edifício tem. O que ele viu foi o escritor sentado à banca do trabalho, como ele o conhecera em diversas épocas: há doze anos escrevendo o *Anátoma*, há seis *O Que Fazem Mulheres*, e há três, o *Morgado de Fafe* e as *Abençoadas Lágrimas*.

Tive, pois, de adoçar a amargura do meu amigo, e capacitá-lo das vantagens de alguns meses de cadeia para refrescar a memória de desbotadas leituras, e estudar o coração do homem, ali, onde ele se dá nu e ulceroso ao anatomista.

Júlio César Machado achou estúpido este meio de estudar corações e refrescar memórias. Segundo ele, estudar assim é correr o perigo de morrer, como Bichat, sobre os podres cadáveres de sua análise.

Voltou o estimado escritor no dia seguinte, e tirou da algibeira algumas libras, que um editor portuense lhe dera por um romance.

– Tira daí o que quiseres! – exclamou ele –; a mim pouco me basta.

Convenci a boa alma do moço que me sobrava dinheiro, e sobejo desprezo para o que não tinha. Isto parece episódio dispensável nestas *Memórias*; mas esse nada revela o muito oiro daquele coração de Júlio. Quem lhe escrever a biografia há-de restringir os gabos a poucos dizeres, e assingelar as palavras de modo que tudo funda nisto: branduras de coração feminino, infância de afectos, amor a tudo, porque em tudo vê uma face amável, *talento de bem dizer e de bem fazer*, excelências antigas em novos feitos, as graças mitológicas enlaçadas nas virtudes cristãs.

José Estêvão encostou-se à grade da ipinha janela, e disse:

– Isto é de um homem partir a cabeça; mas você conserve a Sua.

Achou que a temperatura do meu quarto era a mais agradável de quantas encontrara no Porto, e saiu com- mostras de me invejar o meu tabernáculo.

O grande orador não se julga estranho a nenhuns desastres naturais ao homem, como o outro de Terêncio. Emplasta e afeiçoa em vultos de arte as mais grandiosas agonias, e as mais ínfimas ridiculezas da humanidade. O meu infortúnio pareceu-lhe *artístico*; creio, porém, que ele o não classificou na galeria séria das coisas da arte. Filósofo de Zeno, modificado pelas prescrições mais humanas de Malebranche, o Sr.

José Estêvão só tem lágrimas em coração de pai, e retira-se enfadado do homem pusilânime que falecer de brioso estoicismo para se afrontar com a desgraça. Mas que nobilíssima alma, que entranhas de irmão o devotam às dores da humanidade!

Os amigos dos primeiros anos da mocidade considera-os a velhice perdidos, se revolverem anos sem novas deles.

Manuel Nicolau Esteves Negrão visitara-me em sonhos do cárcere; mas não eram sonhos com o cárcere, os meus. Então a alma se remoçava e via entre as flores a abrir de suas esperanças. O idílio dos vinte anos soava das mil bocas da natureza; e as coreias das ilusões, vestidas e aladas como anjos, punham cerco de danças ao meu espírito, que as amava todas. Falava-me no meu éden a cândida alma de Manuel Negrão, respondendo aos devaneios amorosos com que eu lhe queria explicar a beleza moral da mulher. Eu já então me queria impor como filósofo aos meus amigos; mas toda a minha filosofia era vaporosa e imponderável como o perfume de uma flor. Negrão era o crente, e eu fingia de céptico nas suas palestras, e nuns versos em que raras vezes se encontrava a verdade do sentimento, e menos ainda a correcção de sílabas. Ele, o poeta verdadeiro, de si próprio se escondia para aconsoantar os suspiros apaixonados, e mostrávamos a mim só, com tanta modéstia e pejo, como se eu fosse a dama santificada neles. Era isto assim que me vinha aos sonhos do cárcere.

Se apagais subitamente uma luz, com os olhos fitos nela, por algum tempo vereis nas trevas uns clarões informes. Assim reluz o brilho do passado aos olhos da alma fechados para sempre. No dormir é que as visões reaparecem; e o espírito, sempre novo, como no primeiro dia que veio a nós com suas eternas galas do céu, desata-se das correntes da matéria envelhecida, e vai-se a voar, como ave descativa, ao mais achegado clima da sua pátria infinita.

Triste seria o despertar, se eu não visse ali, palpável e real, Manuel Negrão. Descera das montanhas onde vive, e contou-me a história de sua ditosa obscuridade. Eu contei-lhe as delicias da minha existência, exposta sobre o tablado das praças às vaias das multidões. Começámos relembrando o primeiro dia da nossa aliança, e demos afinal um adeus, como se no aperto de mão, que eu julgava então o último (e Deus sabe se o foi!), marcássemos a derradeira paragem entre dois túmulos. Este era o amigo que eu não quisera ter visto no cárcere. Este só podia abrir-me o livro da vida, na página feliz. Outros, que a sabiam, tinham morrido, quando o demónio se constituiu meu cronista nas restantes páginas. Aqueles que a não conheciam, só tinham a recordar-me desgraças: era-me coisa indiferente vê-los.

Cada homem, que sentir em si despeito de não ter sido invocado por seu nome a esta página de gratidão, considere que o livro é um monumento de papel; e que a alma, onde eu recolhi a memória da consolação ou do benefício, é um cofre eterno onde a justiça remuneradora de Deus achará muitos nomes gravados.

XIII

Saí de Coimbra para Vila Real, quando as aulas se fecharam, por motivo da revolução popular de 1846.

À saída de Penafiel, eu e o meu companheiro recebemos aviso de termos pela vanguarda uma guerrilha de realistas, capitaneada pelo tenente Milhundreds.

Quis o meu companheiro retroceder; mas eu convenci-o da desnecessidade de fugirem aos realistas dois pobres académicos, que se presumiam política e socialmente indefinidos neste mundo. Fomos avante.

Exactissimamente. Lá estava, na quebrada de um serro, densa mó de gente armada, com as armas embandeiradas de escarlate. A tiro de bala, mandaram-nos fazer alto, e nós parámos, fiados na lealdade dos parlamentários, que vieram a nós com as clavinas no braço. Eram dois, com o caudilho à frente.

Milhundreds era homem mal encarado. Cinquenta anos teria, e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insígnias de tenente, e dragonas de capitão-mor. Trazia a banda a tiracolo, e uma larga espada de misericórdia enfiada num boldrié de coiro de anta.

– Quem são, e donde vêm? – disse ele.

– Somos estudantes, e vimos de Coimbra.

– Quem vive? – tornou ele.

– O Sr. D. Miguel! – respondemos.

– O Sr. D. Miguel *primeiro!* – replicou o guerrilheiro, acentuando a palavra suplementar, como se a nossa profissão de fé, sem a adição, ficasse equivocada.

– O Sr. D. Miguel primeiro! – repetimos, sacudindo os gorros.

– Então, visto que são dos nossos – retrucou Milhundreds –, andem lá para a retaguarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo, e os senhores, se são estudantes, hão-de fazer coisa que se veja.

Consultei a minha bossa das proclamações, e disse:

–Vamos lá!

O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe de estado-maior. Eu achava extrema graça a tudo aquilo.

Entrámos em Penafiel.

Quando surgimos no cruzeiro, que se ergue ao topo da primeira rua, os moradores da cidade começaram a fechar as por-

– Que ovação! – disse eu ao meu condiscípulo. – Dir-se-ia que somos malta de salteadores que irrompemos das brenhas!

– Se pudéssemos fugir!... – murmurou o meu amigo.

– Cala-te, que isso é sério! – disse eu.

Milhundreds entoou os vivas, aos quais respondemos entusiasticamente. Ao fim da rua engrossaram as nossas forças com três maltrapilhos armados de foices, e defronte da cadeia fizemos junção com um alferes de milícias montado, e alguns pedestres em tamancos.

Repetiram-se os vivas.

– Primeiro que tudo – disse o chefe – vamos à igreja dar graças a Deus.

– Era um *Te-Deum* económico, com profusão de fervor religioso.

Abriu-se de par em par o templo.

E os valentes prostraram-se, e rezaram o *bendito* com grande estridor de vozes.

Evacuado o templo, disse eu a Milhundreds:

– É necessário proclamar?

– É; vá vossemecê escrever um edital, e o seu companheiro outro – respondeu o caudilho.

– Onde é o quartel-general? – perguntei.

– Não sei por ora. Vossemecês onde se vão aquartelar?

– Na estalagem do Mulato.

– Pois então é lá. Eu vou nomear autoridades, e lá vou ter. Amanhã vem aqui fazer junção connosco o brigadeiro Bernardino. O Mac-Donnell já está em campo, e o Cândido de Anelhe é seu secretário. Diga lá isso vossemecê na proclamação.

– Muito bem.

Galopámos para o quartel-general.

– Vamos proclamar? – disse eu ao meu companheiro.

– Pois vai, que eu, em chegando ao cimo da rua, enterro as esporas nos ilhais do macho – respondeu ele, com as cores ainda quebradas.

– Pois não achas isto bonito? Acaso estarás mais divertido na tua aldeia? Tiremos partido de tudo, enquanto não cheira a pólvora. Vamos colaborar numa proclamação em estilo bíblico.

– Pois fica, se achas graça a isto; eu decerto fujo.

– Pois então também eu, que parece estúpida a farsa, se me deixas em monólogo.

Era fácil e segura a fuga, mas honrosa não me pareceu muito. Eu ia envergonhado do meu procedimento, e compadecido do cabecilha. Pareceu-me desgraçado aquele homem, e daí vem o devaneio da simpatia que lhe ganhei. Além de que, de mim confesso sem pejo, não me seria difícil escrever uma proclamação sentida; gramatical não direi. A minha família era miguelista, e festejava, como em sinagoga recôndita, os dias solenes da sua crença. Milhundreds seria o bem-vindo e honorificado em casa de minha família. Ia-me por isso a consciência recriminando de mau coração, de covarde ânimo, e de apóstata vilão.

Tudo isto me esqueceu quando cheguei a Amarante, e só me tornou à memória quando vi, em 1861, entrar Milhundreds preso nas cadeias da Relação.

Já mal se conhecia o antigo chefe de guerrilhas. Longas barbas, eram as mesmas, mas cabelo preto nem um só tinham. Já o dorso lhe carregava o peito arqueado, e o relaxamento dos músculos da face pareciam descair para o banquetete dos vermes.

Desci ao escritório da cadeia para averiguar a sentença e o crime do bravo tenente do exército realista em 1833.

O crime era um roubo de igreja; a sentença eram dez anos de degredo.

Sinceramente me contristei, e fugi de falar com ele para o não obrigar a falar-me de si. Roubo de igreja! Quem o diria, se lhe visse a devoção com que ele entoava o *bendito* em Penafiel, no templo do Deus vivo!

Milhundreds, já pendente aos setenta anos, amava muito a mãe dum filho de três anos, raparigaça de boa cara, e despejada - 'de maneiras e de palavras.

Quando as autoridades acertadamente ordenaram que aos quartos de malta não entrassem mulheres, excepto as que visitassem seus maridos, Milhundreds, com os olhos banhados de lágrimas, passava horas encostado de peito a uma grade, donde podia ver, no saguão da cadeia, o filho nos braços da mãe. A criança conhecia-lhe a voz, e estendia-lhe os bracinhos, choramingando e debatendo-se no colo da espadaúda moça.

Vi sair Milhundreds para o degredo. Enquanto, entre a escolta, à porta da cadeia, esperava os companheiros, as sentinelas consentiram-lhe que tivesse nos braços o menino. Depois, quando lhe estavam amarrando o braço direito a outro dum degredado, sustentava ele ainda a criancinha no braço esquerdo. Isto era triste!

Outra espécie de compungimento me fez um preso desta leva. Saíra duma das

cadeias, chamadas salas, interpostas aos quartos de malta e às enxovias.

Era um moço que aparentava vinte e quatro anos, pelo muito. Conheciam-no os presos pelo Sr. Francisquinho. Vi-o, pela primeira vez, já entre a escolta, fumando por um cachimbo de barro. Não mais desfitei a vista daquela graciosa e bela fisionomia de homem. Trajava jaqueta escarlate e boné de veludilho preto; mas nem sob este traje escondia o garbo das posturas. Olhava em redor com altivez e arrogância, como a rebater os insultuosos olhares de piedade que os circunstantes lhe lançavam.

Inquiri dos crimes deste condenado a dez anos de degredo. Contou-me um seu vizinho que o preso era filho de lavradores ricos da Beira Alta, e de geração nobre por sua mãe, Fora criado à larga, em companhia de tios ricos, que tinha na raia, e lá se afixera a contrabandear em charutos, cobertores, veludos e outros géneros, que lhe deixavam muito dinheiro para as suas larguezas viciosas. Caiu, afinal, nas mãos dos fiscais, e seus pais e tios, para livrá-lo, tinham gastado grosso cabedal. Os tios repeliram-no de sua companhia, e os pais acolheram-no desabridamente, atirando-lhe todos os dias à cara com as despesas e empenhos feitos, por causa dele.

Francisquinho, habituado a gastar à farta, e privado de dinheiro mesmo para fumar, começou a roubar o pão das tulhas, o fumeiro do caniço, e as carnes da salgadeira para vender aos vizinhos. Deram em casa pelos furtos, e fecharam dele tudo. Quis o pai bater-lhe, mas encontrou resistência; quis castigá-lo judicialmente, mas as lágrimas da mãe embrandeceram a justa vingança do velho.

O moço desapareceu da terra, e abandonou-se numa hoste de salteadores, que lhe delegaram a primazia no comando. Ao terceiro assalto que deu com os seus subordinados, Francisquinho foi preso.

Acaso fora à terra da comarca, onde estava a cadeia, o lavrador, e vira chegar uma escolta de povo armado. O povo corria para ela, exclamando:

– São os ladrões!

O lavrador também foi na chusma, e reconheceu o filho. Quis velar com as mãos os olhos, já quando os braços descaíam extenuados pela síncope. Recolheram moribundo o pai do salteador, e mandaram chamar a mulher, sem outra explicação. Veio a infeliz, e passou diante da cadeia a tempo que seu filho ia a perguntas ao administrador. Teve de suster o passo, embargado pela populaça. Encostou-se a uma parede, esperando que passasse a escolta. O povo viu aquela mulher cair sentada, e apinhou-se em volta dela. Capitularam de flato o acidente, e tentaram levanta-la. Amoldava-se ela a todos os movimentos que lhe davam. Os mais entendidos, depois de muito se esforçarem em reanimá-la com anti-histéricos caseiros, disseram que a criatura estava morta.

Entretanto o lavrador perguntava por sua mulher, e ouvia dizer que ela não pudera lançar-se ao caminho por ter adoecido rapidamente. Instava que lhes trouxessem em cavalgadura, embora ela viesse morrer com ele. Esperou três dias; e ao quarto foi procurá-la na eternidade.

Assim me contou a história uma testemunha presencial dos factos.

Francisco foi condenado. Do património de seus pais nada lhe deram. Dizia ele que, passados dez anos, teria trinta e quatro, e bastante força ainda para pedir contas aos administradores da sua casa. Vivia do caldo e do pão da Misericórdia. Enquanto os outros presos se queixavam da insipidez das couves, e despejavam praguejando as tigelas, Francisquinho comia serenamente a sua ração, dizendo em risota, que nunca as santas tinham sido tão maltratadas como entre a canalha da cadeia! *Santas* é o nome que lá têm aquelas esmolos, por serem dadas pela Santa Casa da Misericórdia.

Perguntei ao narrador se Francisco dava sinais de remorsos de ter cavado a sepultura dos pais com a sua infâmia.

Não me entendeu a pergunta o homem. Perguntei-lhe ainda se ele mostrava ter saudades da sua infância.

Deu-se ares de pronta compreensão o preso, e respondeu:

– Pudera não ter! Quem não tem saudades da sua terra? Tomara-me eu lá para tirar os fígados pela boca a quem me meteu aqui!

A linguagem dos setenta presos do salão era assim. No meio de tal gente, como salvaria o degredado no coração as fibras do remorso e da saudade, às quais o esteio da reabilitação poderia atar ainda!

XIV

O Sr. Padre Manuel dos Arcos não era pessoa que eu pudesse esquecer, ficando-me ele tanto à mão ali na cadeia e tendo-o eu lá na conta de homem de mão cheia, e muito de respeitar nas horas em que andava cantando trenos de semana santa nos sonoros corredores.

Padre Manuel teria cerca de trinta e oito anos. Os olhos espelhavam-lhe a alma, que eu sinceramente imaginava má. Fitava-os obliquamente, franzindo o sobrolho, que confinava com a raiz do cabelo.

Estava o padre condenado a calceta perpétua. Não sei de pena mais dura nem mais aviltante!

Perguntei-lhe melindrosamente qual o seu crime, correspondente a castigo tamanho.

– É por causa de uma brincadeira – respondeu ele.

Não redargui, por me parecer que o padre estava azoado com a pergunta, e costumava brincar dum modo pouco suave.

Pedi a pessoas conhecidas dele que me dissessem o modo de brincar do sacerdote. Responderam-me com esta história, compendiada do processo:

Padre Manuel tinha uns amores com uma mocetona do concelho dos Arcos; e a mocetona tinha um irmão honrado, contrário a tais amores.

Prevalencia o coração do padre sobre as razões do irmão, e o escândalo sobre os rumores da opinião pública.

O padre era valente e temido; e a moça, afoitada por ele, afrontava o desprezo, e ostentava despejadamente a sua concubinagem.

O moço pundonoroso, impellido por sua dignidade, arrostou com o terror que protegia o padre. Saiu-lhe uma noite armado, desfechou com ele, e recebeu em retorno uma bala em cheio no peito. O padre saiu incólume da façanha; mas caiu nas mãos da justiça, que o julgou e condenou, agravando-lhe o homicídio com o de roubo sacrílego duma custódia.

Estava padre Manuel nas cadeias de Braga, e entendeu que estava mal.

Em um dia do ano passado, quando as árvores floriam e a passarinhada regorjeava no arvoredado da Senhora-a-Branca e nas Carvalheiras, padre Manuel teve saudades da natureza, e comunicou-as a alguns dos seus companheiros. Fora o caso que todos eles tinham amanhecido saudosos das violetas, da laranjeira em flor, e dos arroios trépidos, e das alfombras de esmeralda. Consubstanciados na mesma paixão da Primavera, resolveram ir saudá-la sob o seu dossel de céu azul, nas agulhas das serras, e nas pradarias das colinas. O carcereiro não era Teócrito nem Delille que lhes entendesse aquele amor bucólico, para lhes abrir as portas, por cujas reixas a natureza lhes sorria, como amante esquiva, que se quer perseguida e amada com proezas de atrevido amor. A filha do carcereiro, se bem que amava as flores e tinha seus arroubos de poesia, era menos poeta que o necessário para deixar ir espreguiçarem-se na relva aquelas líricas criaturas.

Assim rodeados de bárbaros, que desafinavam de seus maviosos anélitos, resolveu o padre e seus consócios arrancarem as chaves da mão da filha do carcereiro, abafarem-lhe na garganta o ultraje feito às suas aspirações, e saírem ao campo a coroaem-se de murtas e manjerona. O bom êxito sucedeu ao plano.

Saíram quatro ou cinco, sorveram a longos haustos o ar das balças, beberam de bruços na fonte borbulhosa dos prados, e cada um caminhou para o seu lado, a fazer finezas às flores mais dilectas, que não é de finos amantes palestrem juntos com suas

damas.

A Primavera usa de tomar às vezes a forma de mulher, ou a enfeita de seus adornos, e se revê e goza nos prodígios que ela faz, e nas adorações que recebe. Foi o que se deu com o Sr. Padre Manuel.

Tomou por caminhos travessios, que o levaram a Arcos, e, porventura, surpreendeu a moça fiando e humedecendo a estriga com lágrimas, se não é que a encontrou contemplativa e sentada no rebordo da pia dos cevados.

Que ímpetos, que júbilos, que colóquios não seriam os dele!

Cuidam, porventura, que ela fez visagens horríveis como as daquela Margarida, cujo irmão fora assassinado pelo Fausto? Tinha que ver, se algum romance pintava a vida como ela é em realidade!

A moça foi à salgadeira, escolheu os melhores salpicões, respigou na horta os mais tenros renovos, e fez a ceia como as mulheres laboriosas de Homero, e ele comeu à tripa-forra como os heróis do mesmo poeta, que conhecia melhor o seu mundo e o nosso, que nós outros romancistas, falsificadores do coração humano.

No dia seguinte, padre Manuel, que ouvira provavelmente em sonhos o rugido ríspido da grilheta, afastou-se dos Arcos, e foi dar consigo a casa do fidalgo da B ***, aí para as raias do Minho.

O fidalgo, notável por sua riqueza e excentricidade, herdou de seus preclaros avós a costumeira de acoitar criminosos, que o braço justiceiro não ousa ir arrancar de lá. Respeitam-lhe a prosápia as justiças de léguas em torno, e não lhe respeitam menos os obuses, com que tem artilhados os torreões do palácio, e os numerosos servos, e o contingente de criminosos, agasalhados nos palheiros da casa impenetrável.

Disse-me o Sr. Padre Manuel que eram quinze os companheiros que lá encontrou. Aquela bonita ala de namorados da natureza saía todas as madrugadas para a caça, bem petrechada de vitualhas para o dia, e voltava à noite com perdizes, coelhos e lebres aos centos.

Viveu padre Manuel esta vida patriarcal e sadia, coisa de um mês. Cuidou em passar dali para Espanha, quando lhe pareceram curtos os horizontes do seu destino, marcados pelo voo de uma perdiz, ou pela corrida de uma lebre. Susteve-se, porém, receoso de que a infernal invenção do telégrafo tivesse pedido à Espanha notícia dos fugitivos da cadeia bracarense.

Entretanto, saudades da moça dos Arcos o inquietavam. Começou ele de a ver nas sombras do crepúsculo, e nos vislumbres rajados do ocidente. Falavam-lhe dela o cicio da folhagem e o murmúrio dos regatos. O acre-doce das flores silvestres era como o perfume da campesina mocetona. Os medronheiros engrinaldavam-se de corolas rubras como as grinaldas dela. Os melros dos sarçais imitavam o timbre das suas cantilenas. A poupa, a rola e a codorniz gemiam como ela, nas horas da saudade.

Não pôde resistir o padre.

Foi aos Arcos; e, já receoso do assalto, hospedou-se em casa de outro padre, seu companheiro dos bancos escolares, e amigo de infância.

Este padre denunciou-o ao administrador do concelho. Que dignos amigos eram os dois ministros da caridade! Um valia o outro.

O administrador assaltou-o em ocasião oportuna, pondo o peito à clavina com que padre Manuel se defendia. O dedo que premia o gatilho paralisou-o a mão da Providência. O homicida entregou-se covardemente à prisão, sem ter disparado sobre o adversário, que era um só.

As autoridades, desconfiadas da segurança das cadeias provincianas, remeteram o padre à Relação, onde ele está esperando lhe soldem no pé a grilheta que há-de arrastar por toda a vida, e ante os olhos das pessoas que lhe receberem a bênção, consumado o

sacrifício incruento.

Padre Manuel dos Arcos vive folgadoamente na Relação, se é que não se esconde para chorar. Eu receio de dar como certo que este homem não chora. As noites na cadeia têm muitas horas solitárias; se ele desvela algumas, essas devem de ser dilacerantes. Pode muito bem ser que ele as durma todas, ou cogite em tirar do pé a algema, estampá-la na testa do guarda, e dizer ainda pacificamente a sua missa no novo mundo.

Se nisto pensa, fácil é explicar o uso que ele faz de sua boa voz de tenor, entoando as lições de Jeremias, e as *Glórias*, e o *ite, missa est*.

Aquele homem tem destinos de garganta a cumprir, contra os quais não há-de prevalecer a grilheta.

Ali conheci eu, na cadeia, um alfaiate, condenado também a três anos de trabalhos, como passador de libras falsas.

– Meu pai não me mandou ensinar o ofício de alfaiate – dizia ele – para eu ir agora calçar as ruas do Porto.

Chumbaram-lhe o ferro, e vigiaram-no. Poucos dias volvidos, o alfaiate estalou a grilheta com uma curta alçaprema, e fugiu. Seis meses depois escrevia ele do Rio de Janeiro, participando aos seus amigos que ia estabelecer-se numa província com abono de um seu irmão, e tencionava, passados anos, voltar a Portugal, tão rico que nem os seus mesmos amigos haviam de conhecê-lo.

Isto é que é muito possível.

Quem me diz a mim que eu não hei-de ainda chegar-me à portinhola da sua carruagem, para que o mundo me veja nobilitado por um aperto de sua mão?

E quem assevera ao leitor que aquele padre Manuel dos Arcos não acabe por ser um bispo exemplar, e um cristão penitente, menos criminoso decerto que aquele santo Jacobo de quem diz tanta maldade e tanta virtude o padre Manuel Bernardes na sua *Floresta*?!

XV

Quando eu tinha dez anos, e vivia em Vila Real, morava defronte de um procurador de causas, que tinha um filho da minha idade, menino muito sisudo e galante. Se eu o convidava a apedrejar algum transeunte, Leonardo recusava-se a esta camaradagem ignóbil, e escondia-se para não dar suspeitas de cumplicidade nas minhas travessuras de fundibulário. Eu zombava do pequeno Leonardo, quando o via sair muito composto e grave, desviando-se quanto podia do contacto do rapazio, que lhe fazia arruaça por causa da sua seriedade.

Passados onze anos procurou-me no Porto um moço bem apessoado e mal trajado. Disse-me ser o Leonardo da minha infância; contou-me desgraças, que me já não lembram, e pediu-me dinheiro para transportar-se a Lisboa.

Dois anos depois vi-o em Lisboa, menos mal figurado de trajos; e, se bem me lembro, estava ele empregado numa caserna militar como mestre de alfaiate.

Decorridos seis anos, estava eu na Foz, e vi de relance o bizarro Leonardo Capela encavalgando um cavalo preto, e dando upas inglesas no selim.

Entre mim pensei que a fortuna absurda, ou o acaso de uma lotaria tinham habilitado o moço a grandes destinos. Recordei, depois, a bondade e juízo da criança que eu conhecera aos dez anos, e tirei dai a possibilidade de ter sido o homem afortunado. pelo caminho da virtude.

Ao outro dia procurou-me na Foz, a senhora em cuja hospedaria eu morava no Porto, e contou-me o seguinte:

– Ontem à tarde foi o senhor procurado por um sujeito bem parecido e asseado. Disse-lhe que o senhor estava na Foz, e ele mostrou pesar de o não achar. Depois disse-me se eu tinha uma sala com duas alcovas para ele e sua família, que chegava do Douro no dia seguinte. Mostrei-lhe a casa que eu tinha disponível, e ele achou-a remediável, preferindo a incomodidade ao prazer de estar na sua companhia, quando o senhor voltasse da Foz, porque era um dos seus principais amigos.

– Como se chama? – atalhei.

– Teotónio José de Sousa.

Meditei, e disse à senhora:

– Não sei quem é.

– Decerto não sabe. Pediu um banho, tomou chá, e recolheu-se ao seu quarto.

– Ao meu?!

– Não, senhor, ao dele, no primeiro andar, que preferiu ao segundo, apesar de pior. Esta manhã foi dizer-me a criada que o hóspede tinha saído de madrugada. Entendi que fora esperar as irmãs. Às nove horas entrei no quarto, e não vi roupas na cama, nem objecto algum na saleta, excepto as mesas e as cadeiras.

– De sua história concluo que está a senhora roubada.

– É verdade. Queria que o senhor me dissesse a quem me hei-de queixar.

– Não se queixe a ninguém.

– Pois eu hei-de perder a minha roupa?

– Se não quiser perder as despesas que fizer para a ganhar.

Passados três dias, as locais do jornalismo diziam que um cavalheiro de indústria alugara um óptimo cavalo ao Miguel do Bonjardim, para ir a Braga, e fora sem criado por ser freguês da casa, e já ter merecido a confiança do feitor. Acrescentavam os jornais que o cavalheiro, nomeado Tibúrcio de Lemos, vendera em Braga o cavalo, e desaparecera. Davam-se os sinais para que as autoridades o capturassem.

Ao cabo de seis meses, é citada a dona da hospedaria para ir reconhecer à

administração o preso que dizia chamar-se Teotónio José de Sousa. Foi, e disse ser o próprio, conquanto as barbas fossem diferentes. O alquilador, também presente, reconheceu ser aquele o Tibúrcio de Lemos. E pessoas, que melhor o conheciam, depuseram chamar-se ele Leonardo Gomes Capela, nome que os jornais divulgaram em conformidade com o assento baptismal.

Aqui está, pois, no que desfechou aquela sisuda criança dos dez anos!

Leonardo foi ao júri. A dona do hotel foi citada para depor, e absteve-se de jurar, a meu pedido. Eis aqui como se ele defendeu do roubo feito na hospedaria:

Recolhera ao seu quarto uma infeliz que vagabundeava nas ruas do Porto, cujas lajes eram o seu leito ordinário. Isto dissera Leonardo em tom de pungimento, como quem encabeça um discurso contra a dissolução dos costumes, e contra a imprevidência da civilização e da policia na miséria das dissolutas.

Ajuntou que, alta noite, a infeliz começara a dar gemidos agudíssimos, queixando-se de uma pontada, e que ele, compadecido, saíra à rua a procurar botica, onde comprasse óleo de amêndoas doces, para minorar-lhe a dor. Voltando com o remédio, não achou a mulher, nem a roupa. Saiu arrebatado em demanda da ladra astuciosa, e não a viu. Consultou os seus recursos para pagar o roubo, e achou-os insuficientes. Hesitou entre fugir, ou contar à senhora do hotel o sucesso; temendo, porém, que ela o não visse a toda a luz da sã moral, que o fizera vítima de sua caridade, preferiu não voltar mais.

Ignoro como ele planeou a defesa do roubo do cavalo; o que sei é que foi condenado em cinco anos de degredo Leonardo Gomes Capela.

Estava no Limoeiro esperando saída de navio para cá. Nesse tempo casou o Senhor D. Pedro V, e o condenado foi um dos perdoados entre os muitos a quem Sua Majestade perdoou no acto de seu consórcio.

Leonardo foi estabelecer-se de alfaiate em Bragança, e conseguiu fregueses e amigos, contando a todos contritamente os desatinos de sua infeliz mocidade, e protestando fazer-se digno do perdão de El-Rei.

Melhorado em fortuna, começou a jogar, perdeu os ganhos, a estima, a confiança e os fregueses.

Num desses dias aziagos, que sucedem às noites do jogador perdido, Leonardo, sabendo que um mancebo sorteado oferecia vinte e cinco moedas a quem assentasse em cavalaria praça por ele, recebeu o dinheiro, e fez-se soldado.

Dois meses depois, atraído pelas blandícias de uma moça que viera de Bragança para o Porto, desertou, cerceou os bigodes, trocou o fardamento, e permaneceu no Porto, até que um novo crime o denunciou.

O novo crime foi um roubo de cordão e argolas a uma mulher que o admitira à sua confiança sob promessa de casamento.

Preso e julgado, foi condenado em quinze anos de degredo, e permaneceu dois anos no calabouço no quartel de Santo Ovídio, esperando que o relaxassem as justiças civis para ir cumprir sentença.

Vi entrar na Relação o meu vizinho de infância, e não o conheci. Ouvi-lhe pronunciar o nome, e as circunstâncias de seus crimes; então vi a criança de 1836, e o perpassar daquelas risonhas cenas em que ele me aparecia com gestos de censura às minhas tropelias, e com grandes aplausos e bons agouros da vizinhança, a quem eu era odioso.

Leonardo era conhecido na cadeia pela antonomásia de *janota*. Este epíteto granjearam-lho os seus coletes brancos e gravatas de cetim, os seus casacos imaginosos com grandes laçarias de alamares, e sobretudo o acume de esmero em que trazia a cabeleira calamistrada e os bigodes anelados.

A sua especial ocupação era cantar árias italianas com excelente garganta e gosto.

Se não cantava, discutia questões filológicas com o mestre-escola José Dias, as quais degeneravam em descompostura brava por causa da prosódia. Algumas vezes, de comum acordo, me fizeram a honra de me nomear árbitro da contenda. Versava ela uma vez sobre o termo *tácito*. Queria o Sr. José Dias que fosse *tacito*, e o outro ajustava-se à etimologia latina. Decidi a favor do etimológico, e perguntei ao professor se estava convencido. Não estava, por uma forte razão que me entalou, e era:

– Se dizemos *cabrito* e não *cábrito*, a regra é que se diga *tacito* e não *tácito*.

Minguado de argumentos, calei-me, e perdi um pouco a minha reputação, suplantada pela do Sr. José Dias, o que sinceramente estimei para glória do bom homem e descanso meu, que nunca mais fui consultado em tais matérias.

Andava ligada ao destino do Sr. Leonardo uma mulher, que me infundia muita compaixão quando a encontrava sentada nas escadas lamacentas da cadeia, escondendo no capote o delicado e magro rosto.

Esta malfadada acompanhou o degredado a Lisboa para dali passar com ele à África. Leonardo era casado não sei onde; e como não pudesse levar de Lisboa a infeliz sem provar que ela era sua legítima mulher, facilitou o vencimento do obstáculo, casando segunda vez, à maneira de mui respeitáveis e santos patriarcas do povo de Deus, que fizeram o mesmo, e de grandes reis e senhores que se conchavaram com Roma, antes ou depois de o fazerem.

De hoje a quinze anos tem o Sr. Leonardo Gomes Capela cinquenta e um. Pode ser que a velhice o torne bom e honesto como fora na infância.

Que contrastes!

Há dois anos estive eu na modesta casa duma irmã do condenado em Vila Real. Casara ela com um cavalheiro, empobrecido por demandas. Estava rodeada de filhos, e repartia por todos pequenas fatias de pão, e grandes manjares para a alma, admoestações amorosas de paciência e confiança na misericórdia divina. O pai daqueles meninos, que ali estava encanecido, conhecera-o eu, há vinte e quatro anos, moço abastado e jactancioso do seu hábito de Cristo, herdado dos avós.

Que contrastes!

É coisa que me dói cotejar estas desfigurações do tempo; mas iria de vontade nela, se o leitor me não estivesse dizendo que não há que ver entre o cavaleiro de Cristo e a cadeia.

XVI

Desci um dia às enxovias da Relação. Demorei-me no antro, onde morava o carrasco, aposentadoria devoluta, desde que o último morreu, em 1833, às mãos do povo.

Nem todos os carrascos ali viviam agrilhoados como tigres necessários à vindicta da humanidade. Um velho executor de alta justiça, adido ao tribunal da Relação, quando a decrepitude lhe desnervou as pernas, tinha licença de sair e aquecer ao sol de Deus as mãos com que tinha estrangulado dúzias de gargantas de filhos de Deus. Os rapazes assobiavam-no nas ruas, e ele dizia com sorriso de bondade: «Nosso Senhor vos guarde das minhas unhas.»

Nessa visita ocasionou-se-me conhecer o preso, que modernamente se oferecera para carrasco. Era um carpinteiro condenado à forca, homem de cinquenta anos, e maneiras atenciosas e humildes. O governo não lhe aceitou nem rejeitou o oferecimento do seu préstimo.

Era preciso ao Sr. Abreu trabalhar no seu ofício, e gozava muita liberdade como carpinteiro da casa, a quem pagava a procuradoria régia, e a quem os presos particularmente pagavam pequenas obras por desmesurados estipêndios. O carcereiro-interino, que então governava, compartia dos lucros, e vedava aos encarcerados o direito de chamarem outro operário.

Antes isto, porém, que o funcionalismo da forca.

Amava o carrasco em perspectiva uma presa, mocinha de quinze anos, que para ali viera aos doze, arguida de ladra. Era bonita a rapariga, filha de Avintes, e adornada de sécias graças que a natureza desperdiça por as mulheres daquelas bandas. O ar pestífero da cadeia não empeceu ao desabrocharem as virginais flores da gentileza de Maricas; mas a beleza moral estava derrancada nela, e cancerada em postemas, que a não estremavam das mais desbragadas companheiras.

Era esta a amada do carpinteiro, e amada com a ferocidade com que se amava a si próprio, ele à vida própria, que cuidara salvar da forca, ofertando-a para saldar contas entre os criminosos e a sociedade.

A padeirinha respondia-lhe da grade com olhares industriosos, e não era mais esquiva às carícias do José do Telhado.

O Sr. Abreu, esperançado em tê-la como esposa, no degredo ou no latíbulo dos algozes, tudo lhe dava, quanto apurava de seu trabalho, ora em anéis, ora em cordões, e frequentes vezes em manjares, banqueteadando-se juntos, face a face, à mesma mesa.

A hidra do ciúme mordera o coração de José do Telhado, e não seria milagre se o carpinteiro, nas mãos do ilustre salteador, experimentasse as agonias para cujo ministério ele se achara apto.

Soube o Sr. Procurador Régio das rixas motivadas pela moça, e mandou fechar em sua prisão o carpinteiro, vedar o acesso de José do Telhado à grade da presa, e aferrolhar as portadas das reixas por onde ela assestava os olhos inflamatórios. O carpinteiro rugia como leão cativo; e a padeirinha cantava a *Cana-Verde* como qualquer dama, educada a primor, cantaria uma ária, enquanto o seu Werther se morria de amores dela.

Afinal, a moça cumpriu sua sentença, e foi para Avintes bem dourada e dotada com seis anos de trabalho do aspirante a carrasco. Se um dia o homem realiza o almejado encarte, com que raiva se não vingará ele dos ultrajes da moça, nos pescoços dos padecentes?!

Mostraram-me uma lura de cantaria onde antigamente se depositavam as cabeças dos supliciados, reservadas para estudos analíticos dos frenologistas. Resisti à mentira, alegando que a fábrica da cadeia data do último quartel do século passado, e os despojos dos padecentes foram sempre integralmente recebidos pela tumba da Misericórdia, cumprida a execução, ou passados os dias da exposição das cabeças, caso excepcional acontecido em 1829. Enquanto a estudos frenológicos, as ciências escolares de anatomia com anfiteatro no Porto são muito recentes, e os antigos professores em medicina achariam estúpida a congruência do crime com as desigualdades do cérebro.

O suposto repositório de cabeças, a meu ver, era uma das prisões denominadas segredos, e mais nada.

Nesse descendimento que fiz ao inferno da Relação, pude conhecer o famigerado juiz das cavernas de Matosinhos, o Sr. António José de Miranda, terror dos seus subordinados, e homem especialmente aceito às autoridades fiscais da cadeia, como denunciante de todas as tentativas de fuga, e destemido bastante a aceitar a responsabilidade da denúncia pérfida, em meio de cinquenta homicidas.

Miranda era caseiro dum proprietário dos arrabaldes de Barcelos. O senhorio foi um dia a sua casa arrecadar rendas em dinheiro, e passou o recibo. Saiu; e logo fora da porta encontrou-se com o seu caseiro, que o matou, e enterrou num prado, auxiliado por um servo. Sobre a sepultura do proprietário passou depois anos a charrua, e enloureceram as messes de feliz colheita. No dizer do Sr. Miranda, o torrão adubado pelo cadáver era mais fértil que o restante da cortinha; e, por desgraça, andaria ele cogitando em acondimentar as terras de sua lavra com os cadáveres dos senhorios sucessores do defunto, quando o criado, em vingança de maus tratos recebidos do amo, denunciou à policia a sepultura do lavrador, cujo destino andava desfigurado por conjecturas diversas. Cavado o local, foram enxumados os ossos, e o homicida sentenciado a pena capital.

Recomendou-o a sua ferocidade ao carcereiro, e à presidência da Relação, que, segundo proposta daquele, o nomeou juiz. Se me não doesse a profanação, compará-lo-ia ao profeta na cova dos leões. Rodeavam-no rancorosos homicidas, todos condenados à forca, e nem um se arriscava a derramar algumas gotas mais de sangue. Miranda, fiado em sua faca de experimentado gume, passeia entre eles, anediando as barbas, e revolvendo a todos os lados os olhos.

O preso de quem ele mais se acautelava era o façanhoso Favaios, desertor, que merecera em Espanha ser condecorado, honra invaliosa para salvá-lo da pena última, provada a arguição de quatro assassínios nas encruzilhadas em que ele saía sempre sozinho, para se não desavir na repartição da presa. Dizia, com irónico remorso, que a maldade mais pesada em sua consciência fora matar um homem para se lhe apossar de um burro, em ocasião que ele, o homicida, ia fatigado de jornadas, e com os pés escalavrados dos maus trilhos, onde a perseguição da justiça não ia.

Favaios meditava sempre na fuga, e figurava em todas as tentativas. Dizia que, se um dia conseguisse fugir, não voltaria mais a ferros, sem que o ferro da sua navalha se gastasse em carnificina.

Estava ele, há quatro meses, encostado à porta gradeada da sua enxovia, e notou que a porta estava apenas encostada ao batente. Esta porta abria para o pátio central da cadeia, onde estavam dois guardas em vigia. Do pátio à rua interpunham-se duas portas de ferro, que fariam esmorecer o plano dum preso que não fosse o Favaios, sedento de liberdade, e do sol que não vira nos últimos nove anos da sua vida.

Afastou-se da grade de jaqueta e calça, bebeu um púcaro de aguardente, coseu com o braço a faca aberta, e esperou que entrassem ao pátio as famílias dos preses, como costumam, na hora da comunicação.

Azado o ensejo, empurrou mansamente a porta, passou por entre os guardas, achou abertos os dois gradões, desceu ao pórtilo da cadeia, passou pela sentinela, atravessou a passo lento a Praça da Cordoaria, e seguiu seu caminho, deixando ao fio eléctrico a maravilhosa faculdade de transmitir às justiças de Portugal a notícia da sua fuga, e sinais.

Os guardas da cadeia, a quem naquela hora competia vigilância, foram demitidos.

Ao cabo de três meses era de supor que Favaio estivesse no Brasil agenciando a sua vida, escapada do patíbulo ou da grilheta vitalícia, quando uma escolta o restituiu ao carcereiro, de modo desfigurado que era só reconhecido pela voz. Tinha sido capturado nas vizinhanças da sua terra, que é a vila do seu apelido. Fora para ali, espreitando oportunidade de matar o inimigo, que fora causa à sua condenação; esquecera-se, porém, da seriedade de seus projectos, e na véspera de Natal festejou em demasia o nascimento do Redentor, enfrascando-se até perder o acordo, de modo que fácil foi algemarem-lhe os pulsos, inábeis para a defesa, quando emergiu do letargo da violência.

É credor de não menos especial menção o Sr. Luís António de Brito, juiz da prisão de S. José, preso desde 1847. Dizem lá que ele fez dezassete mortes; é calúnia. O Sr. Brito apenas matou nove homens, segundo ele confessa, e não há razão alguma para duvidarmos de sua palavra honrada. A mim me disse ele que tinha particular prazer em matar um padre, prazer cujas delicias saboreou quatro vezes. Um dos quatro matara ele, porque uma sua irmã se afeiçoara ao padre, e este a ela. Para justificar o seu rancor à clerezia, disse-me o Sr. Brito que um padre lhe empolgara a esposa, logo que a justiça o empolgara a ele. Quando isto dizia, os olhos do Sr. Brito tingiam-se de vermelho, e denotavam visivelmente quão abrasada lhe estava a alma das sedes dum quinto prazer.

O único homem que José do Telhado temia era Luís de Brito; e Brito guardava igual acatamento a José do Telhado. Está feito o elogio de ambos.

Como juiz, o Sr. Brito era um modelo de funcionários, e tinha rasgos de generosidade. Quando o carcereiro-interino, um tal Guimarães (despedido, depois, como ladrão, do serviço da cadeia, pela mesma causa que os seus confrades são levados violentamente para lá) obrigava o preso indigente a vender a jaqueta, sua coberta única, para pagar a carceragem, o caritativo juiz pagava de seu bolso, ou fintava os presos mais abastados para valerem ao pobre.

O Sr. Brito era amado por uma esbelta moça, como João Sgobar o fora de uma heroína de Chames Nodier. Salta aos olhos que a simpatia da ferocidade contra clérigos os aliançou para a vida e morte. Conta-se que a desempenada rapariga espancara dois cónegos, tentadiços a disputarem-na ao preso. Então se convenceu o Sr. Luís de Brito que os padres lhe eram fatais, e andavam pactuados em vingar, no que mais caro lhe era a ele, a passagem dos outros quatro para o bátrio, de que o Sr. Brito era activo recoveiro, segundo parece.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
